



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA

Av. General Carlos Cavalcanti, 4748 - Bairro Uvaranas - CEP 84030-900 - Ponta Grossa - PR - <https://uepg.br>

RESOLUÇÃO CEPE - Nº 2023.25

Aprova Novo Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em História, da UEPG.

O CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO, no uso de suas atribuições legais e estatutárias, na reunião do dia 07 de março de 2023, *considerando* os termos do expediente protocolado sob nº 23.000007389-4, de 06.02.2023, que foi analisado pelas Câmaras de Graduação e de Extensão, através do Parecer deste Conselho sob nº 2023.31, *aprovou* e eu, Vice-Reitor, sanciono a seguinte Resolução:

Art. 1º Fica aprovado o Novo Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em História, da Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG, na forma do *Anexo* que passa a integrar este ato legal.

Art. 2º Esta Resolução entrará em vigor na data de sua publicação. Reitoria da Universidade Estadual de Ponta Grossa.



Documento assinado eletronicamente por **Ivo Mottin Demiate, Vice-reitor**, em 16/03/2023, às 16:20, conforme Resolução UEPG CA 114/2018 e art. 1º, III, "b", da Lei 11.419/2006.



A autenticidade do documento pode ser conferida no site <https://sei.uepg.br/autenticidade> informando o código verificador **1351127** e o código CRC **7675F4D6**.



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA PROJETO PEDAGÓGICO DE CURSO LICENCIATURA EM HISTÓRIA

1. CONTEXTUALIZAÇÃO

1.1 Atos Legais

A UEPG foi criada pelo Governo do Estado do Paraná, através da Lei nº 6.034, de 06 de novembro de 1969, e Decreto nº 18.111, de 28 de janeiro de 1970. Foi reconhecida pelo Governo Federal através do Decreto nº 73.269, de 07/12/73 que, simultaneamente, aprovou seu Estatuto, o Regimento Geral e o Plano de Reestruturação.

1.2 Endereço

Página: <http://uepg.br>

Fone: (42) 3220-3000

Campus Uvaranas - Av. General Carlos Cavalcanti, 4748, CEP 84030-900 - Ponta Grossa – Paraná.

Campus Central - Praça Santos Andrade, 1 – CEP 84010-790 - Ponta Grossa – Paraná

1.3 Perfil e Missão da IES

O Princípio Fundamental da Universidade Estadual de Ponta Grossa se expressa em seu Estatuto da seguinte forma: respeito à dignidade humana e aos direitos fundamentais, proscrevendo os tratamentos desiguais por motivo de convicção filosófica, política ou religiosa e por preconceitos de classe e de raça.

Consoante com tal diretiva, a vida universitária e as atividades acadêmicas e administrativas na UEPG serão regidas pelos seguintes princípios:

I – liberdade de cátedra e liberdade de expressão para todos os membros da comunidade universitária;

II – respeito à diversidade e pluralidade de pensamento, priorizando o diálogo permanente com todas as instâncias constitutivas da comunidade universitária;

III – democracia interna, de forma a assegurar a participação e representação de todos os segmentos na gestão da Universidade e o respeito às decisões dos órgãos colegiados;

IV – promoção do diálogo entre o saber científico ou humanístico que a Universidade produz, e os saberes leigos, populares, tradicionais e urbanos provindos de diferentes culturas, entendendo a Universidade como espaço público de conhecimento e de democratização do saber;

V – estabelecimento de políticas de ensino, pesquisa e extensão que assegurem legitimidade institucional;

VI – conduta ética em todos os campos de atividade, com estrita observância dos princípios da legalidade, da impessoalidade, da moralidade e da publicidade;

VII – defesa intransigente de seu mais precioso ativo: a diversidade interna, que corresponde às diferenças dos seus objetos de trabalho – cada qual com uma lógica própria de docência e de pesquisa –, de suas visões de mundo e dos valores que pratica;

VIII – compromisso com a construção de uma sociedade justa socialmente, ambientalmente responsável, respeitadora da diversidade e livre de todas as formas de opressão ou discriminação de classe, gênero, etnia ou nacionalidade;

IX – equidade no desenvolvimento acadêmico, ancorados na qualidade política e formal e na estabilidade e pertinência dos processos educativos da Instituição;

X – fortalecimento das bases científica, tecnológica e de inovação, permeada pelo princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão;

XI – produção, divulgação e socialização do conhecimento científico, respeitando-se os direitos de propriedade intelectual;



XII – promoção de diálogo intersetorial e interinstitucional, viabilizados através da formação de parcerias, redes e consórcios entre programas de pós-graduação e pesquisa em âmbito institucional, regional, nacional e internacional;

XIII – gratuidade do ensino público na educação básica, graduação e pós-graduação stricto sensu;

XIV – valorização da cultura nacional;

XV – interação continuada da Universidade com a sociedade;

XVI – comprometimento com a expansão da rede pública de instituições de Ensino Superior;

XVII – integração e interação com os demais níveis de ensino, em particular com a Educação Básica;

XVIII – flexibilidade curricular, visando à ampliação do conceito de atividade acadêmica.

1.4 Dados Socioeconômicos da Região

A UEPG vem desempenhando, desde a década de 1960, o papel de pólo irradiador de conhecimento e de cultura da região centro-sul do Paraná, desenvolvendo o ensino de graduação e pós-graduação, a pesquisa e a extensão. Ponta Grossa é um município paranaense distante 117,70 km da capital Curitiba, com uma população de aproximadamente 355 mil habitantes, de acordo com o último levantamento de 2020, IDH-M de 0,763, e densidade demográfica de 170,1 hab/km².

A cidade, também conhecida como "Princesa dos Campos Gerais", é a 4^a (quarta) mais populosa do Paraná e a 76^a (septuagésima sexta) do Brasil. A área de influência da UEPG se estende por vários municípios paranaenses. Grande parte das comunidades pertence às microrregiões dos Campos Gerais e dos Campos de Jaguariaíva, vasta superfície de estepes por onde adentrou o Paraná a civilização Tropeira, através do caminho das tropas, que ligava Viamão (RS) a Sorocaba (SP). A invernada de bois e muares das tropas marcou fortemente a economia desse espaço geográfico desde os séculos XVII e XIX até a chegada das ferrovias, na virada do século. A partir daí, a excepcional posição geográfica de suas cidades passou a permitir o desenvolvimento de atividades industriais, alimentadas pelo sistema de transportes, que transformou Ponta Grossa, Jaguariaíva, Irati e União da Vitória em polos industriais de certa monta, o que ainda hoje se reflete na vitalidade do setor secundário nesses municípios.

Hoje em dia o município ainda é reconhecido como um polo agroindustrial (esmagamento de soja, moinhos de trigo, fábricas de cerveja, de massas alimentícias, além de um forte segmento metalomecânico). Telêmaco Borba, Jaguariaíva e Arapoti concentram significativo percentual das indústrias brasileiras de papel e papelão, algumas desde 1940. Sendo a transformação industrial fortemente vinculada ao processamento direto de produtos da agricultura e da silvicultura, parece evidente a alavancagem do setor primário regional, lócus hoje de importantes pesquisas relacionadas a técnicas agrícolas adequadas aos solos estépicos regionais (Embrapa, Iapar, Fundação ABC) e ao desenvolvimento da silvicultura (estas, especialmente patrocinadas pelas grandes papeleiras, como Pisa, Inpacel e Klabin). Em ambos os casos, a grande extensão de terras da região, aliada à necessidade de obtenção de oferta firme e constante, tem levado a uma "industrialização da agricultura" e da silvicultura.

Já a região sul se caracteriza pela agricultura colonial inaugurada pela imigração polonesa e ucraniana, exercida em propriedades de pequena extensão. Tradicional fornecedora de erva-mate aos mercados mundiais desde meados do século XIX até a década de 1930, a região voltou-se, após a Depressão, à exploração das matas de Araucária. A maneira predatória com que foi exercida essa atividade acarretou estagnação econômica a partir dos anos 1960, restando hoje uma indústria madeireira, em União da Vitória e adjacências, voltada a produtos de maior valor agregado, como esquadrias e móveis de madeira. Também na região sul são desenvolvidas atividades papeleiras, porém



de menor porte em relação às da região campestre. Um importante polo cerâmico vem se desenvolvendo nas últimas décadas no triângulo Ibituva-Guamiranga Prudentópolis.

Em ambas as mesorregiões, destacam-se a atividade da pecuária leiteira e da indústria de laticínios (Carambeí, Castro, Palmeira e Irati), calcada em cooperativas de produtores e desenvolvida em moldes tecnicamente avançados. Fortes laços culturais ligam o centro e o sul paranaenses, desde primórdios do século XX, quando a ferrovia inaugurou Ponta Grossa como capital regional, transformando-a de “capital da poeira” em fornecedora de bens e serviços para o interior paranaense.

O processo de industrialização aconteceu na cidade no período entre 1975 e 2005 impulsionado pela boa infraestrutura de transporte, mão-de-obra qualificada e barata, com a presença marcante da UEPG. Algumas das plantas industriais instaladas em Ponta Grossa são: Monofil, LP Masisa, Braslar Eletrodomésticos, Makita, Cervejarias Heineken, Continental, Tetra Pak, Beaulieu do Brasil, Cargill, Bunge, Louis Dreyfus Commodities, Nidera, Brasil Foods, CrownCork Embalagens, entre outras, principalmente do ramo moageiro-alimentício. Na região do Distrito Industrial também está instalado o armazém graneleiro da Companhia Nacional de Abastecimento – CONAB, o maior complexo armazenador de grãos do Brasil, com capacidade estática para 420 mil toneladas.

O município de Ponta Grossa, por meio da união de esforços de grande grupo de gestores como Prefeitura Municipal, Associação Comercial e Industrial – ACIPG, Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – SEBRAE, Federação das Indústrias do Paraná – FIEP, Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social de Ponta Grossa – CDESPONTA, Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG, Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR, dentre outros, está implantando o Parque Eco.

Considerando que o agronegócio é a principal fonte de riqueza tanto para a região dos Campos Gerais quanto para o estado do Paraná, o desenvolvimento de tecnologias mais sustentáveis e que proporcionem incremento no rendimento de grãos, frutas e olerícolas é de fundamental importância. A região dos Campos Gerais do Paraná é pioneira na adoção do sistema plantio direto – sistema que tem causado uma das maiores revoluções na agricultura brasileira por ser considerada uma das estratégias mais eficazes para aumentar a sustentabilidade da agricultura em regiões tropicais e subtropicais, e frequentemente utiliza e difunde tecnologias de ponta na agricultura.

Nessa região são produzidos mais de 160 produtos agropecuários e há um sistema consolidado de cooperativas agropecuárias que apresentam faturamento médio anual de aproximadamente 1,5 bilhão de reais. Esta vocação deixa clara também a importância da UEPG como formadora de profissionais qualificados nos cursos de Graduação e Programas de Pós-Graduação em Agronomia, Ciência e Tecnologia de Alimentos, Bioenergia, Zootecnia e Computação Aplicada, os quais têm como grande foco o desenvolvimento científico e tecnológico da agricultura, por meio da realização de estudos voltados para a produção de alimentos e energia com o auxílio da computação, visando maior precisão e sustentabilidade da agricultura. Como consequência, novos conhecimentos têm sido gerados e repassados para a comunidade científica e aos agricultores, contribuindo com métodos e técnicas inovadoras de manejo de solo, culturas e insumos agrícolas para propiciar uma agricultura mais sustentável.

Na área da saúde, Ponta Grossa é a cidade-pólo da mesorregião centro oriental do estado do Paraná. A UEPG, desde antes da sua criação, ainda como faculdades isoladas, já tinha tradição na área de saúde, com os cursos de Farmácia, Educação Física e Odontologia. A vocação da UEPG na área de saúde e biológicas é demonstrada pela formação de recursos humanos de excelência nos cursos de graduação em Farmácia, Enfermagem, Odontologia, Biologia e recentemente em Medicina. Nesse sentido, essas áreas têm diversas atividades de ensino e pesquisa, por meio dos cursos de Mestrado em Ciências Farmacêuticas e de Mestrado e Doutorado em Odontologia. Além disso, com uma interface bastante estreita com a área da saúde, está o curso de Mestrado em Biologia Evolutiva.



Dessa forma, considerando a importância da cidade no contexto da saúde regional, as carências e necessidades da população em termos de saúde, justificadas pelos baixos valores de IDH de algumas cidades atendidas, os cursos de Pós-Graduação citados têm uma importância ainda maior, a de formar pesquisadores e profissionais de elevado nível para contribuir com o desenvolvimento regional. Além da projeção regional, a área de saúde da UEPG tem se destacado pela atração de pós-graduandos de vários países da América Latina.

A formação de professores para atuação na Educação Básica, desde 1950, atende as áreas de Matemática, Química, Física, Biologia, Geografia, História, Letras, Pedagogia, Artes Visuais, Música e Educação Física. Os cursos de Licenciatura da UEPG vêm desenvolvendo um trabalho coletivo reconhecido nacionalmente pelo caráter inovador das ações da Comissão Permanente das Licenciaturas – COPELIC e dos Programas voltados à formação docente (PIBID, PRODOCÊNCIA). Projetos e atividades extensionistas voltados à melhoria do Ensino Básico e a formação inicial e continuada de professores são desenvolvidos pelos professores da Instituição. Soma-se a isso a parceria da UEPG com a Secretaria de Estado da Educação.

A atuação dos Programas de Pós-Graduação em Ciências, Educação, História, Geografia, Linguagem e Matemática na formação de pesquisadores e docentes para atuação na Educação Básica e Educação Superior se caracteriza como um polo de fomento e irradiação de pesquisas e inovações na área educacional. As áreas de Ciências Jurídicas e de Ciências Sociais e Aplicadas defendem a perspectiva da interdisciplinaridade na construção do saber científico, dada a própria complexidade dos fenômenos da vida social. A atuação dos Programas de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas e Jornalismo numa das áreas de menor IDH do Estado do Paraná, demanda à UEPG a realização de estudos e pesquisas que contribuam para a compreensão desta realidade, com o objetivo de subsidiar intervenções possíveis que conduzam à elevação dos padrões de justiça e inclusão sociais.

A UEPG também se dedica, desde 1985, a política de fundação de *campi* avançados, hoje reproduzida pelas demais componentes do sistema estadual, que chegou a contar com cinco conjuntos universitários fora da sede. Nas instalações fora da sede, em face da demanda limitada, têm sido ofertados cursos diversos de forma rotativa, de maneira a não saturar o mercado de trabalho local e regional.

Outro aspecto da inserção da UEPG, que remete ao contexto estadual e nacional, se dá através da Educação a Distância, iniciado com o Curso Normal Superior com Mídias Interativas integrante do Programa Estadual de Formação de Professores das Séries Iniciais do Ensino Fundamental.

1.5 Breve Histórico da IES

A Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG, localizada na região centro sul do Estado do Paraná, foi criada pelo Governo do Estado do Paraná, através da Lei nº 6.034, de 06/11/1969, publicada em 10/11/1969, e do Decreto nº 18.111, de 28/01/1970.

Trata-se de uma das mais importantes instituições de Ensino Superior do Paraná, resultante da incorporação das Faculdades Estaduais já existentes e que funcionavam isoladamente. Eram elas: a Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de Ponta Grossa, criada pelo Decreto Estadual nº 8.837, de 08/11/1949, e reconhecida pelo Decreto Federal nº 32.242, de 10/02/1953; a Faculdade Estadual de Farmácia e Odontologia de Ponta Grossa, criada pela Lei nº 921, de 16/11/1952, e reconhecida pelo Decreto Federal nº 40.445, de 30/11/1956, posteriormente desmembrada em Faculdade Estadual de Farmácia e Bioquímica de Ponta Grossa e Faculdade Estadual de Odontologia de Ponta Grossa, através da Lei nº 5.261, de 13/01/1966; a Faculdade Estadual de Direito de Ponta Grossa, criada pela Lei nº 2.179, de 04/08/1954, e reconhecida pelo Decreto Federal nº 50.355, de 18/03/1961; e a Faculdade Estadual de Ciências Econômicas e Administração de Ponta



Grossa, criada pela Lei nº 03/66, de 12/01/1966, e reconhecida pelo Decreto Federal nº 69.697, de 03/12/1971.

A personalidade jurídica de cada uma dessas unidades isoladas foi extinta no ato da criação da Universidade sob o regime da Fundação de Direito Público, reconhecida pelo Governo Federal através do Decreto nº 73.269, de 07/12/1973 que, simultaneamente, aprovou seu Estatuto, Regimento Geral e Plano de Reestruturação.

O início das atividades da UEPG foi assinalado pela posse do professor Alvaro Augusto Cunha Rocha, no cargo de Reitor, e do professor Odeni Villaca Mongruel, no cargo de Vice-Reitor, ambos nomeados pelo Governador na época, Dr. Paulo Cruz Pimentel, conforme Decreto nº 20.056, de 06/05/1970. A organização didática da Universidade é estruturada em Departamentos que se agrupam em 6 (seis) Setores de Conhecimento. São eles: Setor de Ciências Exatas e Naturais – SEXATAS (I), Setor de Ciências Agrárias e Tecnológicas – SCATE (II), Setor de Ciências Biológicas e da Saúde – SEBISA (III), Setor de 16 Ciências Sociais e Aplicadas – SECISA (IV), Setor de Ciências Humanas Letras e Artes – SECIHLA (V) e Setor de Ciências Jurídicas – SECIJUR (VI).

Os Setores de Conhecimento proporcionam, através dos Departamentos, o ensino, a pesquisa e a extensão. A organização didático pedagógica da instituição compreende os seguintes cursos: cursos de Graduação: Bacharelado e Licenciatura, nas modalidades presencial e a distância, abertos a matrícula de candidatos com ensino médio completo ou curso equivalente, classificado em processo seletivo; cursos de Pós-Graduação stricto sensu: compreende cursos de Mestrado e Doutorado, abertos a matrículas de diplomados em curso de Graduação que atendam às exigências legais de cada programa ou curso; cursos de Pós-Graduação lato sensu: compreende cursos de especialização abertos a matrícula de candidatos diplomados em cursos de Graduação e que atendam às exigências legais de cada programa ou curso; cursos de extensão: compreende cursos de atualização e aperfeiçoamento abertos à matrícula de candidatos que satisfaçam aos requisitos exigidos em cada caso.

É com base nessa composição de cursos que as diretrizes didático pedagógicas da UEPG estão sendo desenvolvidas, tendo como referência central as políticas de ensino, pesquisa e extensão definidas no PPI. Quanto às inovações consideradas significativas na instituição destacam-se as reformulações curriculares dos cursos de Graduação, os Programas de incentivo a docência e a formação continuada de professores, a atuação da comissão das licenciaturas, a autoavaliação dos cursos de Graduação por docentes e acadêmicos, a avaliação dos cursos de Graduação pelos egressos a participação de cursos em processos de Acreditação do Arcu-Sul, a ampliação de Programas e Projetos de Extensão, a criação de novos cursos de Pós-Graduação na modalidade stricto sensu, a ampliação de pesquisas e Grupos de Pesquisa, e os convênios com IES internacionais para mobilidade estudantil.

Em nível de graduação universitária, a UEPG oferta 38 (trinta e oito) cursos de Graduação na modalidade presencial. Os 25 (vinte e cinco) cursos de Bacharelado são: Administração Matutino, Administração Noturno, Agronomia, Ciências Biológicas, Ciências Contábeis, Ciências Econômicas, Direito, Educação Física, Enfermagem, Engenharia Civil, Engenharia da Computação, Engenharia de Alimentos, Engenharia de Materiais, Farmácia, Física, Geografia, História, Informática, Jornalismo, Medicina, Odontologia, Química Tecnológica, Serviço Social, Turismo e Zootecnia. Os 13 (treze) cursos de Licenciatura ofertados são nas áreas de: Artes Visuais, Ciências Biológicas, Educação Física, Física, Geografia, Letras Português/Espanhol, Letras-Português/Francês, Letras Português/Inglês, Química, História, Matemática, Música e Pedagogia. Na modalidade a distância, em parceria com a Universidade Aberta do Brasil - UAB estão atualmente ofertados os cursos de: Bacharelado em Administração Pública, Licenciatura em Educação Física, Licenciatura em Letras Português/Espanhol, Licenciatura em Matemática, Licenciatura em Geografia, Licenciatura em História e Licenciatura em Pedagogia.



Além de cursos de Pós-Graduação lato sensu, ofertados conforme a demanda, a UEPG na modalidade stricto sensu conta com Programas de Pós-Graduação sendo 18 (dezoito) em nível de Mestrado e 7 (sete) em nível de Doutorado. Os Mestrados ofertados são nas áreas de: Agronomia, Bioenergia, Ciências Biológicas, Ciência e Tecnologia de Alimentos, Ciências (Física), Ciências Farmacêuticas, Ciências Sociais Aplicadas, Computação Aplicada, Educação, Engenharia e Ciências dos Materiais, Engenharia Sanitária e Ambiental, Geografia, História, Jornalismo, Linguagem, Identidade e Subjetividade, Matemática (Mestrado Profissional em Rede), Odontologia e Química Aplicada. Os Doutorados ofertados são nas áreas de Agronomia, Ciências (Física), Ciências Sociais e Aplicadas, Educação, Geografia, Odontologia, Química.

Com seus campi distribuídos por Ponta Grossa, Castro, Telêmaco Borba, Jaguariaíva, São Mateus do Sul, a UEPG abriga atualmente um contingente de mais de 17 mil pessoas, entre estudantes, professores e servidores. Soma-se a isso uma infraestrutura que anualmente vem sendo ampliada com vistas às necessidades curriculares dos 6 (seis) Setores de Conhecimento da Instituição.

A Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Culturais vem atuando em projetos, serviços, cursos, atividades e Programas de Extensão e de Cultura nos seguintes municípios paranaenses: Adrianópolis, Antônio Olinto, Arapoti, Bituruna, Carambeí, Castro, Colombo, Curitiba, Foz do Iguaçu, Imbaú, Imbituva, Ipiranga, Ivaí, Jaguariaíva, Ortigueira, Palmeira, Pato Branco, Piraí do Sul, Ponta Grossa, Porto Amazonas, Porto Vitória, Reserva, Rio Azul, São João da Boa Vista, São João do Triunfo, São Mateus do Sul, Sengés, Teixeira Soares, Telêmaco Borba, Tibagi, Toledo, União da Vitória, Wenceslau Brás. Também participa do Programa RONDON em municípios de outros estados brasileiros.

A atual gestão teve seu início em 01/09/2022 e é constituída pelos Professores Miguel Sanches Neto, Reitor e Ivo Mottin Demiate, Vice-Reitor, escolhidos por meio de consulta à comunidade universitária e nomeados pelo Decreto 11321

2.DADOS SOBRE O CURSO

2.1 Nome do Curso: Licenciatura em História

2.2 Habilitação/Grau:

() Bacharelado (X) Licenciatura () Tecnólogo

2.3 Modalidade de Ensino:

(X) Presencial () Educação a Distância

2.4 Local de funcionamento do Curso: CAMPUS UVARANAS

2.5 Turno de Funcionamento:

() Matutino () Vespertino () Integral (X) Noturno

2.6 Carga Horária do Curso:

	Carga Horária
GRUPO I – Formação Básica Geral	833 horas
GRUPO II.a – Formação Específica Profissional	1428 horas
GRUPO II.b – Diversificação ou Aprofundamento	204 horas
GRUPO III.a - Estágio Curricular Supervisionado	408 horas



GRUPO III.b – Prática enquanto componente curricular	408 horas
Extensão como componente curricular *	334 horas
Carga Horária Total do Curso	3343 horas

* **EXTENSÃO:** 272 h Formação Específica Profissional + 62 h atividades não codificadas.

2.7 Tempo de duração do Curso:

Mínimo: 4 ANOS Máximo: 6 ANOS

2.8 Ano da Primeira Oferta: 2023

2.8.1 Atos Legais:

Criação: Decreto nº 28169 de 01/06/1950

Reconhecimento: Reconhecido Decreto 32.242 de 10/02/1953

Reconhecimento renovado pelo Decreto Estadual nº 3596, de 10/12/2019, publicado no Diário Oficial do Estado do Paraná nº 10581, de 10/12/2019

Reconhecimento renovado pela PORTARIA Nº 178/22-SETI de 16/12/2022.

2.9 Local de Funcionamento e vínculo administrativo do Curso

Campus universitário: UVARANAS

Setor: Ciências Humanas, Letras e Artes - SECIHILA

Departamento: História

Contato: 42-32203794

Email: colhisl@uepg.br

2.10 Número de Vagas Ofertadas:

Total:	40
---------------	-----------

2.11 Conceitos do Curso:

Conceito ENADE	2017	3
Conceito Preliminar de Curso (CPC)	2021	4

2.12 Percentual candidato/vaga Vestibular e Processo Seletivo Seriado (PSS)

ANO	TURNO	VAGAS	Nº DE INSCRIÇÕES			RELAÇÃO CANDIDATO/VAGA		
			Inverno	Verão	PSS	Inverno	Verão	PSS
2020	NOTURNO	40	89	82		3,266	3,155	
2021	NOTURNO	40	91	92		3,797	3,197	
2022	NOTURNO	40	95	95	-	3,167	3,167	-

2.13 Dados sobre o Coordenador do Curso

Nome do coordenador do curso: Janaina de Paula do Espírito Santo



Titulação: Doutorado em História	
Portaria de designação: R.nº 2021.122	
Formação Acadêmica: Doutora em História	
Graduação	Licenciatura em História – Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG/ 2001
Pós-Graduação	Doutorado em História - Universidade Federal de Goiás - UFG/2018
Carga Horária semanal dedicada à coordenação do curso	20 horas
Regime de trabalho do coordenador do curso	TIDE
Tempo de exercício na IES	16 ANOS
Tempo na função de coordenador do curso	2 ANOS

2.14 Dados sobre o Colegiado de Curso

Membros componentes do Colegiado	Titulação	Regime de trabalho	Ato oficial de nomeação
Alessandra Izabel de Carvalho	Doutorado	TIDE	PORTARIA SETORIAL Nº47/202
Angela Ribeiro Ferreira	Doutorado	TIDE	PORTARIA SETORIAL Nº47/202
Maura Regina Petruski	Doutorado	TIDE	PORTARIA SETORIAL Nº47/202
Paulo Eduardo Dias de Mello	Doutorado	TIDE	PORTARIA SETORIAL Nº47/202
Robson Laverdi	Doutorado	TIDE	PORTARIA SETORIAL Nº47/202
Rosângela Maria da Silva Petuba	Doutorado	TIDE	PORTARIA SETORIAL Nº 47/202

2.15 Dados sobre o Núcleo Docente Estruturante – NDE

Docentes componentes do NDE	Titulação	Regime de trabalho	Tempo de exercício no NDE
Elizabeth Johansen	Doutorado	TIDE	28/10/2021 a 27/10/2023
Erivan Cassiano Karvat	Doutorado	TIDE	28/10/2021 a 27/10/2023
Rosângela Maria Silva Petuba	Doutorado	TIDE	28/10/2021 a 27/10/2023

2.16 Dados sobre Discentes Ingressantes e Formados

Ingresso (Quantitativo de alunos ingressantes efetivamente matriculados)			Formação (Quantitativo de alunos efetivamente formados)		
Ano de Ingresso	Nº de Vagas ofertadas	Nº de alunos ingressantes	Ano de formação	Nº de alunos concluintes	Relação formados/ ingressantes (porcentagem nos últimos 5 anos)



2012	40	40	2015	-	-
2013	40	42	2016	25	59,52
2014	40	40	2017	28	70,00
2015	40	40	2018	23	57,50
2016	40	36	2019	19	52,78
2017	40	40	2020	-	-
2018	45	42	2021	15	35,71

3. PRINCÍPIOS NORTEADORES DO PROJETO PEDAGÓGICO

3.1 Apresentação do Curso

A compreensão dos sentidos e significados do curso de História na UEPG exige, por força de ofício, um esforço de recuperar e situar sua trajetória, as mudanças ao longo do tempo, com destaque aos sujeitos e aos processos que o constituíram, bem como estabelecer todas as suas relações com o contexto histórico, seja o econômico, o social, o político e o cultural, local, regional, nacional e internacional. O curso foi modificando-se de acordo com os contextos, adquirindo novas identidades, representando novas expectativas, acolhendo novos desafios. Por isso, apresentamos um breve histórico, de alguns elementos, da trajetória do Curso de Licenciatura em História da UEPG.

O curso superior de História em Ponta Grossa foi gestado no final da década de 1940, dentro da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do município. E iniciou suas atividades em 1950, como o primeiro curso de História fora da capital do Estado, já que o curso da UFPR havia sido criado em 1938. Quando foi criado, o curso era de Geografia e História, e apenas na década de 1960 foram separados. Sua instalação ocorreu num período de ampliação do ensino superior no Brasil, quando vários cursos de História foram criados na década de 1950 (UFPE, UFS, UFAL, UFPB, UFMA, UFES, UFSC, UFRN, URCA, UENP) esta última, a UENP, abriga o segundo curso de História criado no interior do Paraná em 1959, na cidade de Jacarezinho.

A criação das faculdades (que deram origem às universidades estaduais) têm a sua origem na política regional, em Ponta Grossa, coordenada por distintos grupos políticos da elite local que participaram ativamente desse processo. Nesse sentido, a criação do curso representava uma das aspirações das elites intelectuais locais e viabilizava alguns projetos de formação de quadros para o exercício do magistério e atuação nas mais distintas atividades públicas e privadas. Assim, pelo Decreto Federal nº 28.169, de 1º de junho de 1950 foi autorizado o funcionamento da Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras.

Artigo Único. É concedida autorização para funcionamento para os cursos de Letras Neo-Latinas, Matemática e Geografia e História, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ponta Grossa, mantida pelo Governo do Estado, com sede em Ponta Grossa, no Estado do Paraná.

A primeira turma do curso de Geografia e História tinha um corpo docente que atuava em todos os cursos da recém-criada faculdade e, contava com bacharéis em Direito, médicos, religiosos (padres), além de dois professores de História. Este corpo docente era representativo dos setores intelectuais locais, sendo constituído por membros dos setores da elite local. Depois de formada a primeira turma, “dos 21 alunos que concluíram o curso de bacharelado em Geografia e História (1952), 19 fizeram o curso de Didática em 1953 e, desses, 6 ingressaram no corpo docente do curso”. Processo que indica a existência de uma demanda de formação de quadros e que induz a um certo caráter endógeno do processo de composição do corpo docente que se manteria ao longo do tempo. Os ingressantes da primeira turma como docentes foram: “Arithozina Moreira (bacharelado, 1952 – Didática, 1961), Eugênio Malanski (1953), Ismênia Pinheiro Machado (1953), Joselfredo Cercal de Oliveira (1953), Neusa de Castro Guimarães (1953), e Olavo Soares (1953)” (CARVALHO, 2010).



Nos anos seguintes, entre 1954 a 1965, mais 10 ex-alunos passaram a compor o corpo docente do curso: “Guízela Veleda Frey Holzmann (1954), Aída Mansani Lavalle (1957), Luiz Carlos Peixoto, Daniel Albach Tavares (1962), José Herley Stachowiak (1963), João Lubzick (1964), Maria Aparecida Cezar Gonçalves (1964), Hércio de Oliveira Ladeira (1964), José Hyczy Fonseca (1965) e Hilda de Oliveira Ladeira (1965)” (CARVALHO, 2010). Este processo de formação do corpo docente a partir dos próprios quadros pode ser verificado em outras instituições e cursos. Ele representa uma época de dificuldades de acesso ao ensino superior e escassez de quadros docentes, e na qual a carreira universitária ainda está estruturada nos moldes de um precário sistema universitário nacional e estadual.

Desde o fim do período militar nos 1980 a sociedade brasileira passou por inúmeras e profundas transformações conectadas a grandes mudanças globais. Esses processos de mudanças afetaram as ciências e as formas de produção do conhecimento. O campo do conhecimento histórico e das humanidades em geral foram atravessados por diversos questionamentos aos paradigmas teóricos que sustentavam as pesquisas e suas diferentes áreas fazendo emergir novos referenciais, novos temas, novos problemas de investigação e novas abordagens. Várias demandas emergiram nesse contexto oriundas da própria renovação dos movimentos sociais, das alterações no mundo do trabalho, do surgimento de novas tecnologias, da eclosão da cultura digital, redes e mídias sociais. A ruptura do mundo socialista, a globalização, as mudanças estruturais no mundo do trabalho afetaram percepções e concepções de diversos campos do conhecimento. O campo do conhecimento histórico viu surgirem novas tendências e linhas de investigação. Estas demandas trouxeram novos desafios e novas exigências para a Universidade colocando novos problemas para a formação de historiadores e professores de História. Ao mesmo tempo ampliaram-se as exigências sobre o trabalho acadêmico com reforço das exigências sobre a qualificação profissional e novos parâmetros para sua avaliação.

Em 2019, um novo PPC foi elaborado, como resultado, em grande medida, dessas novas e complexas demandas. Entre 1950 e 1997 tivemos três currículos, com as grades de disciplinas apresentadas acima. As alterações pós 1998 se devem especialmente às mudanças na legislação educacional, a LDBEN de 1996, as Diretrizes para Formação de Professores da Educação Básica de 2002, a inclusão da disciplina de LIBRAS em 2010 e, recentemente, as novas Diretrizes para Formação de Professores da Educação Básica de 2015.

Ao longo da existência do curso foram elaborados 9 diferentes currículos. Neles é possível identificar concepções teóricas diferentes, posicionamentos políticos distintos, múltiplas concepções de educação e formação de professores de História. Essas diferenças indicam diversidade de concepções entre os docentes do curso e resultaram em projetos de curso diferentes, com diversas trajetórias, traduzindo diferentes leituras das transformações e das novas demandas sociais e de conhecimento.

Um aspecto fundamental a ser compreendido é que as mudanças curriculares, ensejadas por contextos complexos, também resultam de apropriações, mediações, construções, negociações coletivas realizadas ao nível do próprio curso, ou seja, são mediadas em interações realizadas pelos sujeitos que compõem o corpo docente. Se observarmos os profissionais que atuaram no curso ao longo tempo podemos perceber que o corpo docente permaneceu o mesmo até pelo menos metade da década de 1980, quando novos professores foram contratados são eles(as): Ivan Menegusso, Flamarion Laba da Costa (1983), Cirlei Francisca Gomes Carneiro (1984), Carmencita de Holleben Mello Ditzel (1986), Edson Armando Silva (1987), Niltonci Batista Chaves (1988), Marco Aurélio Monteiro Pereira, Marcia Dropa, Cláudio Jorge Guimarães, Carlos Alberto Maio (1989), Rozângela Wosiak Zulian, Myriam Janet Sacchelli, Maura Regina Petruski, Roberto Edgar Lamb, José Augusto Leandro, José Roberto Vasconcellos Galdino Maria Augusta Pereira Jorge, Christiane Marques Szesz (1991), Claudio Denipoti (transferido da UEL - 1999). Entre os professores do curso, que eram do DEMET, estavam também Teresa Jussara Luporini



(1984), Rosana Nadal Moura (1986), Luis Fernando Cerri (1995 – transferido para Dehis em 2001), Silvana Maura Batista de Carvalho (1995).

Essa configuração se modificou bastante nos últimos anos, provocadas por mudanças de professores entre Departamentos, novas contratações e aposentadorias. No início dos anos 2000 um importante número de docentes migrou para o curso de Turismo, e recentemente os professores de estágiolotados DEMET migraram para o DEHIS. Além disso, tivemos várias aposentadorias, transferências e novas contratações. As últimas contratações são, Andrea Paula (pediu exoneração) e Rosângela Silva Petuba (2002), Angela Ribeiro Ferreira, Janaína de Paula do Espírito Santo, Elizabeth Johansen (2006), Alessandra Isabel Carvalho, Erivan Cassiano Karvat, Antonio Paulo Benatte, Marco Antonio Stancik (2010), Robson Laverdi (transferido da UNIOESTE - 2013), Paulo Eduardo Dias de Mello (2014), Georgiane Garabely Heil Vazquez (2018), Ilton César Martins (2021). Além disso, ao longo dos anos tivemos inúmeros professores colaboradores que tornaram possível a manutenção do curso.

Como podemos observar nessa trajetória, o corpo docente, inicialmente era formado por docentes oriundos de diversas áreas de conhecimento, sem perfil de pesquisadores. Aos poucos essa característica foi se alterando com a entrada dos ex-alunos já formados na área, mas ainda com pouca inserção na pesquisa. A grande mudança viria acontecer a partir da década de 1980 no contexto das transformações das políticas de qualificação dos docentes para o Ensino Superior e ampliação das exigências da formação na pós-graduação *Strictu Sensu*. Diante disso, os professores passaram a se dedicar à pesquisa e ingressaram em cursos de Mestrado e Doutorado. Esse processo de formação e dedicação à pesquisa se estendeu até a década de 1990 e se prolonga até nossos dias, apesar do recuo significativo no que tange a pós-graduação e a pesquisa brasileira nos últimos anos.

Ainda assim, o resultado do processo de qualificação do corpo docente voltada à pesquisa e produção de conhecimento histórico permanece e pode ser observado na ampliação das atividades acadêmicas do Curso. Por isso, além da titulação dos docentes, o Departamento de História passou a assumir a guarda de fundos documentais importantes para a história local e regional, que resultou na criação do CDPH – Centro de Documentação e Pesquisa Histórica.

A organização e o trabalho direto com fontes se intensificaram, na década de 1990. Algumas iniciativas destacam-se nesse período: foi produzido um Jornal de História (com ênfase no uso de fontes para História Local e Regional); o curso criou a Revista de História Regional em 1996; e foram desenvolvidos diversos projetos coletivos, dentre eles o Dicionário Histórico e Geográfico dos Campos Gerais, um dicionário com verbetes sobre a região, (disponível em: <http://www.uepg.br/dicion/index.htm>).

Quanto ao currículo do curso, o longo período sem alterações, gerou várias demandas, reprimidas até a década de 1990. Algumas mudanças foram possíveis com a publicação da LDB Nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, que instituiu um total de 300 horas nos cursos de Licenciatura para o Estágio e as Práticas de Ensino como Componente Curricular. Em 1998 entrou em vigor um novo currículo, que ampliava um pouco a carga horária da disciplina de Estágio Supervisionado (então chamada de Metodologia e Prática do Ensino de História I e II) e criava as disciplinas de prática de ensino Oficina de História I e II.

Entre 1999 e 2000, foi intenso o trabalho de avaliação do curso e discussão de propostas para uma ampla reformulação curricular, assentada na percepção de sua configuração não atendia mais às expectativas da maioria dos docentes e discentes. Com esse escopo, ainda em 2000, foi enviada ao CEPE (Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão) uma primeira proposta de reforma do currículo, que não foi aprovada. Em 2001, reunindo as críticas ao projeto anterior, foi encaminhada uma nova proposta ao CEPE, que também malogrou. Embora já houvesse a publicação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a graduação em História, a Câmara de Graduação argumentou que não haviam novas diretrizes para os cursos de Licenciatura em História. A alternativa encontrada pelo



Departamento foi converter a proposta de reformulação da Licenciatura em uma proposta de criação do Bacharelado em História, aprovado em 2001 e iniciado em 2002, com o objetivo de tornar real um currículo que, mais que a expressão das expectativas dos proponentes, era uma forma de começar a sair do currículo antigo, que era considerado superado há muito tempo. A ideia, entretanto, era que, como o currículo do Bacharelado representava uma adaptação da proposta da Licenciatura (tanto que levava, originalmente, as disciplinas de Oficina I e II, desenvolvidas para a Licenciatura), o futuro currículo de Licenciatura deveria ser muito próximo a ele, de modo a permitir que os bacharéis formados pudessem, em pouco tempo, integralizar também a licenciatura. Entretanto, nas etapas seguintes do processo de aprovação, o CEPE, numa interpretação que pode ser considerada legalista das recém aprovadas Diretrizes para a Formação de Professores, exigia um currículo o mais distinto possível do Bacharelado.

Finalmente, entre 2004/2005, foi aprovada a reformulação curricular do curso de Licenciatura em História da UEPG, encerrando um processo que se estendia desde 1999. A nova configuração curricular teve sua primeira turma formada em 2008, e foi moldada segundo as orientações legais das Diretrizes Curriculares de História - Res. CNE/CES 492, de 3/04/2001, e das Diretrizes Curriculares Nacionais de Formação de Professores da Educação Básica - Res. CNE/CP nº 1 de 18/02/2002. O currículo da Licenciatura aprovado em 2004 e 2005 pelo CEPE inovou essencialmente em uma área, a Prática de Ensino. Foram ampliadas as cargas horárias de:

- Prática enquanto componente curricular para 408 horas, desdobrada em cinco disciplinas (Oficinas de História I a V) ofertadas desde a primeira, até a quarta série do curso;

- Estágio supervisionado em História para 408 horas, em duas disciplinas (Estágio Supervisionado I e II), ofertadas na terceira e quarta série do curso; As demais alterações diziam respeito a adequação de carga horária das demais disciplinas; mudanças na concepção sobre as disciplinas, como tentativas de superar uma concepção eurocêntrica das disciplinas nas ementas e na organização do currículo; inclusão de disciplinas de ementa aberta para o trabalho com os temas de pesquisas dos docentes e de interesse dos discentes.

Em 2009 esse currículo passou por novas adequações devido a novas exigências legais, com a inclusão da disciplina de LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais. Além de alterações em disciplinas de meio ano letivo que foram transformadas em anuais.

Depois de várias avaliações desse currículo, via ENADE, avaliação interna da CPA, avaliações de projetos de pesquisas de professores sobre cursos de Licenciatura na UEPG, chegamos a uma nova proposta em 2010, que seria aprovada apenas em dezembro de 2011, depois de várias disputas. A principal delas dizia respeito à mudança da disciplina de Estágio Supervisionado em História, que era ofertado pelo DEMET - Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino, para o DEHIS – Departamento de História. Essa era uma demanda antiga existente desde a década de 1990 que finalmente foi enfrentada em 2010. A disciplina de Estágio vinculada a outro departamento distanciava ou até descolava em alguns momentos a formação do curso da prática de formação de professores, por isso a decisão de aproximar trazendo a disciplina para dentro do curso. Essa solicitação esbarrou no poder institucional e acadêmico do DEMET, que se dizia o lugar qualificado para pensar e executar o Estágio. Entretanto, o departamento de História já contava, na ocasião, com especialistas (professores efetivos) em Ensino de História e Formação de Professores. Depois de inúmeras idas e vindas do processo de alteração curricular, um ano e meio depois, o projeto foi aprovado, em dezembro de 2011, ou seja, apenas na última reunião do CEPE daquele ano.

Além da mudança de Estágio Supervisionado para o DEHIS, outra importante alteração nesse currículo foi a inclusão do Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, outra demanda antiga. Na década de 1990 o TCC era realizado como trabalho final da disciplina de Métodos e Técnicas de Pesquisa, mas não contava com orientação individual por um



professor. Na alteração curricular de 2004 o CEPE barrou a inclusão de TCC, com a justificativa que deveria ser definido o que era atividade de Licenciatura e de Bacharelado, ficando o TCC reservado apenas ao curso de Bacharelado.

Apesar da mudança no Estágio e da inclusão de TCC, o currículo aprovado em 2011, iniciado em 2012, foi implantado com vários problemas. Isso porque a proposta inicial de duração do curso, que era de quatro anos e meio, não foi aprovada pelo CEPE. Com o estreitamento do curso por quatro anos, muitos problemas foram gerados, tais como disciplinas fora da série original, deslocamento de disciplinas presenciais para oferta em EAD (LIBRAS e ARQUIVOS) resultando em problemas de implantação e não aceitação pelos acadêmicos, dentre outros. Diante disso, após muitas reuniões, desde 2015, com acadêmicos, egressos, professores, chegamos a uma proposta. Esta proposta ainda não traz o que muitos entendiam como mudanças necessárias no currículo, mas é o que foi possível produzir coletivamente no processo de debates e disputas teóricas e políticas internas.

Esse processo se manteve no novo currículo, que tem neste ano de 2022 a formatura de sua primeira turma. Mas as demandas e transformações se apresentaram como urgentes: especialmente no que tange o processo de curricularização da extensão que culminaram na presente proposta, pensada no sentido de manter os avanços e a identidade do curso até aqui, incorporando as novas demandas, de uma universidade mais atuante e dialética com a comunidade. Os desafios se manifestam e novamente, acreditamos que a configuração atual é a proposta possível em um momento de grandes desafios e curtos prazos. O profissional licenciado em história, segue, no âmbito do presente documento uma formação em conformidade com a legislação em vigor Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9394/96, bem como a Resolução CP/CNE nº 2, de 01 de julho de 2015. Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior

3.2 Justificativa

A História como campo de produção de conhecimento e de formação de profissionais marca presença no meio universitário brasileiro desde a instalação das primeiras instituições de ensino superior, ainda nas primeiras décadas do século XX. Sua inserção no meio acadêmico deve-se a razões poderosamente articuladas: a produção de conhecimento sistemático e rigoroso sobre as transformações da sociedade no tempo; atuação para constituição e preservação de acervos documentais e de patrimônio; a formação de profissionais capacitados ao exercício da produção desse conhecimento (domínio de procedimentos metodológicos do fazer historiográfico e capacidade de reflexão sobre os mesmos) e a formação de professores para o exercício do ensino de História na escola básica.

Se por um lado, essa inserção acadêmica visava produzir conhecimento histórico para dotar a sociedade de um passado comum, uma identidade coletiva, por outro, essa incorporação expôs disputas sobre essa memória e projetos de futuro colocando em evidência as próprias contradições e diversidade do acontecer humano. Apesar das tensões inerentes à função social do conhecimento histórico, do ponto de vista da formação almejada nos cursos, a finalidade precípua estabelecida era preparar trabalhadores intelectuais para o exercício de atividades culturais de ordem desinteressada ou técnica, e especialmente formar os quadros do magistério de nível secundário e normal.

Portanto, a formação de intelectuais e, fundamentalmente de professores, justificaram a criação e presença da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras na região dos Campos Gerais, tendo Ponta Grossa como epicentro. Seguindo as tendências de sua época de criação, e tendo como principal finalidade formar profissionais para o exercício do magistério os cursos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras os cursos criados atendem rigorosamente as demandas da matriz curricular da escola básica fundada nas disciplinas de História, Geografia, Língua Portuguesa, Ciências, etc. Nesse contexto o curso



de História responde a uma demanda de formação de professores que possam atuar em sala de aula transmitindo um saber histórico que visava reforçar os laços da identidade brasileira, localizando a história local nesse cenário nacional, dando ênfase a ideia de unidade nacional, e destacando a história política, o papel das elites dirigentes e dos “grandes personagens” na construção da nação brasileira.

A ampliação do escopo inicial de formação se dá ao longo do tempo sob influência decisiva das transformações do país e do mundo, e seus impactos na construção social do conhecimento histórico. A transformação e integração da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras na Universidade Estadual de Ponta Grossa, com a reforma universitária do Período Militar abre novas perspectivas para o curso, reorienta sua organização acadêmica, e faz emergir novas demandas.

Assim, entre os anos 1980 e 1990 o curso sofreu mudanças significativas que reorganizam suas finalidades e estabelecem novas relações com a comunidade local e regional. Foi nesse período que os programas de pós-graduação se expandiram de forma expressiva no país, e as atividades de pesquisa ganharam um novo impulso, graças ao apoio das agências de financiamento governamentais. Nesse contexto, a emergência da pesquisa acadêmica, a produção sistematizada de conhecimento histórico, e a criação de espaços de pesquisa e meios de difusão ampliada, representam bem como as demandas externas e internas são absorvidas e trabalhadas no âmbito do curso e se constituem respostas para a institucionalização da pesquisa. Nesse ínterim, o escopo do curso voltado para a formação exclusiva do docente, pautada numa concepção de História que se coloca a serviço da celebração de uma memória homogênea e estabelecida perde força e espaço para o trato com problemas teóricos e práticos da historiografia e da produção crítica do conhecimento histórico e sua difusão social.

Nos anos 1990/2000 esta tendência acentua-se com a progressiva qualificação do corpo docente, ampliado com o ingresso de pesquisadores e a realização de concursos públicos, forma-se e consolida-se a pós-graduação, articula-se no curso a pesquisa, o ensino e a extensão. Inserido no campo da pesquisa histórica nacional, conectado com as mudanças da historiografia, e articulado com as novas exigências da formação docente, o curso passa a atender novas demandas de formação: a do historiador enquanto sujeito da produção historiográfica; do professor de História atuando na educação básica enquanto professor-pesquisador; dos docentes de História da educação básica que buscavam aprimorar sua formação inicial; e de pessoas com distintas formações que buscavam novas fronteiras de formação cultural e intelectual.

Atualmente o curso atende a distintas frentes de trabalho em estreita relação com as demandas sociais sobre a produção e difusão do conhecimento histórico nos mais diferentes âmbitos. Na frente da educação escolar destaca-se a graduação presencial em Licenciatura com foco na formação do docente de História como professor-pesquisador. O Curso de História também tem atuado fortemente na formação continuada de professores. Sua articulação com rede básica de ensino estende-se através de programas e ações curriculares, com destaque para as atividades integradas do Estágio Supervisionado, e projetos específicos como PIBID e o PET que aproximam e criam pontes entre a academia e as escolas públicas. O Mestrado Profissional em Ensino de História, e o recente Doutorado no mesmo programa visa proporcionar formação continuada que contribua para a melhoria da qualidade do exercício da docência em História na Educação Básica e estabelecer aproximações e diálogos reflexivos entre os saberes acadêmicos e escolares, com o objetivo de oferecer ao egresso oportunidades de formação centradas na reflexão e em atividades pesquisa que possibilitem ampliação da formação inicial e o exercício qualificado da profissão de professor de História.

O curso também se destaca na produção e difusão do conhecimento histórico acadêmico em suas múltiplas perspectivas teóricas. O Mestrado acadêmico, desde início dos anos 2010, tem proporcionado a formação de pesquisadores e a produção de conhecimento histórico sobre temáticas relevantes seja de âmbito local, regional, nacional e



internacional. Sua produção, difundida por dois periódicos, coloca o curso no circuito de relações acadêmicas da comunidade científica internacional. Além disso, seus docentes participam ativamente de diversas atividades e projetos estabelecendo uma ampla rede de parcerias interinstitucionais com outros centros de pesquisa de amplitude regional, nacional e internacional.

Além disso, o curso tem colaborado fortemente para a guarda, conservação e organização de documentos históricos relacionados à preservação da memória e do patrimônio histórico da região dos Campos Gerais. Destacam-se os órgãos vinculados ao Curso: o Museu Campos Gerais e o Centro de Documentação e Pesquisa. Estes atendem tanto a demandas de formação e qualificação dos graduandos e pós-graduandos como servem a um amplo público formado por interessados e pesquisadores. O Curso tem utilizado estes espaços em atividades extensionistas ou de pesquisa, que visam ampliar a difusão do acervo, valorizar e estabelecer uma educação patrimonial. Com esse escopo tem promovido ações junto a órgãos de comunicação, e realizado importantes parcerias com instituições locais voltadas a preservação de documentos e difusão de conhecimento sobre o patrimônio local e regional.

O Curso de História da UEPG, portanto, desenvolve um amplo quadro de atividades articuladas de ensino, pesquisa e extensão, as quais guardam uma estreita relação com as demandas sociais sobre a produção, debate plural e crítico e a democrática difusão do conhecimento histórico. Com isso, contribui decisivamente para que a UEPG cumpra plenamente sua função social como universidade pública que promove a formação humana e o respeito aos direitos humanos.

3.3 Objetivos

- Formar professores de História para atuarem na Educação Básica com habilidades para a pesquisa na área de História e no Ensino de História; 5. Formar professores de História / Historiadores para atuarem em museus, em espaços de memória, com acervos históricos, em consultorias;
- Formar professores éticos, críticos e responsáveis com vista a uma educação em Direitos Humanos, à diversidade sexual, étnica, de gênero, de classe social, de faixa geracional;
- Articular graduação e pós-graduação na perspectiva da indissociabilidade ensino e pesquisa, teoria e prática;
- Articular ensino, pesquisa e extensão de maneira a ampliar o desenvolvimento profissional do futuro professor;
- Produzir e difundir o conhecimento histórico acadêmico e escolar de forma crítica e plural;
- Atuar no assessoramento, organização, implantação e direção de serviços de avaliação, seleção, preservação de documentação e informação histórica;

3.4 Perfil Profissional do Egresso

- Conhecer a história e estrutura do sistema educacional brasileiro em seus níveis fundamental, médio e superior, reconhecendo desafios e possibilidades de mudanças;
- Conhecer a legislação que rege a educação no Brasil, em seus diversos níveis;
- Dominar os princípios, metodologias e técnicas de articulação dos conteúdos históricos com a realidade escolar;
- Dominar os processos didático-pedagógicos de articulação e planejamento do ensino, em suas diversas instâncias;
- Produzir projetos de divulgação do conhecimento histórico, pesquisa, sistematização e disponibilização de saber no campo da História, gestão das dimensões didático-pedagógicas do patrimônio e de atividades culturais em geral relacionadas à área de História;
- Produzir material didático para uso escolar e não-escolar e de materiais de divulgação científica para uso geral, integrando ensino e pesquisa na área;



- Dominar as linhas gerais dos processos históricos e as respectivas elaborações historiográficas; compreensão e explicação dos diferentes conceitos que informam as estruturas e as relações de uma determinada realidade histórica; operacionalização do reconhecimento, tratamento e utilização dos diversos fundos e fontes documentais para a produção do conhecimento histórico e sua aplicação no processo de ensino de História;
- Compreender e estar aberto para a postura interdisciplinar, tanto na produção quanto na difusão do conhecimento, no ensino e na mediação didática do saber histórico.
- Compreender os processos de aprendizagem histórica, considerando os saberes discentes e populares sobre a história, com capacidade de dialogar produtivamente com eles, em vez de negá-los em nome de uma equívoca superioridade do saber acadêmico.
- Atuar em conformidade com a legislação vigente: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, no 9394/96. e a Resolução CP/CNE no 2, de 01 de julho de 2015. Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior bem como refletir criticamente as mudanças propostas.

3.5 Campos de Atuação

Os profissionais formados na Licenciatura em História devem estar habilitados para atuar nos seguintes campos:

1. Fundamental e primordialmente, no ensino da disciplina de História e suas áreas conexas na Educação Básica regular em todos os níveis modalidades (Ensino Fundamental e Médio, EJA - Educação de Jovens e Adultos, Educação Especial, etc.).

2. No ensino superior de graduação e pós-graduação, Lato e Stricto Sensu, de disciplinas de História e conexas, principalmente em cursos dos campos das Ciências Humanas, Letras e Artes, Educação e Ciências Sociais Aplicadas, e, com especificidade, nas áreas conexas à História dos demais campos do conhecimento científico.

3. Em instâncias não regulares de ensino, como programas de formação social para a cidadania, em associações de moradores, grupos de mães, jovens e adolescentes, capacitação de pessoal em empresas, sindicatos, e organizações não governamentais.

4. Na produção bibliográfica e de materiais de suporte para atividades didáticas e pedagógicas de ensino na área de História e conexas, como textos, livros, apostilas, vídeos, filmes, painéis, jogos, etc.

5. Na consultoria na área de História em projetos de implantação de atividades culturais, educacionais, religiosas, comunitárias, sindicais, não governamentais e outras, que possuam elementos ligados à História e ao ensino.

6. Na assessoria institucional em diversas áreas, desenvolvendo projetos e programas de conscientização profissional para ações de caracterização, importância e preservação de fontes históricas e patrimônio histórico

3.6 Integração Graduação e Pós-Graduação

O Departamento de História conta com algumas áreas de pesquisa organizadas em Grupos ou Laboratórios de Estudo que agrupam os docentes por área de pesquisa. Atualmente o DEHIS oferta os seguintes cursos:

Graduação:

Licenciatura em História – Presencial

Bacharelado em História - Presencial

Pós-graduação stricto-sensu - o Departamento de História conta hoje com dois Programas de Mestrado:

- O Programa de Pós-Graduação stricto sensu em História (PPGH), com área de concentração em HISTÓRIA, CULTURA & IDENTIDADES.

- Mestrado Profissional em Ensino de História.

Esses dois programas contam com professores do DEHIS e do DEED, além de professores convidados de outras instituições paranaenses (UEL, UNICENTRO – Irati e Guarapuava, UENP – Jacarezinho).



Além disso, um professor do DEHIS está inserido no Programa de Pós Graduação (Mestrado e Doutorado) em Ciências Sociais, onde tem grupo de pesquisa, orienta e ministra disciplinas.

A articulação graduação e pós-graduação acontece em vários níveis. Os eventos organizados (palestras, aulas inaugurais, Seminários, etc.) são sempre conectados. Além disso, os acadêmicos da graduação podem participar das atividades desenvolvidas pelos Grupos ou Laboratórios de Estudo (reuniões de estudo, palestras, defesas) ou a produção de pesquisa na Iniciação Científica ou TCC orientados pelos docentes.

3.7 Mobilidade acadêmica e internacionalização

Há alguns anos o curso teve várias participações em intercâmbios internacionais com a participação de acadêmicos da UEPG, especialmente em universidades portuguesas, no Programa Universidade Sem Fronteiras, do Governo Federal. Infelizmente este programa não teve continuidade. O curso sempre esteve e está aberto para receber acadêmicos estrangeiros e da mobilidade acadêmica das universidades estaduais, mas não tivemos procura nos últimos anos. Atualmente a UEPG está consultando os cursos sobre a possibilidade de receber acadêmico/as estrangeiros e os cursos de história aprovaram essa solicitação.

3.8. Extensão como Componente Curricular

O curso de Licenciatura em História concebe e inscreve a Extensão como Componente Curricular como aquele conjunto articulado e indissociável de atividades teóricas e práticas mobilizadas para a formação do profissional de história, no caso o professor-pesquisador de história. Mas não apenas isso: por sua vez circunspecta ao alargamento de horizontes profissionais com e a partir desse lugar social. A extensão não é reduzida a um dispositivo formativo adicional às habilidades e às competências do profissional almejado. Em outra via, busca promover a ampliação de horizontes de atuação não restritos à docência. Mais que isso, a extensão se constitui em espaço nuclear da formação junto com o ensino e a pesquisa, permitindo uma formação assentada na referenciação social, tão importante à atuação e pertença do profissional aos espaços educacionais formais, mas também da educação informal e dos processos ativos da produção da vida cultural, cujas habilidades historiadoras podem ser empregadas de modo ainda mais contributivo.

O curso também entende a extensão como forma de promover iniciativas pontuais ou continuadas de integração da universidade com a sociedade, como uma interface para a produção de novos saberes. Saberes conectados com o real, um real que é multi e transdisciplinar, incerto e complexo, em um espaço de trocas imediatas entre a sociedade e a universidade. Na verdade todos os aspectos da atividade acadêmica o são – a pesquisa, a graduação, a pós-graduação. Em todos eles a sociedade investe recursos de diversas ordens para que retornem a ela produtos científicos, tecnológicos, profissionais, bem como educadores e pesquisadores segundo suas necessidades. Na extensão a comunicação é feita de maneira profundamente articulada entre o corpo docente, discente e os mais diversos setores e agentes sociais. Deste modo, a extensão assume a importância vigorosa de permitir que os conhecimentos e práticas científicas na universidade sejam renovados tematicamente e reorientados socialmente para atender de forma atualizada às demandas comunitárias e institucionais de todos os gêneros, resguardadas as especificidades e horizontes científicos basilares do campo de saber histórico.

Em sua aplicabilidade a Extensão como Componente Curricular da Licenciatura em História se vincula a três grandes eixos da prática formativa basal e complementar da formação do professor de história.

O primeiro se articula ao núcleo teórico-metodológico-temático da história local e regional, situado na disciplina Extensão I, de 68 horas/a, ofertada no segundo semestre do Primeiro Ano da graduação. Cumpre esclarecer que a história local e a história regional se



constituem como elos temáticos e teóricos de grande vitalidade aproximativa para os aos estudantes e professores na medida que aterram o fazer e o saber históricos na proximidade dos bairros, das comunidades, da cidade, da dos campos e cidades da região onde vivem, trabalham e estudam. Esta orientação promove um encontro com muitas possibilidades reveladoras da dinâmica histórica aterrada nas sociabilidades e sociabilidades em que participam. Ao mesmo tempo em que se configura como uma estratégia de conexão com as referências sociais dos estudantes, permite aos professores e a própria comunidades e sujeitos se sentirem representados pela e na universidade em uma própria história coletiva e socialmente compartilhada.

O segundo eixo se mobiliza para as ações patrimônio cultural e natural e ao incremento, preservação e salvaguarda de acervos documentais, o que corresponde a um dos mais importantes núcleos formativos do profissional de história em relação ao ensino e a pesquisa. Este eixo em particular se articula no desenvolvimento de ações extensionistas com os dois importantes órgãos suplementares do DEHIS e da UEPG: o Centro de Documentação e Pesquisa em História (CDPH) e o Museu Campos Gerais (MCG). A preservação e salvaguarda de acervos documentais pessoais, familiares, comunitários e institucionais corresponde, na representação profissional desses espaços institucionalizados, uma correspondência profunda de referência social com a extensão universitária, que se vincula e compartilha com as demandas e expectativas sociais em torno do direito à memória e à preservação das histórias locais e regionais e além, inclusive no sentido de ofertar formação especializada sobre suas práticas a outras instituições de guarda de memória congêneres. A esse eixo de atuação convergem infinitas possibilidades de em ações, atividades, projetos e programas vinculados ao patrimônio cultural e natural e ao incremento, preservação e salvaguarda de acervos existentes e a serem criados, cuja atuação intersticial de professores, estudantes e servidores técnicos administrativos se revela profícua e altamente promissora para práxis extensionista. Em razão da sua importância, esse eixo curricular extensionista será desenvolvido em duas disciplinas ofertadas, respectivamente, Extensão II e Extensão III, de 68 h/a nos segundos semestres dos Segundo e Terceiros anos da Licenciatura. Em Extensão II, o foco é no estudo teórico e prático de natureza extensionista para ações, atividades, projetos e programas vinculados ao patrimônio cultural e natural e ao incremento, preservação e salvaguarda de acervos documentais pessoais, familiares, comunitários, de museus, de arquivos, de centros de documentação e de centros culturais. Já em Extensão III, a atenção se volta para ações, atividades, projetos e programas de referência, divulgação e educação com acervos históricos, culturais e naturais. Em termos esclarecidos, Extensão II é centrada na atividade preservacionista no escopo ampliado de sua competência profissional ligada aos acervos, e a Extensão III nas ações educativas e da didática da história de mais largo espectro proporcionadas pelas ações preservacionistas em acervos.

O terceiro eixo de componente curricular da extensão na Licenciatura em História busca articular ações, atividades, projetos e programas desenvolvidos pelos núcleos, linhas e grupos de pesquisa existentes no âmbito da graduação e pós-graduação em história do DEHIS. Esse eixo se estabelece com a disciplina Extensão IV, de 68 h/a, que será ofertada no segundo semestre do Quarto Ano do curso. Esse eixo corresponde mais à natureza dialógica da extensão com a pesquisa, visando uma aproximação com as práticas extensionistas da história local e história regional e da preservação mobilizadas pelas disciplinas em Extensão I, II e III: Estudo teórico e prático de natureza extensionista aplicada à formação do profissional da história em ações, atividades e projetos de história local e história regional, com ênfase nas articulações entre o ensino e pesquisa em abordagens trans e multidisciplinares, que foram pensada em duas frentes:

- 1) Estudo teórico e prático de natureza extensionista aplicada à formação do profissional da história em ações, atividades, projetos e programas vinculados ao patrimônio cultural e natural e ao incremento, preservação e salvaguarda de acervos documentais pessoais, familiares, comunitários, de museus, de arquivos, de centros de documentação e



de centros culturais, na articulação com o ensino e a pesquisa em diálogo com abordagens trans e multidisciplinares.

2) Estudo teórico e prático de natureza extensionista aplicada à formação do profissional da história em ações, atividades, projetos e programas de referência, divulgação e educação com acervos históricos, culturais e naturais, na articulação com o ensino e a pesquisa em diálogo com abordagens trans e multidisciplinares. Como a pesquisa docente e discente é desenvolvida a partir de projetos e núcleos, nesta quarta disciplina como componente curricular da extensão tem por finalidade modular ações de extensão total ou parcialmente vinculadas ao aprendizado e correspondência com demandas societárias.

E, por último, vale registrar que as quatro disciplinas de Extensão como Componente Curricular (Extensão I, II, III, IV) totalizam 272 h/a. Todas elas se pautam pela articulação entre o ensino e a pesquisa. Para além delas, existe uma carga horária residual, de 62 horas, que os alunos devem cumprir em atividades extensionistas de toda a instituição, possibilitando um espaço de construção para cada discente perseguir de acordo com suas inclinações, possibilidades e interesses. Tal escolha se dá também em função de que, como não existe a previsão de horas complementares neste novo currículo, há, nesta atividade extensionistas a possibilidade de ampliar e incentivar a mobilidade, diálogo e autonomia do acadêmico.

O curso de Licenciatura em História se estrutura por pilares específicos, mas também e sobretudo pela visão de que a extensão não assume relevância sem a pesquisa e o ensino implicados e imbricados. Assim como não há ensino sem extensão e a pesquisa, e vice-versa. Compreende-se assim que o saber histórico não se afirma em nenhuma enredada essencialidade, sempre dependendo do vigoroso diálogo disciplinar com outras disciplinas, a exemplo a filosofia, a sociologia, a filologia, a antropologia, a psicologia, o direito, a educação, a arquivologia, a arqueologia, e os espaços de diálogo e troca devem ser fortalecidos.

3.9 Flexibilização Curricular

Considerando-se a necessidade de permitir ao discente a conciliação de um saber com base na autonomia, é necessário que o acadêmico curse 204 horas em disciplinas da chamada diversificação, que serão oferecidas ano a ano. (no formato de disciplinas online de 68 horas semestrais).

Da mesma forma, os projetos de ensino, pesquisa e extensão desenvolvidos no curso fomentam a flexibilização curricular na formação dos licenciados em História, bem como ainda possibilita a flexibilização da formação do futuro professor na execução e no fomento à participação em Programas de Iniciação à Docência (PIBID) e Programas de Educação Tutorial (PET).

3.10 Prática como Componente Curricular

A PCC – Prática como componente curricular, está organizada em seis disciplinas ao longo dos quatro anos do curso.

Oficina de História I	68 h
Oficina de História II	68 h
Oficina de História III	68 h
Oficina de História IV	68 h
Oficina de História V	68 h
Oficina de História VI	68 h



Total	408h
-------	------

3.11 Atendimento aos Temas Transversais

Tema	PCC
Relações étnico-raciais	Disciplina História e Cultura Afro-brasileira e nas ementas de História do Brasil
Educação Ambiental	Disciplinas de Extensão
Educação em Direitos Humanos	Estágio Supervisionado em História
Libras como disciplina obrigatória (Licenciatura)	Disciplina LIBRAS
Políticas públicas e gestão da educação (Licenciatura)	Disciplina Políticas Educacionais e Estágio Supervisionado em História
Diversidade de gênero, sexual, religiosa, de faixa geracional e de classe social (Licenciatura)	Disciplinas: História e Gênero e Corpo, Sexualidade e Diversidade, além da abordagem em outras ementas do curso (Oficina VI)
Educação especial e direitos educacionais de adolescentes e jovens em cumprimento de medidas socioeducativas (Licenciatura)	Estágio Supervisionado em História e Oficina(s) de História

4. AVALIAÇÃO

4.1 Avaliação do Curso

O curso participa de todas as avaliações institucionais, realizadas pela CPA. A última avaliação externa aconteceu em 2021, com a prova do ENADE, onde manteve a nota da avaliação anterior. O Núcleo Docente Estruturante do curso vem trabalhando na sistematização de um processo de avaliação do curso junto aos alunos e egressos.

Paralelamente, está sendo realizada pelo Colegiado de Curso, um levantamento de dados sobre os alunos egressos. O levantamento está em fase de conclusão e traz dados gerais sobre residência, segunda graduação e sobre pós-graduação, atuação profissional (se atua na área), etc.

4.2 Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar aprovado pela Instituição

De acordo com o aprovado pela instituição:

RESOLUÇÃO UNIV Nº 012, DE 22 DE JUNHO DE 2017. Altera o Regimento Geral da Universidade Estadual de Ponta Grossa, no que se refere à Operacionalização da Avaliação do Rendimento Escolar. O CONSELHO UNIVERSITÁRIO, no uso de suas atribuições legais e estatutárias, na reunião do dia 22 de junho de 2017, considerando o artigo 13, VI do Estatuto da Universidade Estadual de Ponta Grossa; o Parecer CEPE nº 015/2017 e a Decisão do Plenário do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão do dia 25 de abril de 2017; e, considerando mais, os termos do expediente autuado no Protocolo Geral da Universidade Estadual de Ponta Grossa onde se consubstanciou no Processo nº 14.287/2015, aprovou e eu, Reitor, sanciono a seguinte Resolução: Art. 1º Fica alterado o Regimento Geral da Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG, em seu Título VI, Capítulo IV, Seção III – Da Operacionalização da Avaliação do Rendimento Escolar, Art. 60, §§ 4º e 5º, conforme segue: Art. 60. [...] § 4º A nota mínima para aprovação com exame final deverá ser igual a seis (6,0) [...] Art. 63-A. [...] § 6º Deverá prestar exame final na



disciplina, o acadêmico que obtiver nota entre quatro (4,0) e seis e nove (6,9), obtida pela média aritmética simples das duas verificações. [...] FINAL. Art. 63-B. [...] § 1º [...] I - [...] b) nota final inferior a quatro (4,0) = REPROVAÇÃO DIRETA; c) nota final de quatro (4,0) a seis e nove (6,9) = submissão a EXAME II - [...] a) nota final de seis (6,0) a sete e nove (7,9) = APROVADO; b) nota final de dois e seis (2,6) a cinco e nove (5,9) = REPROVADO. Art. 63-C. [...] § 2º Será aprovado na disciplina o acadêmico que obtiver média igual ou superior a sete (7,0) ou nota igual ou superior a seis (6,0), após a realização do exame final. Art. 63-D. [...]

5. ORGANIZAÇÃO CURRICULAR

5.5.1 Disciplinas Integrantes do Currículo Pleno

A organização curricular dos cursos de licenciaturas atende ao disposto no art. 11, da Res. CNE/CP nº 2/2019, distribuída da seguinte forma:

I - Grupo I: 800 (oitocentas) horas, para a base comum que compreende os conhecimentos científicos, educacionais e pedagógicos e fundamentam a educação e suas articulações com os sistemas, escolas e práticas educacionais. Trata-se das disciplinas de formação básica geral.

II - Grupo II: 1.600 (mil e seiscentas) horas, para a aprendizagem dos conteúdos específicos das áreas, componentes, unidades temáticas e objetos de conhecimento da BNCC, e para o domínio pedagógico desses conteúdos.

Apresentam-se como disciplinas de formação específica profissional (II.a) e as disciplinas de diversificação e aprofundamento (II.b)

III - Grupo III: 800 (oitocentas) horas, prática pedagógica, assim distribuídas: a) 400 (quatrocentas) horas para o estágio supervisionado, em situação real de trabalho em escola, segundo o Projeto Pedagógico do Curso (PPC) da instituição formadora (III.a); e b) 400 (quatrocentas) horas para a prática dos componentes curriculares dos Grupos I e II, distribuídas ao longo do curso, desde o seu início, segundo o PPC da instituição formadora (III.b).

5.2 GRUPO I - Disciplinas de Formação Básica Geral:

ÁREA DE CONHECIMENTO	CÓDIGO	DISCIPLINA	SÉRIE	SEMESTRE	CH
EDUCAÇÃO	501	Políticas Educacionais	1	2	68
HISTÓRIA	504	Teoria da História e Historiografia I	1	1	68
HISTÓRIA	504	História e Cultura Afro-brasileira	1	1	68
ESTUDOS DA LING.	510	Libras	4	1	51
PEDAGOGIA	509	Didática	3	2	68
EDUCAÇÃO	501	Psicologia da Educação	2	1	68
HISTÓRIA	504	Contemporaneidade, sociedade e história	1	1	68
HISTÓRIA	504	Teoria da História e Historiografia II	1	2	68
HISTÓRIA	504	Teoria da História e Historiografia III	2	1	68
HISTÓRIA	504	Teoria da História e Historiografia IV	3	1	68



HISTÓRIA	504	Teoria da História e Historiografia V *	3	2	34
HISTÓRIA	504	História Local e Regional	1	2	68
HISTÓRIA	504	História Pública	2	2	68
Total de Carga Horária do Grupo I					833

• A Disciplina de Teoria da História e Historiografia V é complementar às demais disciplinas da área, consideradas fundamentadoras do curso, está voltada, a partir do debate teórico contemporâneo, a embasar os projetos de pesquisa de OTCC em elaboração.

5.3 GRUPO II.a - Disciplinas de Formação Específica Profissional

ÁREA DE CONHECIMENTO	CÓDIGO	DISCIPLINA	SÉRIE	SEMESTRE	CH
HISTÓRIA	504	História das Sociedades Antigas	1	1	68
HISTÓRIA	504	História das Sociedades Antigas II	3	2	34
HISTÓRIA	504	História das Sociedades Medievais	2	1	68
HISTÓRIA	504	História do Brasil I	1	1	68
HISTÓRIA	504	História do Brasil II	2	1	68
HISTÓRIA	504	História do Brasil III	2	2	68
HISTÓRIA	504	História do Brasil IV	3	2	68
HISTÓRIA	504	História do Brasil V	4	2	68
HISTÓRIA	504	História das Sociedades Modernas I	2	2	68
HISTÓRIA	504	História das Sociedades Modernas II	3	1	68
HISTÓRIA	504	História das Sociedades Americanas I	2	2	68
HISTÓRIA	504	História das Sociedades Americanas II	3	1	68
HISTÓRIA	504	História das Sociedades Americanas III	4	2	68
HISTÓRIA	504	História das Sociedades Contemporâneas I	4	1	68
HISTÓRIA	504	História das Sociedades Contemporâneas II	4	2	68



HISTÓRIA	504	História da África	1	2	68
HISTÓRIA	504	Projeto de OTCC.	3	2	68
HISTÓRIA	504	OTCC I	4	1	17
HISTÓRIA	504	OTCC II	4	2	17
HISTÓRIA	504	EXTENSÃO I	1	2	68
HISTÓRIA	504	EXTENSÃO II	2	2	68
HISTÓRIA	504	EXTENSÃO III	3	2	68
HISTÓRIA	504	EXTENSÃO IV	4	1	68
Total de Carga Horária do Grupo II.a					1428

5.4 GRUPO II.b - Disciplinas de Diversificação e Aprofundamento

Cada acadêmico poderá escolher três disciplinas da lista do rol de Diversificação e Aprofundamento, conforme oferta anual disponível no DEHIS.

ÁREA DE CONHECIMENTO	CÓDIGO	DISCIPLINA	SÉRIE	SEMESTRE	CH
HISTÓRIA	504	Leitura e escrita acadêmica em História	2-3-4	1-2	68
HISTÓRIA	504	História e Humanidades	2-3-4	1-2	68
HISTÓRIA	504	Empreendedorismo sociocultural	2-3-4	1-2	68
HISTÓRIA	504	Cinema, História e Ensino de História	2-3-4	1-2	68
HISTÓRIA	504	Corpo, Sexualidade e Diversidade	2-3-4	1-2	68
HISTÓRIA	504	História e Literatura	2-3-4	1-2	68
HISTÓRIA	504	História e Antropologia	2-3-4	1-2	68
HISTÓRIA	504	História e Cidade	2-3-4	1-2	68
HISTÓRIA	504	História e Ciências Sociais	2-3-4	1-2	68
HISTÓRIA	504	História e Gênero	2-3-4	1-2	68
HISTÓRIA	504	História e Imagem	2-3-4	1-2	68



HISTÓRIA	504	História e Museus	2-3-4	1-2	68
HISTÓRIA	504	História e Natureza	2-3-4	1-2	68
HISTÓRIA	504	História e Patrimônio	2-3-4	1-2	68
HISTÓRIA	504	História e Teatro	2-3-4	1-2	68
HISTÓRIA	504	História Indígena	2-3-4	1-2	68
HISTÓRIA	504	História Oral	2-3-4	1-2	68
HISTÓRIA	504	Historiografia Brasileira	2-3-4	1-2	68
HISTÓRIA	504	Japão, China e Oriente Médio: questões contemporâneas	2-3-4	1-2	68
HISTÓRIA	504	Pensamento Social Brasileiro e Historiografia	2-3-4	1-2	68
HISTÓRIA	504	Recepções do Mundo Antigo	2-3-4	1-2	68
HISTÓRIA	504	História do Tempo Presente	2-3-4	1-2	68
Total de Carga Horária do Grupo II.b					204

5.5 GRUPO III.a - Estágio Curricular Supervisionado

O Estágio Curricular Supervisionado deve permitir o exercício da relação teoria-prática em projetos de ação interdisciplinar, contemplando de maneira crítica os conhecimentos adquiridos no decorrer do curso. Esta prática será orientada e supervisionada pelos docentes das diferentes áreas do conhecimento e pela equipe pedagógica das instituições em que estiver inserido. Acredita-se que os objetivos dessa atividade são: assegurar ao acadêmico possibilidade de observação, reflexão nos processos educacionais dos diferentes espaços, permitindo que este relacione processos de ensino e aprendizagem em História e procure soluções adequadas aos problemas e dificuldades que venha a encontrar durante esta prática. Espera-se do acadêmico a sistematização do conhecimento, a ação reflexiva da prática docente e a socialização do saber e do fazer, com vistas a uma permanente investigação e produção ativa de conhecimentos.

A carga horária total da disciplina (204 horas) será assim distribuída 50% da carga horária será desenvolvida por orientação na IES e igual carga horária se destinará ao campo de estágio, de acordo com o previsto na RESOLUÇÃO CEPE Nº 046, DE 11 DE SETEMBRO DE 2013.

5.5.1 Carga Horária

ÁREAS DE CONHECIMENTO	CÓDIGO	DISCIPLINA	SÉRIE	SEMESTRE	CH
-----------------------	--------	------------	-------	----------	----



HISTÓRIA	504	Estágio Supervisionado em História I	3	1	102
HISTÓRIA	504	Estágio Supervisionado em História II	3	2	102
HISTÓRIA	504	Estágio Supervisionado em História III	4	1	102
HISTÓRIA	504	Estágio Supervisionado em História IV	3	2	102
Total de Carga Horária do Grupo III.a					408

5.5.2 Modalidade:

DISCIPLINA DE ESTÁGIO	CARGA HORÁRIA		MODALIDADE DE ORIENTAÇÃO		
	T	P	DIRETA	SEMI-DIRETA	INDIRETA
Estágio Supervisionado em História I	51	51		X	
Estágio Supervisionado em História II	51	51		X	
Estágio Supervisionado em História III	51	51		X	
Estágio Supervisionado em História IV	51	51		X	

5.5.3 Carga Horária de Supervisão de Estágio:

ANO	CURRÍCULO VIGENTE	NOVO CURRÍCULO
2023	79 horas/ semanais	
2024	80 horas/ semanais	
2025	80 horas/ semanais	40 horas/semanais
2026	xx	80 horas/semanais

5.6 GRUPO III.b - Prática como Componente Curricular

ÁREAS DE CONHECIMENTO	CÓDIGO	DISCIPLINA	SÉRIE	SEMESTRE	CH
HISTÓRIA	504	Oficina de História I	1	1	68
HISTÓRIA	504	Oficina de História II	1	2	68
HISTÓRIA	504	Oficina de História III	2	1	68
HISTÓRIA	504	Oficina de História IV	3	1	68
HISTÓRIA	504	Oficina de História V	4	1	68
HISTÓRIA	504	Oficina de História VI	4	2	68
Total de Carga Horária do Grupo III.b					408

5.7 Extensão como Componente Curricular



5.7.1 Disciplinas:

ÁREAS DE CONHECIMENTO	CÓDIGO	DISCIPLINA	SÉRIE	SEMESTRE	% Ext	CH
HISTÓRIA	504	EXTENSÃO I	1	2	100	68
HISTÓRIA	504	EXTENSÃO II	2	2	100	68
HISTÓRIA	504	EXTENSÃO III	3	2	100	68
HISTÓRIA	504	EXTENSÃO IV	4	1	100	68

5.7.2 Outras atividades curriculares de Extensão

CARGA HORÁRIA EM ATIVIDADES DE EXTENSÃO DIVERSAS (NÃO CODIFICADAS NO CURSO)	62H
CARGA HORÁRIA TOTAL DA EXTENSÃO	334H
PORCENTAGEM DE CH DE EXTENSÃO EM RELAÇÃO À Carga Horária TOTAL DO CURSO	10%

5.8 Disciplinas na Modalidade de Educação a Distância

As disciplinas de diversificação e aprofundamento estão previstas para serem realizadas no formato de educação a distância, sendo 3 no total, a serem ofertadas de acordo com a disponibilidade do departamento. Para além delas, também seguem o formato citado, as disciplinas presentes na tabela abaixo:

5.8.1 Disciplinas:

GRUPO	CÓDIGO	DISCIPLINA	SÉRIE	SEMESTRE	CH
I	504	Contemporaneidade, sociedade e história	1	1	68
II b	504	História da África	1	2	68
I	504	Teoria da História e Historiografia V	3	2	34
II b	504	História das Sociedades Antigas II	3	2	34
II b	504	OTCC.	4	1/2 (anual)	34 *

* A disciplina OTCC deverá ser ofertada anualmente conforme prevê a RESOLUÇÃO CEPE Nº 005, DE 27 DE MARÇO DE 2018.

5.8.2 Carga Horária:

CARGA HORÁRIA TOTAL EAD	442
PORCENTAGEM DE CARGA HORÁRIA EAD EM RELAÇÃO À CH TOTAL DO CURSO	13,22%

5.9 Disciplinas com Aulas Práticas, Experimentais e/ou Laboratoriais



O Curso de Licenciatura em História não possui, com exceção das atividades de estágio, aulas de natureza experimental ou laboratorial.

5.10 Atividades Complementares ou Acadêmico Científico-Culturais (Não obrigatórias para as licenciaturas)

Não serão solicitadas

5.11 Organização do Trabalho de Conclusão de Curso

O TCC será organizado conforme regulamento próprio, em consonância com o Regulamento Geral da UEPG.

A formação de professores de História é pensada e organizada a partir da indissociabilidade entre ensino e pesquisa, teoria e prática. Desta forma, o TCC – Trabalho de Conclusão de Curso é necessário para uma formação integral, uma formação que contemple a formação específica em pesquisa, seja na área de História ou de Ensino de História. O exercício da pesquisa é importante para o desenvolvimento da autonomia docente, para a atividade cotidiana da escola, para a percepção do conhecimento como interpretações e não como verdades. Segue as diretrizes da Resolução CEPE Nº 005, de 27 de março de 2018. Regulamento Geral dos Trabalhos de Conclusão de Curso de Graduação.

5.11.1 Carga Horária Supervisão do TCC:

ANO	CURRÍCULO VIGENTE	NOVO CURRÍCULO
2023	952 HORAS	
2024	952 HORAS	
2025	952 HORAS	
2026	xx	1190 HORAS

6. ATENDIMENTO A LEGISLAÇÕES ESPECÍFICAS

LEGISLAÇÃO	DISCIPLINA	CARGA HORÁRIA
DELIBERAÇÃO Nº 02/2016	LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS – LIBRAS	51H
DELIBERAÇÃO Nº 02/2015-CEE/PR	PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO	68H

Legislação Federal:

- Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9394/96.
- Resolução CP/CNE nº 2, de 01 de julho de 2015. Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior
- PARECER CNE/CP Nº: 2, de 09 de junho de 2015 - Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial e Continuada dos Profissionais do Magistério da Educação Básica
- DECRETO 8.752, de 09 de maio de 2016 - Política Nacional de Formação dos Profissionais da Educação Básica

Legislação específica História:



- Parecer CNE/CES 492, de 3 de abril de 2001. Diretrizes de História
- Legislação interna UEPG
- Resolução UNIV Nº 11, de 22 de junho de 2017 – aprova Normas Gerais para Elaboração e Análise de Propostas de Novos Currículos e/ou Adequação Curricular dos Cursos Superiores de Graduação Presenciais e a Distância, da UEPG.
 - Resolução CEPE Nº 006, de 13 de fevereiro de 2007- Aprova regulamento de disciplina articuladora dos cursos de Licenciatura da UEPG.
 - Resolução CEPE Nº 046, de 11 de setembro de 2013 - Aprova regulamento geral de estágios curriculares dos cursos de licenciaturas presenciais, da UEPG.
 - Resolução CEPE Nº 027, de 24 de outubro de 2017. Aprova adequação na oferta da Disciplina de LIBRAS
 - Resolução UNIV Nº 023, de 07 de julho de 2016 – Altera o Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar
 - Resolução CEPE Nº 005, de 27 de março de 2018. Regulamento Geral dos Trabalhos de Conclusão de Curso de Graduação

7. EMENTAS E BIBLIOGRAFIA BÁSICA

LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS – LIBRAS

TEORIA: (51% da carga horária) A importância do conhecimento e do desenvolvimento cultural da comunidade surda no mundo. Metodologias de ensino para surdos. A compreensão da Libras como língua natural e seus aspectos linguísticos morfofonológicos, sintáticos e semânticos. Letramento. A presença do intérprete. Legislação. **PRÁTICA:** (49% da carga horária) Expressões corporofaciais e Campos semânticos: Alfabeto datilológico; Números; Saudações e gentilezas; Identificação Pessoal; Família; Ensino; Escola; Verbos; e vocabulário básico específico à área de formação de cada curso.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da língua brasileira de sinais. v. I e II. São Paulo: USP, 2001. 2 e.

FERNANDES, S. Metodologia da educação especial. Curitiba: IBPEX, 2007.

GESSER, A. LIBRAS? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola, 2009.

LODI, A. C. B.; HARRISON, K. M. P.; CAMPOS, S. R. L de; TESKE, O. (org.) Letramento e Minorias. Porto Alegre: Mediação, 2002.

QUADROS, R. M. de; FINGER, I. Teorias de aquisição da Linguagem. Florianópolis: UFSC, 2017. 3 e.

QUADROS, R. M. de; KARNOPP, L. B. Língua de Sinais Brasileira, estudos linguísticos. Porto Alegre: Artemed, 2004.

SANTANA, A. P. Surdez e linguagem: aspectos e implicações neurolinguísticas. São Paulo: Plexus, 2007.

STROBEL, K. As imagens do outro sobre a cultura surda. Florianópolis: UFSC, 2008.

WILCOX, S. & WILCOX, P. P. Aprender a ver. Petrópolis: Arara Azul, 2005.

POLÍTICA EDUCACIONAL

Conceitos de Política e Política Educacional. Concepções de Estado e suas relações com a educação e sociedade. Dimensões históricas, políticas, sociais e econômicas relativas à organização da educação brasileira. Ordenamentos legais da educação brasileira: Constituição Federal de 1988, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9394/96) e legislações decorrentes. Políticas Curriculares – BNCC e Políticas de Formação de Professores. Formação política do profissional da educação. Temas emergentes da política educacional brasileira e a suas relações com as especificidades do Curso de Licenciatura em História.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA



- AZEVEDO, M. J. L. A educação como política pública. Campinas: Autores Associados, 2004.
- BALL, S. J.; MAINARDES, J. Políticas educacionais: questões e dilemas. São Paulo: Cortez, 2011.
- BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, 1988.
- BRASIL, Lei n.º 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm
- CAMPOS, MA. A. T.; SILVA, M. R. (orgs). Educação: Movimentos Sociais e Políticas Governamentais. Curitiba: Appris, 2017.
- DOURADO, L. F.; PARO, V. H. (Orgs.). Políticas públicas e educação básica. São Paulo: Xamã, 2001.
- FÁVERO, O. A educação nas constituições brasileiras (1823-1988). São Paulo: Autores Associados, 1996.
- LIBÂNEO, J. C.; OLIVEIRA, J. F. DE; TOSCHI, M.S. Educação Escolar: políticas, estrutura e organização. São Paulo: Cortez, 2003.
- SOUZA, A. R.; GOUVEIA, A. B.; TAVARES, T. M. (orgs.). Políticas Educacionais: conceitos e debates. Curitiba: Appris, 2013.
- VIEIRA, S. L.; FARIAS, I. M. S. Política educacional no Brasil: uma introdução histórica. Brasília: Liber Livro, 2011.
- VIEIRA, S. L. Educação básica: política e gestão da escola. Brasília: Liber Livro, 2010.

PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO

Psicologia e Psicologia da Educação. Aprendizado e desenvolvimento nos contextos escolar e não escolar: perspectiva bioecológica do desenvolvimento humano. Análise do Comportamento, Psicanálise, Epistemologia Genética e Psicologia Histórico-Cultural. Emoção, afetividade e aprendizagem. A adolescência no enfoque psicossocial e cultural. Psicologia e Ensino de História.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- ALMEIDA, Laurinda Ramalho; MAHONEY, Abigail Alvarenga (Org.). Aprendizagem e afetividade: contribuições de Henri Wallon. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2007.
- BRONFENBRENNER, Urie. A ecologia do desenvolvimento humano. Porto Alegre: ArtMed, 1996.
- CARRARA, Kester. (Org.). Introdução à psicologia da educação: seis abordagens. São Paulo: Avercamp, 2004.
- LEAL, Zaira F. de R. G.; FACCI, Marilda G. D.; SOUZA, Marilene P. R. Adolescência em foco: contribuições para a psicologia e para a educação. Maringá: EDUEM, 2014.
- FREUD, Sigmund (1930). O mal-estar na civilização. In: FREUD, Sigmund. Obras Completas. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. v. 18. p. 13-122.
- JACÓ VILELA, Ana M.; FERREIRA, Arthur A. L.; PORTUGAL, Francisco. T. História da Psicologia: rumos e percursos. Rio de Janeiro: NAU, 2010.
- MESSEDER NETO, H. da S. O ensino de Química e o desenvolvimento da imaginação: aportes da Perspectiva Histórico-Crítica. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS – ENPEC, 9., 2017, Florianópolis. Anais eletrônicos... Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2017. p. 1-11. Disponível em: .
- PIAGET, Jean. Seis estudos de psicologia. 25. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2012.
- SKINNER, Burrhus F. Ciência e comportamento humano. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- VIGOTSKI, Lev. S. A formação social da mente. 2 ed. São Paulo: Martins Editora, 2007.

DIDÁTICA

Reflexões sobre educação e o trabalho docente na escola. A didática como área de saber voltada aos processos ensino-aprendizagem e seu papel na formação do professor. Organização do trabalho pedagógico no cotidiano escolar: o planejamento educacional, seus níveis e elementos. Avaliação do processo ensino-aprendizagem.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA



ANASTASIOU, L; ALVES, L. (orgs). Processos de ensinagem na universidade: pressupostos para as estratégias de trabalho docente em aula. 6.ed. Joinville: Univille, 2006.

CORDEIRO, J. Didática. São Paulo: Contexto, 2007.

FARIAS, I. M. S [et al.]. Didática e docência: aprendendo a profissão. Brasília: Liber Livro, 2009. 180 p.

GASPARIN, J.L. Uma Didática para a Pedagogia Histórico-Crítica. Campinas: São Paulo: Autores Associados, 2007.

LIBÂNEO, J. C. Didática. São Paulo: Cortez, 2013.

SACRISTAN, J. G.; GOMEZ, A. P. Compreender e transformar o ensino. Porto Alegre: ArtMed, 2000.

VASCONCELLOS, C. Coordenação do trabalho pedagógico: do projeto político pedagógico ao cotidiano da sala de aula. São Paulo: Libertad, 2002.

HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA

Estudo da História e da Cultura Africana e Afrobrasileira a partir das trocas culturais, os processos de resistência e a complexidade dos projetos de mestiçagens. As condições das populações negras no Brasil após a abolição da escravidão. Culturas e identidades afro-brasileira no século XX. As formas integração\exclusão da população negra na sociedade brasileira. Análise das relações étnico-raciais no Brasil;

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BERND, Zilá. Racismo e anti-racismo. São Paulo: Moderna, 1997

BRASIL. Ministério da Educação. "Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana". Novembro de 2009.

CASHMORE, Ellis. Dicionário de relações étnicas e raciais. São Paulo: Summus/Selo Negro, 2000.

FERREIRA, Ricardo F. Afro-descendente: Identidade em construção. Rio de Janeiro/São Paulo: Pallas, 2004.

FONSECA, Maria Nazareth Soares (org.). Brasil afro-brasileiro. Belo Horizonte: Autêntica, 2000

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HASENBALG, C A. Entre o Mito e os fatos: racismo e relações raciais no Brasil. In: MAIO, M C.; SANTOS, R V (Orgs) Raça, ciência e sociedade. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz/Centro Cultural Banco do Brasil, 1996.

KI-ZERBO, Joseph (org.). História Geral da África. Brasília: UFSCAR/MEC/UNESCO, 2010. (8 Volumes)

LOPES, Nei. Enciclopédia brasileira da diáspora africana. São Paulo: Selo Negro, 2004.

MUNANGA, Kabengele. Negritude: Usos e sentidos. 2 ed. São Paulo: Ática, 1988.

_____. "Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia". Palestra proferida no 3º Seminário Nacional de Relações Raciais e Educação - PENESB-RJ, 05/11/03. _

_____. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

OLIVER, Roland. A experiência africana: da pré-história aos dias atuais. Rio de Janeiro: Zahar, 1994

PRANDI, Reginaldo. Mitologia dos Orixás. São Paulo: Cia. das Letras, 2000

SILVA, Alberto da Costa e. A enxada e a lança: a África antes dos portugueses. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992

_____. A manilha e o libambo: a África e a escravidão; de 1500 a 1700. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Biblioteca Nacional, 1992



WEDDERBURN, Carlos Moore. Novas bases para o ensino da História da África no Brasil. In: Educação anti-racista: novos caminhos abertos pela Lei Federal 10.639/2003. Brasília: MEC/SECAD, 2005.

HISTÓRIA DA ÁFRICA

Origem da humanidade na África. Expansão das tecnologias. Criação dos primeiros reinos subsaarianos. A diáspora africana: o tráfico árabe e o tráfico europeu no Atlântico. Invasão imperialista europeia e o processo de descolonização.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ALENCASTRO, Luis Felipe de – O trato dos viventes. Formação do Brasil no Atlântico sul, São Paulo, Companhia das Letras, 2000.

BLACKBURN, Robin – A construção do escravismo no Novo Mundo. Do barroco ao moderno, 1492-1800. Tradução de Maria Beatriz de Medina. Rio de Janeiro, Record, 2003.

COQUERY-VIDROVITCH, Catherine. A descoberta da África. Lugar da História. Lisboa: Edições 70, 2004.

CURTIN, Philip D. Tendências recentes das pesquisas históricas africanas e contribuição à história em geral. In: História Geral da África I. Metodologia e Pré-História da África, coordenação Joseph Ki-Zerbo. São Paulo, Editora Ática/UNESCO, 1980, pp 73-89.

DAVIS, David Brion. O problema da escravidão na cultura ocidental. Tradução de Wanda Caldeira Brant. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

FAGE, J. D. História da África. Lisboa: Edições 70, 1997. – A evolução da historiografia da África, História Geral da África I. Metodologia e Pré-História da África. São Paulo: Ática/UNESCO, 1980, coordenador do volume Joseph Ki-Zerbo, pp.43-59.

FERREIRA, Roquinaldo. Dinâmica do comércio intracolônial: geribitas, panos asiáticos e guerras no tráfico angolano de escravos (século XVIII). In: FRAGOSO, João; BICALHO, Maria Fernanda; Gouvêa, Maria de Fátima. O antigo regime nos trópicos: A dinâmica imperial portuguesa (séculos XVI-XVIII) Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2001.

HAMPATÉ BÂ, Hamadou. A tradição viva, em História Geral da África I. Metodologia e pré-história da África. Organizado por Joseph Ki-Zerbo. São Paulo, Ed. Ática/UNESCO, 1980.

KI-ZERBO, Joseph – História da África negra I. Publicações Europa-América, s/d.

LOVEJOY, Paul E. A escravidão na África. Uma história e suas transformações, tradução Regina Bhering e Luiz Guilherme Chaves. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2002. 7

M'BOKOLO, Elikia. África negra. História e civilizações. Salvador / São Paulo: EDUFBA / Casa das Áfricas, 2009.

MEILLASSOUX, Claude. Antropologia da escravidão. O ventre de ferro e dinheiro. Tradução Lucy Magalhães. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1995.

SILVA, Alberto da Costa e. A manilha e o libambo. A África e a escravidão de 1500 a 1700. Rio de Janeiro, Nova Fronteira: Fundação Biblioteca Nacional, 2002.

_____. Um rio chamado atlântico. A África no Brasil e o Brasil na África. Rio de Janeiro, Ed. Nova Fronteira / Ed. UFRJ, 2003.

_____. Francisco Félix de Souza, mercador de escravos. Rio de Janeiro, Nova Fronteira: EdUERJ, 2004.

SOUZA, Marina de Mello e. Reis negros no Brasil escravista. História da festa de coroação de rei congo, Belo Horizonte, Editora UFMG, 2002

HISTÓRIA DAS SOCIEDADES AMERICANAS I

Análise temática-historiográfica de processos históricos referentes à colonização da América Hispânica. Meso América e os Andes Centrais. Da descoberta à conquista: unificação da coroa espanhola e as grandes navegações. Dinâmicas da conquista espanhola. Crônicas e cronistas: os diversos enfoques sobre a vida na América Colonial. América Colonial: natureza americana, meio ambiente, setores produtivos e relações de trabalho. Sociedade colonial: relações étnico-racial, diversidades, pluralismo das tradições e as mestiçagens na construção de uma cultura colonial.



BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- BERNARD & GRUZINSKI, Serge. História do Novo Mundo. Vol. 1: Da descoberta à conquista, uma experiência européia (1492-1550). Vol. 2: As mestiçagens. São Paulo: Edusp, 1997 e 2006.
- BETHELL, Leslie (org.). História da América Latina. América Latina Colonial. 3 vols (v. 1, 2 e 3.). São Paulo/ Brasília: EDUSP/ Fundação Alexandre de Gusmão, 1998-1999.
- CIEZA DE LEÓN, Pedro. Crónica del Perú (1550-54). Caracas: Fundación Biblioteca Ayacucho, 2005.
- CORTÉS, Hernán. Cartas de Relación (Sevilla, 1522). México: Porrúa, 1983.
- ELLIOT, John H. O velho mundo e o novo: 1492-1650. Lisboa: editorial Quercus, 1984 (1970).
- GARCILASO DE LA VEGA, Inca. Comentarios reales de los Incas e Historia general del Perú (1609). México: Porrúa, 2006.
- GÓMARA, Francisco López de. Historia de la conquista de México. México: Porrúa, 2006.
- LEHMANN, Henri. As civilizações pré-colombianas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- LEVILLIER, Robert. Los Incas. Sevilla: Escuela de Estudios Hispano-Americanos, 1956.
- MURRA, John. La organización económica del Estado inca. Tradução de Daniel R. Wagner. 4a. edição, México: Siglo Veintiuno / Instituto de Estudios Peruanos, 1987.
- O'GORMAN, Edmundo. A invenção da América. São Paulo: ed. Unesp, 1992.

HISTÓRIA DAS SOCIEDADES AMERICANAS II

Ideias políticas nas Américas em fins do século XVIII e século XIX. As independências na América Hispânica e Anglo-Saxônica, seus impactos para as diferentes classes sociais e a formação dos Estados Nacionais Americanos. Caudilhismos. A construção das identidades nacionais e supra- nacionais. Nacionalismos, mitos fundadores da Nação e conflitos bélicos; Cenários culturais na virada do século XIX para o XX.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- AZEVEDO, Cecília; RAMINELLI, Ronald. História das Américas – Novas perspectivas. Rio de Janeiro. FGV, 2011
- BARSOTTI, Paulo & PERICÁS, Luis Bernardo. América Latina: História, ideias e revolução. São Paulo: Xamã, 1998
- BETHELL, Leslie (org.). História da América Latina. Vol. III. São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo; Brasília, DEFENSOR: Fundação Alexandre Gusmão, 1997.
- DONGHI, Halperin. História da América Latina. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- DORATIOTO, Francisco F. Monteoliva. Maldita Guerra: Nova história da Guerra do Paraguai. São Paulo: Cia das Letras, 2002.
- JAMES, C.L.R. Os jacobinos negros. Toussaint L'Ouverture e a revolução de São Domingos. São Paulo: Boitempo, 2000.
- Karnal, Leandro (org) História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI. São Paulo: Contexto, 2014.
- MADER, M. E. Revoluções de independência na América Hispânica: uma reflexão historiográfica. Revista de História. USP, v 2, n 159, 2008. p 225-241.
- PRADO, Maria Lídia. América Latina no século XIX: tramas, telas e textos. 2 ed. São Paulo: USP, 2004.
- PRADO, Maria Lígia; PELLEGRINO, Gabriela. História da América Latina. São Paulo: Contexto, 2014.
- WASSERMAN, Claudia (org) História da América Latina: Cinco Séculos. 4ed. Porto Alegre, Editora UFRGS, 2010.

HISTÓRIA DAS SOCIEDADES AMERICANAS III

Debate historiográfico sobre as Américas no século XX. Imperialismo Norte Americano na América Latina. Revoluções: Mexicana e Cubana e seus desdobramentos políticos e socioculturais; Populismos. As experiências socialistas; Ditaduras Militares: Argentina;



Chile. Américas no tempo presente na perspectiva decolonial: acordos, blocos, dinâmicas sociais e novas concepções ambientais, de gênero e diversidade.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

AZEVEDO, Cecília; RAMINELLI, Ronald. História das Américas – Novas perspectivas. Rio de Janeiro. FGV, 2011

BARBOSA, Carlos Alberto Sampaio. A fotografia a serviço de Clio; uma interpretação visual da Revolução mexicana -1900,1940-. São Paulo: Unesp, 2006.

BARSOTTI, Paulo & PERICÁS, Luis Bernardo. América Latina : História, ideias e revolução. São Paulo : Xamã, 1998

BAUMGARTEN.M. Sociedade, Conhecimentos e Colonialidade: Olhares sobre a América Latina . Porto Alegre: UFRGS.

BETHELL, Leslie (org.). História da América Latina. Vol. IV. São Paulo : Ed. Da Universidade de São Paulo ; Brasília, DEFENSOR: Fundação Alexandre Gusmão,1997.

BRINHOSA, Mario Cesar (org) América Latina em debate: Revoluções e Movimentos Sociais. Florianópolis: Insular, 2014.

CAMÍN, Hector Aguilar & MEYER, Lorenzo. À sombra da Revolução Mexicana – História Mexicana Contemporânea, 1910-1989. SP: Edusp, 2000.

CERVO, Amado Luiz; RAPOPORT, Mario (orgs.) História do Cone Sul. Rio de Janeiro: Revan, 2015.

FERREIRA, Jorge (org.). O populismo e sua história: debate e crítica. Rio: Civilização Brasileira, 2001.

FIGARI, Carlos. Cuerpo(s), Subjetividad(es) y Conflicto(s); Hacia una sociología de los cuerpos y las emociones desde Latinoamérica. Buenos Aires: CICCUS, 2009.

FLORES, Jorge Rojas. História de la infância em el Chile Republicano (1810-2010). 2 ed. Santiago: edicionesDelajunji, 2016.

KARNAL, Leandro (org) História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI. São Paulo: Contexto, 2014.

MISKULIN, Sílvia Cezar. Cultura ilhada: imprensa e Revolução Cubana (1959-1961). São Paulo: Xamã, 2003.

PRADO, Maria Lígia; PELLEGRINO, Gabriela. História da América Latina. São Paulo: Contexto, 2014.

WASSERMAN, Claudia (org.) História da América Latina: Cinco Séculos. 4ed. Porto Alegre, Editora UFRGS, 2010.

HISTÓRIA DAS SOCIEDADES ANTIGAS

Estudo histórico, conceitual e historiográfico sobre a Antiguidade. Introdução à História Antiga: fontes, métodos e abordagens. Aspectos socioculturais do mundo antigo. Estudos historiográficos da sociedade Romana. Reflexões sobre a Antiguidade Tardia.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BAKOS, Margaret Marchiori. Fatos e mitos do antigo Egito Antigo. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

BOUZON, Emanuel. Ensaio babilônicos: sociedade, economia e cultura na Babilônia pré-cristã. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

CARDOSO, Ciro Flamarion. Sete Olhares Sobre a Antiguidade. Brasília: UNB, 1994.

FINLEY, M. I. A política no mundo antigo. Rio de Janeiro: Zahar. 1986.

FLORES, Moacyr. Mundo greco-romano: arte, mitologia e sociedade. EDIPUCRS, 2000.

FUNARI, Pedro Paulo A., Antiguidade Clássica: História e Cultura a partir dos documentos, Ed. da Unicamp, Campinas, 1995.

LEICK, Gwendolyn. Mesopotâmia: a invenção da cidade. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

GUARINELLO, Norberto L., Imperialismo greco-romano, Ática, S.P., 1998.

SCARPI, Paolo. Politeísmos: as religiões do mundo antigo. São Paulo: Hedra, 2004.

HISTÓRIA DAS SOCIEDADES ANTIGAS II



Estudo de um conjunto de temas relativos à pesquisa e mediação didática de reflexões e leituras desenvolvidas nas disciplinas História Antiga e Medieval para o debate acadêmico, bem como nas salas de aula.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

CAIMI, Flávia Eloisa. "Por que os alunos (não) aprendem História? Reflexões sobre ensino, aprendizagem e formação de Professores de História". Revista Tempo, vol. 11, nº 21, Julho de 2006, p. 17-32.

CARDOSO, Ciro Flamarion. Sete Olhares Sobre a Antigüidade. Brasília: UNB, 1994.
CARTLEDGE, Paul (org.). História Ilustrada da Grécia antiga. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

CHEVITARESE, A. L; CORNELLI, G; SILVA, M. A. O. (org.) A tradição clássica e o Brasil. Brasília: Fortium, 2008.

GUARINELLO, Norberto L. Imperialismo greco-romano. São Paulo: Ática, 1987.

GONÇALVES, Ana Teresa Marques. "Os conteúdos de História Antiga nos Livros Didáticos brasileiros" Hêlade, número especial, 2001: 3-10.

FUNARI, Pedro Paulo. Grécia e Roma. São Paulo: Contexto: 2009.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. A Idade Média: nascimento do Ocidente. São Paulo: Brasiliense, 2001.

HARTOG, François. O Espelho de Heródoto: Ensaio sobre a Representação do outro. BH: UFMG.

MACEDO, J. R; MONGELLI, L. M. (org.) A Idade Média no cinema. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

HISTÓRIA DAS SOCIEDADES MEDIEVAIS

Idade Média: pensamento e historiografia. Romanos e bárbaros: relações e confrontos. Formação e expansão da cristandade ocidental. Dinâmica e expansão do feudalismo. Reflexões sobre elementos de continuidade e transformação da sociedade feudal. As Cruzadas. As universidades. Reaquecimento da vida urbana e comercial: a organização do espaço.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BROWN, Peter. A Ascensão do Cristianismo no Ocidente. Lisboa: Presença, 1999

CORASSIN, M. Sociedade e política na Roma antiga. São Paulo: Contexto, 2003.

DE LIBERA, Alain. Pensar na Idade Média. São Paulo: Editora 34, 1999.

FAVIER, Jean. Carlos Magno. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.

FLORES, Moacyr. Mundo greco-romano: arte, mitologia e sociedade. EDIPUCRS, 2000.

FRIGUETTO, Renan. Antigüidade Tardia: Roma e as Monarquias Romano-Bárbaras. Curitiba, Juruá: 2012.

GRANDAZZI, A. As origens de Roma. São Paulo: UNESP, 2010.

HEERS, J. "O Renascimento. Gênese de um mito", A Idade Média: uma impostura. Lisboa, Asa, 1994, pp.80-128

LE GOFF, Jacques. "As Idades Médias de Michelet", em Para um novo conceito de Idade Média. Lisboa, Estampa, 1981, pp.19-42.

HISTÓRIA DAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS I

Análise e debate temático-historiográfico das mudanças e permanências observadas nas dimensões sociais, econômicas e culturais, com sua contrapartida nas sociabilidades, sensibilidades e representações, durante o processo de consolidação das sociedades contemporâneas no "longo século XIX" (1789-1914), com ênfase nos processos revolucionários.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BAUMER, Franklin L. O pensamento europeu moderno. 2 vol. Lisboa: Edições 70, 1990.

CHARTIER, Roger. Origens culturais da Revolução Francesa. São Paulo: UNESP, 2009.



DARNTON, Robert. Os best-sellers proibidos da França pré-revolucionária. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

DOYLE, William. O Antigo Regime. São Paulo: Ática, 1991.

ELIAS, Norbert. A sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

FURET, François; OZOUF, Mona. Dicionário crítico da Revolução Francesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

HOBBSAWM, Eric. A era das revoluções. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

MAYER, Arno. A força da tradição: a persistência do Antigo Regime (1848-1914). São Paulo: Cia. das Letras, 1991.

RUDÉ, George. Ideologia e protesto popular. Rio de Janeiro: Zahar, 1982. _____. A multidão na história: estudos dos movimentos populares na França e na Inglaterra (1730-1848). Rio de Janeiro: Campus, 1991.

THOMPSON, E. P. A formação da classe operária inglesa. 3 vol. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

WINOCK, Michel. As vozes da liberdade: os escritores engajados do século XIX. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

HISTÓRIA DAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS II

Processos históricos do séc. XX e suas discussões nas diferentes correntes da historiografia: expansão do capitalismo monopolista e disputas imperialistas; crises do capitalismo e expansão dos fascismos; a Segunda Guerra Mundial, a contestação socialista soviética; da bipolaridade EUA X URSS à mundialização.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BARROS, Edgar Luís de. A Guerra Fria. São Paulo/Campinas: Atual/Ed UNICAMP, 1985

BOURDIEU, Pierre. Contrafogos: táticas para enfrentar a invasão neoliberal. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998

CHOMSKY, Noam. O lucro ou as pessoas: neoliberalismo e ordem global. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004

COGGIOLA, Osvaldo (org.) Segunda Guerra Mundial: um balanço histórico. São Paulo: Xamã, 1995

FINKELSTEIN, Norman G. Imagem e realidade do conflito Israel-Palestina. Rio de Janeiro: Record, 2005

GATTAZ, André. A Guerra da Palestina: da criação do Estado de Israel à Nova Intifada. São Paulo: Usina do Livro, 2003

HOBBSAWM, Eric. A Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995

LENHARO, Alcir. Nazismo: o triunfo da vontade. São Paulo; Ática, 1998

MARQUES, Adhemar & BERUTTI, Flávio & FARIA, Ricardo. História Contemporânea através de textos. São Paulo: Contexto, 1990

REIS FILHO, Daniel Aarão & FERREIRA, Jorge & ZENHA, Celeste (orgs.). O século XX: o tempo das crises, revoluções, fascismos e guerras. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000

HISTÓRIA DO BRASIL I

Estudo das características e modalidades fundamentais da colonização portuguesa na América - A história indígena e a colonização- e dos principais temas e debates da historiografia sobre a Colônia. Através do estudo de obras clássicas, trabalhos recentes e de documentos históricos, diferentes análises sobre a sociedade colonial e sobre as múltiplas experiências e práticas coloniais serão discutidas, procurando contemplar e debate historiográfico e as novas tendências, metodologias, fontes e objetos que marcaram os estudos sobre a América portuguesa nos últimos anos.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA



- ALENCASTRO, L. F. A economia política dos descobrimentos. In: NOVAES, Adauto (Org.). A descoberta do homem e do mundo. S. Paulo: Cia. das Letras, 1998, respectivamente pp. 193-207. (Apresentação: Liana Mondadori Tacão)
- BOXER, Charles R. O Império Marítimo Português: 1415-1825. Trad. Anna Olga de Barros Barreto. São Paulo: Companhia das Letras, 2002
- _____. A idade de ouro do Brasil: dores de crescimento de uma sociedade colonial. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969.
- CUNHA, Manuela Carneiro da Cunha (org.). História dos índios no Brasil. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. Capítulo VIII: Visão do paraíso. Visão do Paraíso. Os motivos Edênicos no Descobrimento e Colonização do Brasil. São Paulo, Brasiliense, 1992.
- MONTEIRO, John Manuel. As populações indígenas do litoral brasileiro no século XVI: transformação e resistência. In: PAULINO, Francisco Faria (Org.). Nas vésperas do mundo moderno: Brasil. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 1992, pp. 121-136
- NOVAES, Adauto (Coord.). A descoberta do homem e do mundo. SP: Cia das letras/ Minc-Funarte, 1998

HISTÓRIA DO BRASIL II

O curso estruturar-se-á em torno das questões de cultura e sociedade, adentrando nas questões de religiosidade, gênero, educação, saberes e técnicas na América Portuguesa. A questão da escravidão e das mestiçagens será foco sempre presente nos debates, bem como dar-se-á ênfase aos movimentos de contestação e crise do sistema colonial.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- BLACKBURN, Robin. A construção do escravismo no Novo Mundo. Do barroco ao moderno, 1492-1800. Trad. Maria Beatriz de Medina. Rio de Janeiro: Record, 2003, cap. II (Apresentação: Bruna Boni Hess e Lucas Salmoria de Souza Rosa)
- FLORENTINO, Manolo. Em costas negras. Uma história do tráfico atlântico de escravos entre a África e o Rio de Janeiro (séculos XVII e XIX). Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1995.
- FREYRE, Gilberto. Casa-grande & Senzala: formação da família brasileira sobre o regime da economia patriarcal. São Paulo: Global, 2003.
- FREITAS, Décio: Palmares, a guerra dos escravos. Rio de Janeiro: Graal, 1990 (1a ed. 1971)
- KLEIN, Herbert S. A demografia do tráfico atlântico de escravos para o Brasil. Estudos Econômicos. Vol. 17, nº 2, maio/agosto, 1987, pp. 129-149.
- LYRA, Maria de Lourdes Vianna. A utopia do poderoso império. Portugal e Brasil: bastidores da política 1798-1822. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1994, pp. 17-23, 107-189.
- MATTOS, Hebe Maria. "A escravidão moderna nos quadros do Império português: o Antigo Regime em perspectiva atlântica". In: Bicalho, M. F.; Gouvêa, M. de F. & Fragoso, João (orgs.) Antigo Regime nos Trópicos. A dinâmica imperial portuguesa (séculos XVI-XVIII). Rio de Janeiro: Civilização, Brasileira, 2001.
- MARQUESE, Rafael de Bivar. A dinâmica da escravidão no Brasil: resistência, tráfico negreiro e alforrias, século XVII a XIX. Novos Estudos - CEBRAP. Nº 74, 2006, pp. 107-123 (Apresentação: Luana Karolina Meira dos Santos).
- PRIORE, Mary Del. A mulher na história do Brasil. São Paulo: Contexto, 1994
- REIS, João José. Rebelião escrava no Brasil. A história do levante dos malês em 1835. Ed. revista. São Paulo: Companhia das Letras, 2003
- REIS, João José. Magia jeje na Bahia: a invasão do Calundu do pasto de Cachoeira, 1785. Revista Brasileira de História. Vol. 8, nº 16, mar/ago. 1988, pp. 57-81. (Apresentação: Karin Barbosa Joaquim)
- SCHWARTZ, Stuart B. Escravos, roceiros e rebeldes. Trad. Jussara Simões. Bauru: Edusc, 2001, cap. 5 (Apresentação: Lya Turek). São Paulo: Companhia das Letras, 1988



SOUZA, Laura de Mello e. O diabo e a Terra de Santa Cruz. Feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

HISTÓRIA DO BRASIL III

As posturas teórico-interpretativas da formação imperial brasileira. A sociedade brasileira e os interesses contraditórios na formação do Estado Nacional diante das especificidades da "Independência" do Brasil. As relações economia, Estado, sociedade e cultura ao longo do século XIX: mudanças e permanências. A transição da sociedade escravista para a capitalista e do estado monárquico para o republicano.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- ALENCASTRO, Luiz Felipe de; NOVAIS, Fernando A. (org.). História da vida privada no Brasil. (vol. 2) Império: a corte e a modernidade nacional. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.
- AZEVEDO, Célia Maria M. Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites do século XIX. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- CARVALHO, José Murilo de (Org.). Nação e cidadania no Império: Novos horizontes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo (orgs.). O Brasil Imperial. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014. vol. I: 1808-1831. Vol. II e Vol. III.
- JANCSÓ, István (Org). Independência: história e historiografia. São Paulo: Hucitec/FAPESP, 2005
- JANOTE, Maria de L.M.. A balaiada. São Paulo: Brasiliense, 1987. (acervo UEPG. 981.05 J34)
- Keila; SALLES, Ricardo (orgs.). O Brasil Imperial. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014. Vol. I, II e III.
- PRADO JR., Caio. História econômica do Brasil. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- REIS, João Carlos. Rebelião escrava no Brasil. São Paulo. Cia das Letras, 2003. (edição revisada).
- SALLES, Vicente. Memória da Cabanagem esboço do pensamento político revolucionário. Belém: CEJUP, 1992.
- SOUZA, Paulo Cesar. A sabinada. São Paulo: Cia. das Letras, 2009.

HISTÓRIA DO BRASIL IV

Estudo da constituição e características da sociedade brasileira nas primeiras décadas republicanas. Revolução de 1930: debates historiográficos. Era Vargas: política, sociedade e cultura. Nacionalismo, trabalhismo, migrações e questões raciais. Arte, educação e cultura. O populismo e projeto desenvolvimentista. O Brasil e a II Guerra Mundial. O Estado Novo: autoritarismo, controle social e violência institucionalizada. Período democrático. JK e o nacional desenvolvimentismo. João Goulart, os movimentos sociais e a crise pré-golpe.;

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- ABREU, Marta. Festas e cultura Popular na Formação do Povo Brasileiro. In: Revista Projeto História 16 – Cultura e Trabalho. São Paulo, 1998.
- CAPELATTO, Maria Helena R. Multidões em Cena. Campinas: Papyrus, 1999.
- DECCA, Edgar. 1930 O Silêncio dos Vencidos. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- DULLES, John. W. Foster. O comunismo no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- FAORO, Raymundo. Os Donos do Poder v. 2. Rio de Janeiro: Globo, 1987.
- FAUSTO, Bóris (org.). História Geral da Civilização Brasileira. São Paulo: DIFEL, 1977.
- _____. Trabalho Urbano e Conflito Social. São Paulo: DIFEL, 1977.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. João Goulart. Entre a memória e a história. Rio de Janeiro: EdUFGV, 2006.
- GOMES, Angela Castro et alli.. Getulismo e Trabalhismo. São Paulo: Ática, 1990.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. Raízes do Brasil. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.
- LENHARO, Alcir. A Sacralização da Política. Campinas: Papyrus, 1986.
- LINHARES, Maria Yeda (org.). História Geral do Brasil. Rio de Janeiro: Elsevier, 1990.



MOREIRA, Maria de Fátima Salum. Homem e Mulher na década de 30: tensões sociais e vida cotidiana. In: Revista Ciências Humanas vol. 15, nº 21, abril 1997.

NOVAIS, Fernando (coord.). História da Vida Privada no Brasil. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

PRADO JUNIOR, Caio. Evolução Política do Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1988.

SCHWARCZ, Lilia Moritz, STARLING, Heloisa M.. Brasil: Uma biografia. São Paulo: Cia. das Letras, 2015.

SEVCENKO, Nicolau (org.). História da Vida Privada no Brasil. República: da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

HISTÓRIA DO BRASIL V

A década de 1960 e o golpe de 1964. Economia e sociedade. Memória, historiografia e resistência. A década de 1970: o milagre econômico e o recrudescimento do regime. A distensão e a abertura. A década de 1980: crise econômica e avanços sociais. O fim do regime. A “Nova República”: cidadania e exclusão. O Brasil no século XXI: política, economia, sociedade e cultura.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ABREU, Alzira Alves (org). A Democratização do Brasil- Atores e Contextos. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

ALVES, Maria Helena Moreira. Estado e oposição no Brasil (1964-1984) 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

AQUINO, Maria Aparecida de. Censura, imprensa, Estado autoritário (1968- 1978). Bauru: Educ, 1999.

BOITO JR., Armando (org). O sindicalismo brasileiro nos anos 80. São Paulo: Paz e Terra, 1991.

CALLADO, Carlos. Tropicália, a história de uma revolução musical. São Paulo: 34, 1997.

CARVALHO, José Murilo. Cidadania no Brasil: o longo caminho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

CHAUÍ, Marilena. Brasil: mito fundador e sociedade autoritária. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

FERREIRA, Elizabeth F. Xavier. Mulheres, Militância e Memória. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

FICO, Carlos. O regime militar no Brasil (1964-1985). São Paulo: Saraiva, 2014.

GOMES, Ângela de Castro (Org.). Velhos Militantes. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Jango e o golpe de 1964 na caricatura. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

NAPOLITANO, Marcos. 1964: História do Regime militar brasileiro. São Paulo: Contexto, 2014.

REIS, Daniel Aarão; MOTTA, Rodrigo Patto Sá; RIDENTI, Marcelo. A ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

SADER, Emir. A Transição no Brasil. Da ditadura à democracia?. São Paulo: Atual, 1990

TOLEDO, Caio Navarro. 1964: o golpe contra as reformas e a democracia. Revista Brasileira de História. São Paulo, v.24, n. 47, pp. 13-28, 2004.

HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE

História Cultural. Tempo Presente. História oral. Pesquisa histórica e tempo presente: fontes, metodologia, temas, problemas e possibilidades.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

CHAUVEAU, Agnès, TÉTART, Philippe. Questões para a história do tempo presente. Bauru, SP : EDUSC, 1999.

FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina. (orgs). Usos & Abusos da História Oral. Rio de Janeiro:FGV, 1996.



- FERREIRA, Marieta de Moraes. História, Tempo Presente e História Oral. Topoi, Rio de Janeiro, dezembro de 2002, pp.314-332
- HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 6. Ed., Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- KOSELLECK, Reinhart. "Espaço da experiência" e "horizonte de expectativa": duas categorias históricas. In: Futuro Passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Editora da PUCRio, 2006.
- HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Vértice, 1990.
- LE GOFF, Jacques. Memória. In: História e Memória. 4ª ed., Campinas: Editora da Unicamp, 1996.
- LE GOFF, J. e NORA, P. História: novos problemas. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1976.
- NORA, Pierre. Entre memória e história. A problemática dos lugares. Revista Projeto História, São Paulo, (10), dez. 1993.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio, In: Estudos Históricos, no. 3, Rio de Janeiro, Vértice e CPDOC/FGV, pags. 5 a 15.
- THOMPSON, Paul. A voz do passado. São Paulo e Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992,
- VIDAL-NAQUET, Pierre. Os assassinos da memória ("Um Eichmann de papel" e outros ensaios sobre o revisionismo). Campinas: Papyrus, 1988.

HISTÓRIA LOCAL E REGIONAL

História local e regional: questões teóricas e metodológicas; A história local e regional em suas interfaces com o Paraná, o Brasil e a América: estudos e pesquisas em meio ambiente, relações étnico-raciais, gênero, classe social e diversidade sexual.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- AMADO, J. História e região: reconhecendo e construindo espaços. In: SILVA, M. A. (Org.). República em migalhas: história regional e local. São Paulo: Marco Zero, 1990.
- BARROS, José D 'Assunção. O campo da História: especialidades e abordagens. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2004.
- BITTENCOURT, Circe. M. F. Ensino de história: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2004.
- CARDOSO, J. A.; WESTPHALEN, Cecília. Atlas histórico do Paraná. Curitiba: Livraria do Chain Editora, 1986.
- GOHN, Maria da Glória. Movimentos e lutas sociais na história do Brasil. São Paulo: Loyola, 2009.
- LEANDRO, José Augusto. Em águas turvas: navios negreiros na baía de Paranaguá. Esboços, v. 10., n.10, 2002, p. 99-117.
- LEANDRO, José Augusto. A roda, a prensa, o forno, o tacho: cultura material e farinha de mandioca no litoral do Paraná. Revista Brasileira de História. [online]. 2007, vol.27, n.54
- MACHADO, Brasil Pinheiro. Sinopse da história regional do Paraná. BOLETIM DO IHGEP. Curitiba, Requião, 1951.
- MACHADO, Paulo Pinheiro. Lideranças do Contestado: a formação e a atuação das chefias caboclas (1912-1916). Campinas: Editora da Unicamp, 2004.
- MENDONÇA, Joseli M. N. Revisitando a história da imigração e da colonização no Paraná provincial. Antíteses, v.8, n. 16., jul-dez. 2015.
- PEREIRA, Magnus R. de M. Semeando iras rumo ao progresso: Ordenamento jurídico e econômico da sociedade paranaense, 1829-1889. Curitiba: Ed. da UFPR, 1997.
- SAINT-HILAIRE, Auguste de. Viagens na comarca de Curitiba - 1820. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 1995. (Coleção Farol do Saber).
- SANTOS, Antonio Vieira dos. Memória histórica da cidade de Paranaguá e seu município - 1850. Curitiba, 1951. 2 v.



SEGA, Rafael A. A Capital Belle Époque: a reestruturação do quadro urbano de Curitiba durante a gestão do prefeito Cândido de Abreu (1913-1916). Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2001.

TRINDADE, Etelvina M. de C. Clotildes e Marias: mulheres de Curitiba na Primeira República. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1996.

HISTÓRIA DAS SOCIEDADES MODERNAS I

Análise temático-historiográfica de processos históricos referentes ao processo de modernização da cultura e da sociedade europeias. A crise do feudalismo e o nascimento do capitalismo. A formação dos Estados Modernos. As múltiplas dimensões e implicações do Renascimento europeu.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

APOSTOLIDÉS, Jean-Marie. O rei-máquina: espetáculo e política no tempo de Luís XIV. Rio de Janeiro: José Olympio, Brasília: EDUnB, 1993.

ANDERSON, Perry. Linhagens do Estado Absolutista. 3a Ed. São Paulo:

BURKE, Peter. O Renascimento. Lisboa: Edições Texto e Grafia, 2008.

DELUMEAU, Jean. A civilização do Renascimento. Lisboa: Editorial Estampa, 1984. ____.
História do medo no ocidente: 1300-1800, uma cidade sitiada. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DELLA MIRANDOLA, Pico. A Dignidade do Homem. Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal. São Paulo: Editora Escala, s.d.

FALCON, Francisco; RODRIGUES, Antônio E. A formação do mundo moderno: a construção do Ocidente dos séculos XIV ao XVIII. 2 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

GARIN, Eugénio. Idade Média e Renascimento. Lisboa: Editorial Estampa, 1989.

WALLERSTEIN, Immanuel. O sistema mundial moderno. v. 1. Porto: Afrontamento, 1990.

WOOD, Ellen M. A origem do capitalismo. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

HISTÓRIA DAS SOCIEDADES MODERNAS II

Análise temático-historiográfica de processos históricos referentes ao processo de modernização da cultura e da sociedade europeias. Religiosidade e crenças na modernidade. Subjetividades e sociabilidades modernas. Revolução científica. Iluminismo.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BAUMER, Franklin L. O pensamento europeu moderno. Vol. 1. Séculos XVII e XVIII. Lisboa: Edições 70, s.d.

CASSIRER, Ernst. A filosofia do Iluminismo. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

DARNTON, Robert. O grande massacre dos gatos. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

ELIAS, Norbert. O processo civilizador, Rio de Janeiro: Zahar, 1990, vol.1.

GALILEI, Galileu. Ciência e fé: cartas de Galileu sobre o acordo do sistema copernicano com a Bíblia. São Paulo: Editora da UNESP, 2009.

GOULD, Stephen Jay. Seta do tempo, ciclo do tempo: mito e metáfora na descoberta do tempo geológico. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

GUINZBURG, Carlo. O queijo e os vermes. O cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Cia das Letras, 1987.

LEVACK, Brian P. A caça às bruxas na Europa moderna. Rio de Janeiro: Campus, 1988.

ROSSI, Paolo. O nascimento da ciência moderna na Europa. Bauru/S.P, Edusc, 2001.

DELUMEAU, Jean. Nascimento e afirmação da Reforma. São Paulo: Pioneira, 1989.

OFICINA DE HISTÓRIA I

Atitude historiadora: princípio educativo. Aprendizagem histórica como pesquisa e leitura do mundo. Indissociabilidade entre ensino, pesquisa e práxis sociais. Epistemologia do ensino de história: conexões entre teoria, metodologia do ensino e metodologia da pesquisa. Ensino e aprendizagem histórica nas práticas sociais e escolares. Produzir, avaliar e utilizar



tecnologias digitais de informação e comunicação de modo crítico, ético e responsável, compreendendo seus significados.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

CERRI, L.F. Interfaces entre cultura histórica e cultura política. Topoi (Rio J.), Rio de Janeiro, v. 22, n. 46, p. 54-76, jan./abr. 20217

DEMO, Pedro. Pesquisa – princípio científico e educativo. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

FONSECA, Selva Guimarães. Didática e prática de ensino de História. Campinas, SP: Papyrus, 2003.

OLIVEIRA, Margarida M. D. Anotações acerca da constituição do ensino de História como objeto de pesquisa no Brasil. In: ANDRADE, João M. V.; STAMATTO, Maria I.S. (orgs.). História ensinada e escrita da História. Natal: Editora da UFRN, 2009, p. 41 - 60.

PENNA, Fernando de Araújo. A relevância da didática para uma epistemologia da História. In: MONTEIRO, Ana M. et al. Pesquisa em ensino de História. Entre desafios epistemológicos e apostas políticas. Rio de Janeiro: Mauad X; FAPERJ, 2014.

PLÁ, Sebastián. La enseñanza de historia como objeto de investigación. Secuencia. Revista de historia y ciencias sociales. México, p. 162-184, set.dez. 2012

RÜSEN, Jörn. História prática – aprender, compreender, humanidade. In: _____. Teoria da história: Uma teoria da história como ciência. Curitiba: Editora UFPR, 2015.

SETEMY, Adriana. Ensino de História, memória e direitos humanos: reflexões sobre a transmissão da memória através do ensino de passados traumáticos. História Hoje, v. 10, n. 19, p. 12-29, 2021.

WINEBURG, Sam; MCGREW, Sarah. Why Students Can't Google Their Way to the Truth. Fact-checkers and students approach websites differently. Education Week. Maryland, 01/11/2016.

ZAVALA, Ana. Y entonces, ¿la Historia enseñada qué es? Reflexiones en torno a las relaciones entre lo que sabemos y lo que enseñamos. Clío & Asociados. n. 18–19, p. 11-40, 2014.

OFICINA DE HISTÓRIA II

A pesquisa e o ensino de história. O trabalho com fontes históricas em sala de aula. A importância social do conhecimento histórico acadêmico e seus intercâmbios com outros campos da cultura. Diferentes manifestações art

ísticas e culturais, das locais às mundiais, e a sua produção. Os usos públicos da história na sala de aula. Questões de cultura visual, história oral, documentos escritos e não escritos em interface com a sala de aula.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BARCA, Isabel “ –Aula Oficina: do Projeto à Avaliação”. In. BARCA, Isabel (org.) – Para uma educação de qualidade: Atas da Quarta Jornada de Educação Histórica. Braga: Centro de Investigação em Educação (CIEd)/Instituto de Educação e Psicologia. Universidade do Minho, 2004, pp. 131-144.

CERTEAU, Michel de. “A operação historiográfica” In:___ A escrita da História. pp.65-122. 1.a ed. br. Rio de Janeiro: Livraria Forense-Universitária, 1982.

FENELON, D.R. O historiador e a cultura popular: história de classe ou História do povo? In: História & Perspectivas. Uberlândia: EDUFU, vol. 40, pp. 27-51, jan.-jun. 2009. disponível on-line em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/historiaperspectivas/issue/view/856>>

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Não contar mais? In: História e Narração em Walter Benjamin. 2. ed. 2. reimpr. p. 63-82. Campinas/São Paulo: Editora da UNICAMP/Editora Perspectiva; FAPESP, 2007.

HALL, Stuart. Notas sobre a desconstrução do popular. In: HALL, S. Da Diáspora. Identidades e mediações culturais. 1. reimpressão revista. p. 231-247. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.

POLLACK, M. Memória e identidade social. Estudos Históricos: Teoria e História, Rio de Janeiro, vol.5, n.10, 1992.



QUEIROZ, M. I. P. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. *Ciência e Cultura*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 39, p.272-286, mar. 1987.

ROUSSO, H. A memória não é mais o que era. In: AMADO J. FERREIRA, M. de M. (Org). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

SOBANSKI, Adrian de Quadros, CHAVES, Edilson Aparecido, BERTOLINI, João Luis da Silva e FRONZA, Marcelo. *Ensinar e Aprender História: Histórias em Quadrinhos e Canções*. Curitiba: Base Editorial, 2010.

OFICINA DE HISTÓRIA III

Mídia, Indústria Cultural e alfabetização midiática: diferentes concepções e possibilidades. Cultura digital, Ensino de História e multimeios. Linguagens midiáticas no ensino de história; História Digital. Interfaces da Cultura Histórica, Cultura histórica escolar e indústria cultural. Gamificação e ensino. Leitura de mundo e cultura da convergência

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. “A indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas”. In: ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

BARROSO, Vera L. M. et al. (org.). *Ensino de história: desafios contemporâneos – Porto Alegre: Exclamação; ANPUH/RS, 2010*

BURKE, Peter; BRIGGS, Asa. *Uma história social da mídia*. São Paulo: EDUSC, 2002.

FONSECA, S. G. *Didática e Prática de Ensino de História: experiências, reflexões e aprendizados*. Campinas: Papyrus, 2003.

GIROUX, Henry A. *Os Professores Como Intelectuais*. Porto Alegre: Artmed Editora, 1997.

HAN, Byung-chul. *No Exame: perspectivas do digital*. Trad. Lucas Machado. Petrópolis: Vozes, 2018.

KELLNER, D. *A cultura da mídia e o triunfo do espetáculo*. Líbero, Brasil, v. 6, n. 11, 2

MARCUSE, H. *A ideologia da Sociedade Industrial: o Homem Unidimensional*. 4a ed., Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1973.

MARTINS, Estevão de Rezende. *Cultura, história, cultura histórica*. ArtCultura, Uberlândia, v. 14, n. 25, p. 63-82, jul. - dez. 2012

ROCHA, Helenice; MAGALHÃES, Marcelo; RIBEIRO, Jaime; CIAMBARELLA, Alessandra (Org.) *Ensino de História: usos do passado, memória e mídia* Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2014. 280p.

OFICINA DE HISTÓRIA IV

Livros e materiais didáticos como fonte/objeto de investigação para o Ensino de História, a História da Educação e da Cultura. O livro didático/material didático visto como objetos complexos em suas múltiplas lógicas de ordem: intelectual; técnica, econômica e financeira; comercial difusão/circulação/venda/aquisição); e a cultural. O livro didático como suporte de valores ideológicos. O livro didático e as disciplinas, culturas e saberes escolares. O livro didático e as metodologias e práticas de ensino; o livro e materiais didáticos e a estética escolar.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BITTENCOURT, Circe M. Fernandes. *Livro didático e saber escolar (1810-1910)*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008. (História da Educação)

BITTENCOURT, Circe M. Fernandes. *Produção Didática de História: trajetórias de pesquisas*. In: *Revista de História*, São Paulo, n. 164, p 487-516, jan./jun. 2011.

CHOPPIN, Alain. *Les manuels scolaires: histoire et actualité*. Paris: Hachette ducation, 1992.

CHOPPIN, Alain. *História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte*. In: *Educação e Pesquisa*, vol. 30, nº 03, set/dez, São Paulo, FEUSP, pp.549-566.

ESCOLANO, Agustín B. *A manualística na Espanha: duas décadas de pesquisa (1992-2011)*. In: *Educação e Fronteiras On-Line*, Dourados/MS, v.7, n.20, p.6-29, maio/ago. 2017



GASPARELLO, Arlette Medeiros. A pedagogia da nação nos livros didáticos de História do Brasil do Colégio Pedro II (1838-1920). In: Congresso Brasileiro De História Da Educação. 2002. p. 98-108.

GATTI JUNIOR, Decio. A escrita escolar da História: livro didático e ensino no Brasil (1970-1990). Bauru/SP: EDUSC; Uberlândia/MG: EDUFU, 2004. (Coleção Educar)

MUNAKATA, Kazumi. Livro Didático como indício da cultura escolar. Hist. Educ. (Online). Porto Alegre, v. 20, n. 50, Set./dez., 2016, p. 117-136

MUNAKATA, Kazumi. O livro didático como mercadoria. Pro-Posições, v. 23, n. 3 (69), 2012, p. 51-66.

OFICINA DE HISTÓRIA V

Tensões e dialética entre a história escolar, a história acadêmica e os usos sociais da História: tradição versus inovação. Projetos inovadores em ensino de história.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

AMÉZOLA, G.A.; BARLETTA, A.M. Esquizohistoria e historiofrenia. Del secundario a la carrera de Historia y vuelta al secundario. Entrepasados. Buenos Aires, v. II, n. 2, p. 89-102, 1992.

CERRI, L.F. Um lugar na história para a didática da História. História & Ensino, Londrina, v. 23, n. 1, p. 11-30, jan./jun. 2017.

FREIRE, P.; SHOR, I. Medo e ousadia. O cotidiano do professor. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

HUBERMAN, A. M. Como se realizam as mudanças em educação - subsídios para o estudo do problema da inovação. Trad. Jamir Martins. São Paulo: Cultrix, 1976.

ROVAI, M. Ensino de história e a história pública: os testemunhos da Comissão Nacional da Verdade em sala de aula. História Hoje. v. 9, nº 18, p. 125-144 - 2020

SOUZA, S.C.; DOURADO, L. Aprendizagem baseada em problemas (ABP): um método de aprendizagem inovador para o ensino educativo. HOLOS, Ano 31, Vol. 5, p. 182 - 200, 2015.

WANDERLEY, S. O entrelugar do aprendizado escolar de História: uma perspectiva de História Pública. História Hoje. v. 9, nº 18, p. 125-144 - 2020.

OFICINA DE HISTÓRIA VI

Ensino de História e diversidade. Reflexões sobre a historiografia escolar e os temas da diversidade. Gênero e Ensino de História, História das Mulheres e Ensino de História, Diversidade religiosa. Diversidade étnica. Estudo e produção de material didático para a inclusão dos temas da diversidade nas aulas de História na escola.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ALMEIDA NETO, Antonio Simplício de. Ensino de História Indígena: currículo, identidade e diferença. São Paulo, Unesp, v. 10, n. 2, p. 218-234, julho-dezembro, 2014.

COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antonio. O ensino da história e os estudos de gênero na historiografia brasileira. História e Perspectivas, Uberlândia (53): 295-314, jan./jun. 2015.

CUBAS, Caroline Jaques. Gênero e ensino de história: demandas de um tempo presente. . In: CRESCÊNCIO, Cintia Lima. SILVA, Janine Gomes da. BRISTOT, Lidia Schneider. Histórias de gênero. São Paulo: Verona, 2017.

GOMES, Nilma Lino. Libertando-se das amarras: reflexões sobre gênero, raça e poder. Currículo sem Fronteiras, v. 19, n. 2, p. 609-627, maio/ago. 2019.

LOURO, Guacira. Lopes. O corpo educado. Pedagogias da Sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p. 7-34

HOOKS, Bell, O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras. Tradução Ana Luiza Libâneo. 1º ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

OLIVEIRA, Susane Rodrigues de. Violência contra mulheres nos livros didáticos de História (PNLD 2018). Revista Estudos Feministas, Florianópolis, 27(3), 2019.



PAGÈS BLANCH, Joan; SANTI OBIOLS, Edda. Las mujeres en la enseñanza de la Historia: ¿hasta cuándo serán invisibles? Cad. Pesq. Cdhis, Uberlândia, v.25, n.1, jan./jun. 2012

PEREIRA, Amílcar Araújo; MONTEIRO, Ana Maria. (Orgs). Ensino de história e culturas Afro Brasileira e Indígenas. Rio de Janeiro: Pallas, 2013.

ROZA, Luciano Magela. Valorização de personagens negros como conteúdo Curricular no livro didático de história. Atos de Pesquisa em Educação. Blumenau, v. 10, n.1, p.123-149, jan./abr. 2015.

HISTÓRIA PÚBLICA

Estudo da teoria e da prática da História Pública na atuação do profissional da história, com ênfase no diálogo com meios e linguagens de produção, coprodução, circulação e difusão de conhecimento histórico com e para os diversos públicos em articulação com o ensino, a pesquisa e a extensão, bem como as múltiplas abordagens trans e multidisciplinares.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ALMEIDA, Juniele Rabêlo de Almeida; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira (Org.) Introdução à História Pública. São Paulo: Letra e Voz, 2011.

COELHO, Ilanil; SOSSAI, Fernando Cesar. Aproximações entre história pública e história oral: o caso do Laboratório de História Oral da Univil. Tempo e Argumento, v. 8, n. 19, p. 96-129, 2016.

DE CASTRO ROCHA, João Cezar. Crítica literária: em busca do tempo perdido? Argos, Editora da UnoChapecó, 2011.

FERREIRA, Marieta de Moraes. A história como ofício: a constituição de um campo DE FARIA CRUZ, Heloisa; DA CUNHA PEIXOTO, Maria do Rosário. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, v. 35, n. 2, 2007.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História, tempo presente e história oral. Topoi (Rio de Janeiro), v. 3, n. 5, p. 314-332, 2002.

MAUAD, Ana Maria; DE ALMEIDA, Juniele Rabêlo; SANTHIAGO, Ricardo (Ed.). História Pública no Brasil: sentidos e itinerários. Letra e Voz, 2016.

MUELLER, Suzana P.M.; CARIBÉ, Rita de Cássia do Vale. A comunicação científica para o público leigo: breve histórico. Informação & Informação, v. 15, n. 1esp, p. 13-30, dez. 2010.

NOIRET, S. História Pública Digital | Digital Public History. Liinc em Revista, [S. l.], v. 11, n. 1, 2015. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/3634>. Acesso em: 20 jul. 2022.

SANTHIAGO, Ricardo. História pública e autor reflexividade: da prescrição ao processo. Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 10, n. 23, p. 286 - 309, 2018. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180310232018286>. Acesso em: 20 jul. 2022.

SANTHIAGO, Ricardo; DE MAGALHÃES, Valéria Barbosa. História Oral na sala de aula. Autêntica, 2017.

PROJETO DE OTCC

Construção de abordagens e fontes no conhecimento histórico: inventário de possibilidades. Definição de temática e problema. O projeto de pesquisa em história. Partes constitutivas formal e metodologicamente. Elaboração do projeto de pesquisa em história. Seminários temáticos de pesquisa histórica.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. História: a arte de inventar o passado. Bauru: EDUSC, 2007.

CARDOSO, Ciro F.; VAINFAS, Ronaldo (orgs.) Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CARDOSO, Ciro F.; VAINFAS, Ronaldo (orgs.) Novos domínios da história. Rio de Janeiro: Campus, 2012.



FREITAS, Marcos C. *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 2005.
GUAZZELLI, Cesar A. B; PETERSEN, Silvia R. F.; SCHMIDT, Benito B.; XAVIER, Regina C. L. *Questões de teoria e metodologia da história*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000.
HOBSBAWM, Eric J. *Sobre História: ensaios*. São Paulo: Cia das Letras, 1998.
LE GOFF, Jacques & NORA, Pierre. *História: novos problemas; novos objetos; novas abordagens*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.
NOVAIS, Fernando A; SILVA, Rogério F. (Org.). *Nova história em perspectiva. Propostas e desdobramentos (v. 1)*. São Paulo: Cosac Naify, 2011.
NOVAIS, Fernando A; SILVA, Rogério F. (Org.). *Nova história em perspectiva. Propostas e desdobramentos (v. 2)*. São Paulo: Cosac Naify, 2013.
PINSKY, Carla B. (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.
SILVA, Edson A; SILVA, Joseli M. *Construindo a ciência: elaboração crítica de projetos de pesquisa*. Curitiba: Pós-Escrito, 2009.

OTCC I

Planejamento e execuções orientadas de atividades de pesquisa em história. Elaboração de trabalho de conclusão de curso.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. *História: a arte de inventar o passado*. Bauru: EDUSC, 2007.
CARDOSO, Ciro F.; VAINFAS, Ronaldo (orgs.) *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
CARDOSO, Ciro F.; VAINFAS, Ronaldo (orgs.) *Novos domínios da história*. Rio de Janeiro: Campus, 2012.
FREITAS, Marcos C. *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 2005.
GUAZZELLI, Cesar A. B; PETERSEN, Silvia R. F.; SCHMIDT, Benito B.; XAVIER, Regina C. L. *Questões de teoria e metodologia da história*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000.
HOBSBAWM, Eric J. *Sobre História: ensaios*. São Paulo: Cia das Letras, 1998.
LE GOFF, Jacques & NORA, Pierre. *História: novos problemas; novos objetos; novas abordagens*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.
NOVAIS, Fernando A; SILVA, Rogério F. (Org.). *Nova história em perspectiva. Propostas e desdobramentos (v. 1)*. São Paulo: Cosac Naify, 2011.
NOVAIS, Fernando A; SILVA, Rogério F. (Org.). *Nova história em perspectiva. Propostas e desdobramentos (v. 2)*. São Paulo: Cosac Naify, 2013.
PINSKY, Carla B. (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.
SILVA, Edson A; SILVA, Joseli M. *Construindo a ciência: elaboração crítica de projetos de pesquisa*. Curitiba: Pós-Escrito, 2009.

OTCC II

Planejamento e execuções orientadas de atividades de pesquisa em história. Elaboração de trabalho de conclusão de curso.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. *História: a arte de inventar o passado*. Bauru: EDUSC, 2007.
CARDOSO, Ciro F.; VAINFAS, Ronaldo (orgs.) *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
CARDOSO, Ciro F.; VAINFAS, Ronaldo (orgs.) *Novos domínios da história*. Rio de Janeiro: Campus, 2012.
FREITAS, Marcos C. *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 2005.



GUAZZELLI, Cesar A. B.; PETERSEN, Silvia R. F.; SCHMIDT, Benito B.; XAVIER, Regina C. L. Questões de teoria e metodologia da história. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000.

HOBBSAWM, Eric J. Sobre História: ensaios. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

LE GOFF, Jacques & NORA, Pierre. História: novos problemas; novos objetos; novas abordagens. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

NOVAIS, Fernando A; SILVA, Rogério F. (Org.). Nova história em perspectiva. Propostas e desdobramentos (v. 1). São Paulo: Cosac Naify, 2011.

NOVAIS, Fernando A; SILVA, Rogério F. (Org.). Nova história em perspectiva. Propostas e desdobramentos (v. 2). São Paulo: Cosac Naify, 2013.

PINSKY, Carla B. (org.). Fontes históricas. São Paulo: Contexto, 2005.

SILVA, Edson A; SILVA, Joseli M. Construindo a ciência: elaboração crítica de projetos de pesquisa. Curitiba: Pós-Escrito, 2009.

TEORIA DA HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA I

Iniciação ao vocabulário histórico/historiográfico, apresentando conceitos (História, historicidade, historiografia), temas (a constituição histórica do campo de saber histórico) e problemas (as relações Tempo X História) fundamentais do Estudo e da Escrita da História

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ARENDETT, Hannah. O conceito de história – antigo e moderno. In: Entre o passado e o futuro. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1988. p. 69-126.

BRUNER, Jerome. A cultura da Educação. Porto Alegre: Artimed Editora, 2001.

CARRETERO, Mario. Ensino de história e memória coletiva. Porto Alegre: ArtMed, 2007.

HARTOG, Francois. Evidência da história: o que os historiadores veem. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

JENKINS, Keith. A história repensada. São Paulo: Contexto, 2005.

KOSELLECK, Reinhart et al. O conceito de história. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

LE GOFF, Jacques. Memória e história. 4. ed. Campinas: Unicamp, 1996.

LOWENTHAL, David. Como conhecemos o passado. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: Educ, nov. 1998. v. 17. p. 63-201.

<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11110>

RÜSEN, Jörn. Razão histórica: teoria da história: os fundamentos da ciência histórica. Brasília: UnB Universidade de Brasília, 2010.

TEORIA DA HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA II

Problematização acerca da reflexão teórica da historiografia dos séculos XIX e XX focando diferentes escolas e abordagens, conceitos e procedimentos norteadores da produção historiográfica suas tensões e dilemas bem como suas interlocuções com projetos e perspectivas do ensino de história no período.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BLOCH, Marc. A Apologia da História ou O Ofício do Historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

FREITAS, Itamar. Teorias da História na Historiografia de Leopold von Ranke. Ponta de Lança. São Cristóvão, v.13, n.25, p.13-25, jul./dez. 2019.

FURET, François. A Oficina da História. Lisboa: Editora Gradiva, 1991.

LANGLOIS, Charles; SEINOBOS, Charles. Introdução aos Estudos Históricos. Lisboa: Renascença, 1946.

MARX, Karl, ENGELS Friedrich. A Ideologia Alemã. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

RANKE, Leopold. VON. "Sobre o Caráter da Ciência Histórica". In: Lições de História: O caminho da ciência no longo século XIX. Rio de Janeiro: FGV, 2010, p. 141-154.

REIS, José Carlos. A História entre a filosofia e a Ciência. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.



SILVA JUNIOR, Astrogildo Fernandes. A Ciência da História e o Ensino de História: aproximações e distanciamentos. SILOPSIS, Catalão, v. 11, n. 1, p. 287-304 - jan-jun 2011. <https://doi.org/10.5216/o.v11i1.13021>.

SIMIAND, François. Método Histórico e Ciência Social. Bauru/SP: EDUSC, 2003.

VARELLA, Flávia Florentino et al (Orgs). F. A Dinâmica do Historicismo: revisitando a historiografia moderna. Belo Horizonte: ARGVMEN

TEORIA DA HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA III

Problematização acerca da reflexão teórica da historiografia, principalmente no que se refere às transformações no conceito de história e do fazer historiográfico, suscitadas principalmente a partir dos anos 1970, focando as questões e debates decorrentes dessa reflexão.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BURGUIÈRE, André. Dicionário das ciências históricas. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

BURKE, Peter (org.). A escrita da história: novas perspectivas. São Paulo: Unesp, 1995.

CERTEAU, Michel de. A escrita da história. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

DOSSE, François. A história em migalhas: dos Annales à nova história. Bauru: EDUSC, 2003.

FOUCAULT, M. A arqueologia do saber. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

LE GOFF, Jacques. A história nova. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

LE GOFF, Jacques. História: novas abordagens. 4. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

LE GOFF, Jacques. História: novos problemas. 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

REIS, José Carlos. Escola dos Annales: a inovação em história. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

REVEL, Jacques. A invenção da sociedade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

TEORIA DA HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA IV

Problematização acerca da reflexão teórica da historiografia, principalmente no que se refere às transformações no conceito de história e do fazer historiográfico, bem como em relação às críticas a estas transformações, operadas, principalmente, a partir de fins do século XX, focando os chamados novos campos e novos diálogos da história.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

AVILA, Arthur Lima de. Indisciplinando a historiografia: do passado histórico ao passado prático, da crise à crítica. Revista Maracanan, Rio de Janeiro, n. 18, p. 35-49, jan./jun. 2018, p. 35-49.

<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/maracanan/article/view/31185/23097>

CATROGA, Fernando. Memória, história e historiografia. Rio de Janeiro, RJ: FGV, 2015.

CHARTIER, R. A História Hoje: dúvidas, desafios, propostas. Estudos históricos, 13(7), 1994, p. 97-113.

<https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1973>

CHARTIER, Roger. A história ou a leitura do tempo. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

HARTOG, François. Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

IGGERS, G. Desafios do século XXI à historiografia. História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography, Ouro Preto, v. 3, n. 4, 2010, p. 105–124.

<https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/139>.

MONTEIRO, Ana Maria; GASPARELLO, Arlette Medeiros; MAGALHÃES, Marcelo de Souza (org.). ENSINO de história: sujeitos, saberes e práticas. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

REVEL, Jacques. Micro-história, macro-história: o que as variações de escala ajudam a pensar em um mundo globalizado. Revista Brasileira de Educação, v. 15 n. 45 set./dez. 2010, p. 434-444.



<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/k5MsKMHv6ZQvPsF5vqvdkpB/?format=pdf&lang=pt>
REVEL, Jacques. História e historiografia: exercícios críticos. Curitiba: UFPR, 2010.
REVEL, Jacques. Proposições: ensaios de história e historiografia. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2009.
WHITE, Hayden. O passado prático. ArtCultura, 20(37), 2018, p. 9–19.
<https://seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/47235/25563>

TEORIA DA HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA V

Questões contemporâneas; Pressupostos teóricos e historiográficos nos projetos de pesquisa. Leitura e aprofundamento.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. História: a arte de inventar o passado. Bauru: EDUSC, 2007.
BURKE, Peter (org.). A escrita da história: novas perspectivas. São Paulo: Unesp, 1995.
CARDOSO, Ciro F.; VAINFAS, Ronaldo (orgs.) Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
CARDOSO, Ciro F.; VAINFAS, Ronaldo (orgs.) Novos domínios da história. Rio de Janeiro: Campus, 2012.
FREITAS, Marcos C. Historiografia brasileira em perspectiva. São Paulo: Contexto, 2005.
GUAZZELLI, Cesar A. B; PETERSEN, Silvia R. F.; SCHMIDT, Benito B.; XAVIER, Regina C. L. Questões de teoria e metodologia da história. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000.
HARTOG, Francois. Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.
HARTOG, Francois. Evidência da história: o que os historiadores veem. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
JENKINS, Keith. A história repensada. São Paulo: Contexto, 2005.
KOSELLECK, Reinhart et al. O conceito de história. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
REVEL, Jacques. História e historiografia: exercícios críticos. Curitiba: UFPR, 2010

ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM HISTÓRIA I

A disciplina busca inserir o aluno nas distintas formas de educação escolar formal através de pesquisas e investigações bibliográficas, análise de indicadores educacionais e atividades de campo sobre os diferentes meios escolares, formas de organização escolar, culturas escolares e suas relações com distintas instituições sociais e com o Estado, direitos humanos e educação. Promove reflexões sobre as diversas dimensões discursivas e práticas da profissão docente e sobre ser professor de História. Discute a pluralidade característica da oferta de diferentes modalidades de ensino básico e a diversidade dos públicos escolares.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BITTENCOURT, Circe Maria. Ensino de História: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2004 (Coleção Docência em formação. Série ensino fundamental.)
ESTEVE, Jose Manoel. Mudanças Sociais e função docente. In: NÓVOA, António (org.). Profissão Professor. Porto, Portugal: Porto Editora, 1995
FONSECA, Selva Guimarães. Didática e Prática de Ensino de História: experiências, reflexões e aprendizagens. Campinas, São Paulo: Papirus, 2003.
MONTEIRO, Ana Maria Ferreira da Costa. Professores de história: entre saberes e práticas. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
NÓVOA, António (org.). Profissão Professor. Porto, Portugal: Porto Editora, 1995.
VIÑAO, Antonio. Sistemas educativos, culturas escolares e reformas. Portugal, Mangualde: Edições Pedagogo, 2007.
ALARCÃO, Isabel. Professores reflexivos em uma escola reflexiva. São Paulo: Cortez, 2010.
CAIMI, Flávia Eloisa. Aprendendo a ser professor de História. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2008.



ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM HISTÓRIA II

A disciplina visa propiciar situações diferenciadas de pesquisa, reflexão, observação, análise, construção de propostas e exercício de prática de ensino de História no Ensino Fundamental, a partir da análise reflexiva da prática educativa de docentes de História com vistas a discussão dos limites e desafios para a proposição de práticas contextualizadas, articuladas e inovadoras.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BITTENCOURT, Circe Maria. Ensino de História: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2004 (Coleção Docência em formação. Série ensino fundamental).

CAIMI, Flávia. Conversas e controvérsias: o ensino de História no Brasil (1980-1998). Passo Fundo/RS: UPF, 2001.

FONSECA, Selva Guimarães. Didática e Prática de Ensino de História: experiências, reflexões e aprendizagens. Campinas, São Paulo: Papirus, 2003.

KARNAL, Leandro (Org.) História na Sala de aula: conceitos, práticas e propostas. São Paulo: Contexto, 2003.

MONTEIRO, Ana Maria Ferreira da Costa. Professores de história: entre saberes e práticas. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

MONTEIRO, Ana Maria; GASPARELLO, Arlette M.; MAGALHÃES, Marcelo (Org.). Ensino de História: sujeitos, saberes e práticas. Rio de Janeiro: FAPERJ, MauadX, 2007.

SILVA, Marcos. FONSECA, Selva Guimarães. Ensinar história no século XXI: em busca do tempo entendido. Campinas, São Paulo: Papirus, 2007.

REIS, Pedro. Observação de aulas e avaliação do desempenho docente. Ministério da Educação – Conselho Científico para a avaliação de professores. Lisboa – Portugal, 2011.

ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM HISTÓRIA III

A disciplina visa propiciar situações diferenciadas de pesquisa, reflexão, observação, análise, construção de propostas e exercício de prática de ensino de História no Ensino Médio, a partir da análise reflexiva da prática educativa de docentes de História com vistas a discussão dos limites e desafios para a proposição de práticas contextualizadas, articuladas e inovadoras.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BITTENCOURT, Circe Maria. Ensino de História: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2020.

CAIMI, Flávia. Conversas e controvérsias: o ensino de História no Brasil (1980-1998). Passo Fundo/RS: UPF, 2001.

DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo, MAIA, Carla Linhares (org.). Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014

FONSECA, Selva Guimarães. Didática e Prática de Ensino de História: experiências, reflexões e aprendizagens. Campinas, São Paulo: Papirus, 2003.

GERMINARI, Geyso. D.; MELLO, Paulo E. D. de. Reforma do Ensino Médio e a Base Nacional Comum Curricular: confrontos narrativos, estratégias de imposição e impactos no ensino de história. Interacções, 14(49), 7–24, 2018.

KARNAL, Leandro (Org.) História na Sala de aula: conceitos, práticas e propostas. São Paulo: Contexto, 2003.

MONTEIRO, Ana Maria Ferreira da Costa. Professores de história: entre saberes e práticas. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

MONTEIRO, Ana Maria; GASPARELLO, Arlette M.; MAGALHÃES, Marcelo (Org.). Ensino de História: sujeitos, saberes e práticas. Rio de Janeiro: FAPERJ, MauadX, 2007.

SILVA, Marcos. FONSECA, Selva Guimarães. Ensinar história no século XXI: em busca do tempo entendido. Campinas, São Paulo: Papirus, 2007.

REIS, Pedro. Observação de aulas e avaliação do desempenho docente. Ministério da Educação – Conselho Científico para a avaliação de professores. Lisboa – Portugal, 2011.



ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM HISTÓRIA IV

Análise reflexiva de práticas de produção e difusão do conhecimento histórico, em espaços escolares ou não escolares (museus, espaços de memória, estudo do meio), em situações especiais de ensino como as de inclusão de alunos com necessidades especiais, as de alunos integrados a projetos de inclusão social ou medidas socioeducativas, em classes de jovens e adultos, assentamentos, comunidades indígenas, dentre outras.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- ALMEIDA, Adriana M. ; VASCONCELLOS, Camilo de M. Por que visitar museus. In: BITENCOURT, Circe. O saber histórico na sala de aula. SP: Contexto, 2001.
- BITENCOURT, Circe Maria. Ensino de História: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2020.
- HUYSSSEN, Andreas. Seduzidos pela memória, RJ, Ed. Aeroplano, 2000.
- MAGALHÃES, M. et al (orgs.). Ensino de História - usos do passado: memória e mídia. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014.
- FERREIRA, Angela R.; MELLO, Paulo E. D. de. Museu e arquivo escolar: práticas e reflexões a partir de uma experiência no Colégio Regente Feijó em Ponta Grossa/PR. In: KOYAMA, Adriana C.; PARRELA, Ivana; PRADO, Guilherme do V. T.; BRAGANÇA, Inês F. de S. Memórias, narrativas e suas linguagens: arquivos, mídias e educação para outros devires. Campinas, SP: FE/UNICAMP, 2021.
- PINSKY, Carla Bassanezi (org). Novos temas na aula de história. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- RAMOS, Francisco Régis Lopes. "Museu, ensino de história e sociedade". In: Revista Trajetos. Fortaleza: Departamento de História da UFC, vol. 1, nº 1, 2001.
- SILVA, Marcos. FONSECA, Selva Guimarães. Ensinar história no século XXI: em busca do tempo entendido. Campinas, São Paulo: Papirus, 2007.

CINEMA, HISTÓRIA E ENSINO DE HISTÓRIA

Discussão analítica sobre a relação História - Cinema. A produção e linguagem cinematográfica como campo de investigação histórica. As relações e possibilidades entre Ensino de História e Linguagem Cinematográfica.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- ABUD, Kátia Maria. A construção de uma didática da História: algumas idéias sobre a utilização de filmes no ensino. História – UNESP, São Paulo, v.22 (1), p. 183–193, 2003.
- BERNADET, Jean-Claude & RAMOS, Alcides Freire. Cinema e história do Brasil. São Paulo.
- BERNADET, Jean-Claude. O que é cinema. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- CARNES, Mark C. (org.). Passado imperfeito: a história no cinema. Rio de Janeiro: Record, 1997, p. 11-28.
- CARRIÈRE, Jean-Claude. A linguagem secreta do cinema. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- FERRO, Marc. Cinema e História. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- MARCEL, Martin. A linguagem cinematográfica. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- NAPOLITANO, Marcos. Como usar o cinema na sala de aula. São Paulo: Contexto, 2003.
- NIGRA, F. El cine y la historia de la sociedad: memoria, narracion y representación. Buenos Aires: Imago Mundi, 2016.
- ROSESTONE, Robert. A história nos filmes, os filmes na história. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

CORPO, SEXUALIDADES E DIVERSIDADE

História do corpo e da sexualidade. O corpo e a sexualidade como discursos. Os estudos de gênero e suas contribuições para análise da diversidade sexual. Sexualidade, cultura, política e relações de poder.



BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- BRAIDOTTI, Rosi. Sujeitos nômades. Buenos Aires: Paidós, 2000. “Órgãos sin cuerpos” e “Hacia una nueva representación del sujeto”
- BUTLER, Judith. Cuerpos que importam: sobre los límites materiales y discursivos del “sexo”. Buenos Aires: Paidós, 2005
- COURBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. (orgs.) História do Corpo Petrópolis: Vozes, 2008, 3 volumes. Tradução e revisão: Ephraim Ferreira Alves.
- DOSSIÊ: Corpo. Anais do Museu Paulista, São Paulo, v. 3, n. 1, 1995.
- DEL PRIORE, Mary. Corpo a corpo com a Mulher. Pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil. São Paulo: SENAC, 2000.
- HARAWAY, Donna. “Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX.” In SILVA, Tomaz Tadeu da. Org. Antropologia do ciborgue. As vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- LOURO, Guacira. Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: _____. O corpo educado. Pedagogias da Sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p. 7-34.
- LOURO, Guacira Lopes. Um corpo estranho. Ensaio sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- SANT’ANNA, Denise. Políticas do corpo. São Paulo: Estação Liberdade, 1995. _____. Corpos de passagem. Ensaio sobre a subjetividade contemporânea. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.
- PORTER, Roy. História do corpo. In: BURKE, Peter (org.). A escrita da história: novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992
- VIGARELLO, Georges. História da Beleza: o corpo e a arte de se embelezar, do renascimento aos dias de hoje. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

HISTÓRIA E LITERATURA

Discussão analítica acerca das relações entre os campos da História e da Literatura, ressaltando-se as formas de aproximações, os diálogos possíveis, suas especificidades, potencialidades e problemas.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- AUBERBACH, Erich. Mimese. A representação da realidade na literatura ocidental. São Paulo: Perspectiva, 1994.
- BAKHTIN, Mikhail. Questões de literatura e de estética: a teoria do romance. São Paulo: Hucitec, 2010.
- BURKE, Peter (Org.) A escrita da história: novas perspectivas. São Paulo. UNESP, 1992.
- CHARTIER, Roger. A história cultural entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- CHARTIER, Roger. Cultura Escrita, Literatura e História. Porto Alegre: ARTMED, 2001.
- GINZBURG, Carlo. O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- POMIAN, K. História e ficção. Projeto História. São Paulo: PUC-SP, v. 23, jun. 2003. p. 11-45.
- RICOEUR, Paul. Tempo e narrativa. Campinas: Papyrus, 1994-98. 3 v.
- WATT, Ian. A ascensão do romance. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- WHITE, Hayden. Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura. São Paulo:

HISTÓRIA E ANTROPOLOGIA

A partir do enfoque no(s) conceito(s) de cultura e relativismo cultural, o objetivo do curso é introduzir discussões sobre as trocas interdisciplinares em regiões fronteiriças entre a história e a antropologia social e cultural.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- DARNTON, Robert. História e antropologia. In: O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.



- GEERTZ, Clifford. Anti anti-relativismo. In: Nova luz sobre a antropologia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- GURIÉVITCH, Aaron. Conclusão. Da história das mentalidades à antropologia histórica. In: A síntese histórica e a Escola dos Anais. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- GINZBURG, Carlo. O inquisidor como antropólogo. Revista Brasileira de História, v. 1, n. 21. São Paulo: ANPUH, set. 90/fev.91.
- LARAIA, Roque de Barros. Cultura: Um conceito antropológico. 7ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- LE ROY LADURIE, Emmanuel. Da inquisição à etnografia. In: Montailou, povoado occitânico, 1294-1324. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: BURKE, Peter (Org.). A escrita da história: novas perspectivas. São Paulo: Ed. Unesp, 1992.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. Raça e história. In: Os pensadores. 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- THOMAS, Keith. Historia y antropologia, Historia Social, 3 (1989), pp. 62-80.
- THOMPSON, E. P. Folclore, antropologia e história social. In: As peculiaridades dos ingleses e outros artigos. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 2001.

HISTÓRIA E CIDADE

A cidade como objeto do historiador e as diversas concepções de História Urbana. Constituição dos sujeitos, espaços e territórios urbanos na historiografia. A Cidade no debate interdisciplinar.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- BRESCIANI, Maria Stella (org.). As Palavras da Cidade. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2001.
- BRESCIANNI, Maria Stella M. "História e Historiografia das Cidades, Um percurso". In: FREITAS, M.C.(org.) Historiografia Brasileira em Perspectiva. 2.ed. São Paulo. Contexto, 1998, p. 237-258.
- CALVINO, Ítalo. Cidades Invisíveis. São Paulo: Cia das Letras, 1995.
- CASTELLS, Manuel. A questão urbana. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- DAVIS, Mike. Planeta Favela. São Paulo: Boitempo Editorial, 2006.
- FENELON, Déa Ribeiro.(org.) Cidades. São Paulo: Olho d'Água, 1999.
- LAPA, J. R. do Amaral. A cidade: os cantos e os antros: Campinas 1850-1900. São Paulo: Ed. Campinas/ Ed. USP, 2008.
- OLIVEIRA, Lúcia Lippi (org.). Cidade: história e desafios. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2002, p. 16-35.
- PINHEIRO, E.P; GOMES, M.A. de F. A cidade como história: os arquitetos e a historiografia da cidade e do urbanismo.
- RAMINELLI, Ronald. "Historia Urbana". In: CARDOSO, C.F; VAINFAS, R (orgs.) Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p.185-202.

HISTÓRIA E CIÊNCIAS SOCIAIS

Disciplina de oferta aberta, de aprofundamento em temas interdisciplinares nos campos da História e Sociologia, Antropologia, Ciência política e demais Ciências Sociais, com suas áreas conexas.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- BAUMAN, Zygmunt. Modernidade e holocausto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p. 9-50.
- BRAUDEL, Fernand. História e ciências sociais. Lisboa: Editorial Presença, 1990, p. 33-39.
- CLASTRES, Pierre. A sociedade contra o Estado. São Paulo: Cosac&Naif, 2003.
- DOSSE, François. História e ciências sociais. Bauru: EDUSC, 2004.
- FEIERSTEIN, Daniel. El genocidio como práctica social: entre el nazismo y la experiencia argentina. 2ª ed. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2011, p. 87- 139.



- FONTANA, Josep. História: análise do passado e projeto social. Bauru: EDUSC, 1998, p. 137-155; 169-186; 217-251.
- FOUCAULT, Michel. Em defesa da sociedade. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 285-316.
- GIDDENS, Anthony. O Estado-nação e a violência: segundo volume de uma crítica contemporânea ao materialismo histórico. São Paulo: EDUSP, 2008, p. 27-59.
- HARVEY, David. Condição pós-moderna. 24ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.
- _____. Dezessete contradições e o fim do capitalismo. São Paulo: Boitempo, 2016, p. 9-27; 59-72; 261-275.
- MÉSZÁROS, István. O desafio e o fardo do tempo histórico. São Paulo: Boitempo editorial, 2011, p. 13-45; 85-89; 141-147; 317-319.
- SAHD, Fabio B. Vidas matáveis, propriedades roubáveis. As violações de direitos humanos e humanitários dos palestinos vivendo sob ocupação: possíveis interpretações. São Paulo: Programa Diversitas (tese de doutorado, FFLCH-USP), 2017, p. 207-248.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: _____; MENESES, Maria Paula (orgs.). Epistemologias do Sul. São Paulo: Cortez, 2010, p. 31-66.
- WEBER, Max. Conceitos básicos da sociologia. São Paulo: Centauro, 2002, p. 9-39; 55-59; 61-65; 67-70; 77-81; 89-92; 107-108.

HISTÓRIA E GÊNERO

Da história das mulheres aos estudos de gênero: a trajetória da elaboração de um conceito. Estudos de gênero como categoria de pesquisa histórica e construção de conhecimento. Os processos de naturalização e de construção das identidades e das subjetividades de gênero em diferentes espaços culturais e temporalidades

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- BUTLER, Judith P. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Editora Civilização. Brasileira, 2003. 236 p. Tradução de Renato Aguiar.
- CONNEL, R. e MESSERSCHMIDT, J. W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. Estudos Feministas, Florianópolis, 21(1): 241-282, janeiro-abril/2013.
- RIAL, Carmen; PEDRO, Joana. AREND, Silvia Maria Fávero. (orgs.) Diversidades: dimensões de gênero e sexualidade. Ilha de Santa Catarina: Mulheres, 2010.
- PEDRO, Joana. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. HISTÓRIA, SÃO PAULO, v.24, N.1, P.77-98, 2005
- PEDRO, Joana Maria. Relações de gênero na pesquisa histórica. Revista Catarinense de História, n. 2, p.35-44, 1994.
- PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). Nova História das Mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2013.
- RAGO, Margareth. Epistemologia feminista, gênero e história. In: PEDRO, Joana Maria e GROSSI, Miriam Pillar. Masculino, feminino, plural: gênero e interdisciplinaridade. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998, p.21-41
- SCOTT, Joan Wallach. "Gênero: uma categoria útil de análise histórica". Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99.
- SOIHET, Rachel e MATOS; Maria Izilda S. de. Gênero em debate: trajetórias e perspectivas na historiografia contemporânea. São Paulo: Educ, 1997

HISTÓRIA E IMAGEM

O trabalho do historiador com fontes iconográficas: a imagem como documento e como monumento; da análise iconográfica e iconológica à história cultural da imagem. A fotografia no século XIX: diferentes processos e técnicas; a pose nos estúdios, cenário, representação, fotografia como comunicação não-verbal. A fotografia no século XX: a expansão do retrato amador; a fotografia nos periódicos.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA



- BURKE, Peter. Testemunha ocular: história e imagem. Bauru/SP: EDUSC, 2004.
- CARDOSO, Ciro F.; MAUAD, Ana Maria. História e imagem: os exemplos da fotografia e do cinema. In: CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- CIAVATTA, Maria. O mundo do trabalho em imagens: a fotografia como fonte histórica (Rio de Janeiro, 1900-1930). Rio de Janeiro: DPA, 2002.
- COELHO NETO, J. Teixeira. Semiótica, informação e comunicação. São Paulo: Perspectiva, 1989.
- FABRIS, Annateresa (Org.). Fotografia: usos e funções no século XIX. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.
- _____. Identidades virtuais: uma leitura do retrato fotográfico. Belo Horizonte: UFMG, 2004.
- FREUND, Gisele. La fotografia como documento social. Barcelona: Gustavo Gili, 1976.
- GINZBURG, Carlo. Medo, reverência, terror: quatro ensaios de iconografia política. São Paulo: Cia. Letras, 2014.
- KOSSOY, Boris. Dicionário histórico-fotográfico brasileiro: fotógrafos e ofício da fotografia no Brasil (1833-1910). São Paulo: Instituto Moreira Sales, 2002a. _____. Fotografia e história. 2. ed. rev. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- VOVELLE, Michel. Imagens e imaginário na História. São Paulo: Ática, 1997.

HISTÓRIA E MUSEUS

Relação História e Museologia; conceitos em museologia; políticas museais; tipologia dos museus; público visitante; representações, memória social e identidades culturais nas exposições, iniciativas do historiador nos museus: planejamento museológico, atividades de ação educativa, organização de acervos e exposições; instituições museológicas regionais.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- BREFE, Ana Cláudia Fonseca. Os primórdios do museu: da elaboração conceitual à instituição pública. Projeto História. São Paulo: PUC, n. 17, jul.dez. 1998, p. 281-315.
- BRUNO, Maria Cristina Oliveira. (org.). O ICOM-Brasil e o pensamento museológico brasileiro. São Paulo: Pinacoteca do Estado; Secretaria de Estado da Cultura; Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010, vol. I e II.
- CONSELHO Internacional de Museus. Como gerir um museu: manual prático. França: UNESCO, 2004, 250 p.
- DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François Mairesse. Conceitos-chave de museologia. São Paulo: ICOM-BR; Pinacoteca do estado de São Paulo; Secretaria de Estado da Cultura, 2013, 98 p.
- SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. Museus brasileiros e política cultural. Revista Brasileira de Ciências Sociais. Vol. 19, n. 55, p. 53-72, 2004.
- GUEDES, Angela Cardoso. A formação da coleção de brinquedos do Museu Histórico Nacional: memórias afetivas, história e histórias. Anais do Museu Histórico Nacional. Rio de Janeiro. vol. 42, p. 107-123, 2010.
- MENESES. Ulpiano Bezerra de. Como explorar um museu histórico. São Paulo: Museu Paulista/USP, 1992.
- MINISTÉRIO da Cultura. A imaginação museal: os caminhos da democracia – relatório. Brasília: MinC/IPHAN/DEMU, 2004.
- MIDAS – Museus e Estudos Interdisciplinares. Porto: Universidade do Porto, 2017.
- MUSAS – Revista Brasileira de Museus e Museologia. Rio de Janeiro: IPHAN/DEMU, ano II, 2006, n. 2.
- MUSAS – Revista Brasileira de Museus e Museologia. Rio de Janeiro: IPHAN/DEMU, ano III, 2007, n. 3.

HISTÓRIA E NATUREZA

Discussão analítica acerca da produção histórico-cultural de ideias, conceitos e sentimentos sobre o mundo natural. A história ambiental como campo de investigação das formas de



interação entre comunidades humanas e não humanas ao longo do tempo. O tema da natureza na historiografia contemporânea.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- CAPRA, Fritjof. As conexões ocultas: ciência para uma vida sustentável. São Paulo: Cultrix, 2002.
- CORBIN, Alain. O território do vazio: a praia e o imaginário ocidental. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- CROSBY, Alfred W. Imperialismo Ecológico: A Expansão Biológica da Europa, São Paulo, Companhia das Letras, 1997.
- DEAN, Warren. A Ferro e Fogo: A História e a Destruição da Mata Atlântica Brasileira, São Paulo, Companhia das Letras, 1998.
- DRUMMOND, José Augusto. A História Ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa. Estudos Históricos, n. 8, 1991.
- FRANCO, José Luiz de Andrade et al. (orgs). História ambiental: territórios, fronteiras e biodiversidade. Vol. 2. Rio de Janeiro: Garamond, 2016.
- PÁDUA, José Augusto. As bases teóricas da história ambiental. In: Estudos avançados. Instituto de Estudos Avançados – USP, v. 24, n. 68, jan/abril 2010.
- PONTING, Clive. Uma história verde do mundo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.
- THOMAS, Keith. O homem e o mundo natural: mudanças de atitudes em relação à plantas e aos animais (1500-1800). São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- WORSTER, Donald. “Para Fazer História Ambiental”, Estudos Históricos, n. 8, 1991.

HISTÓRIA E PATRIMÔNIO

Estudo de interações conceituais e práticas entre o conhecimento histórico e o patrimônio em suas dimensões históricas, culturais e ambientais.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Org.). Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.
- ARANTES, Antônio Augusto Arantes. Produzindo o passado. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- FUNARI, Pedro Paulo; PELEGRINI, Sandra C. A. Patrimônio Histórico e Cultural. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- GONÇALVES, J. Reginaldo Santos. A retórica da perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; MinC-Iphan, 2002.
- KERSTEN, Márcia. Os rituais do tombamento e a escrita da história: bens tombados no Paraná entre 1938-1990. Curitiba, Editora da UFPR, 2000.
- OLIVEIRA, Lúcia Lippi. Cultura é patrimônio: um guia. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2008.
- RAMOS, Francisco Régis Lopes. A danoção do objeto: o museu no ensino de História. Chapecó (SC), Argos, 2004.
- RAMOS, Francisco Régis Lopes. A danoção do objeto. Chapecó: ARGOS, 2004.
- SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. A escrita do passado em museus históricos. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.
- SILVA, Marcos Antonio da. História: o prazer em Ensino e Pesquisa. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- SILVA, Zélia Lopes de. Arquivos, Patrimônio e Memória. Trajetórias e Perspectivas. São Paulo: Editora da UNESP, 1999.

HISTÓRIA E TEATRO

O campo teatral como linguagem autônoma. As possibilidades de diálogo com outras linguagens. As múltiplas formas teatrais como campo de pesquisa em história. Teatro brasileiro. Teatro Político. Teatro Engajado. Teatro Militante. Século XX.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA



- BATISTA, Natália. Nos Palcos da História: Teatro, Política e Liberdade, liberdade. Belo Horizonte, Letra e Voz, 2017.
- BRANDÃO, Tania. Uma empresa e seus segredos: Companhia Maria Della Costa. São Paulo: Perspectiva; Rio de Janeiro: Petrobras, 2009.
- CAMARGO, Angélica Ricci. Em busca de uma política para o desenvolvimento do teatro brasileiro: as experiências da Comissão e do Serviço Nacional de Teatro (1936- 1945). Rio de Janeiro, 2011. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- CARDOSO, Maria Abadia. Mortos sem Sepultura: diálogos cênicos entre Sartre e Fernando Peixoto. São Paulo: Hucitec, 2011.
- COLAÇO, Vera Regina. O Teatro da União Operária – um palco em sintonia com a modernização brasileira. Florianópolis, 2004. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina.
- COSTA, Rodrigo de Freitas. Tambores na Noite: a dramaturgia de Brecht na cena de Fernando Peixoto. São Paulo: Hucitec, 2010.
- GARCIA, Miliandre. Ou vocês mudam ou acabam: teatro e censura na ditadura militar (1964-1988). Rio de Janeiro, 2008. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- GODOY, Alexandre Pianelli . Nelson Rodrigues: o fracasso do moderno no Brasil. São Paulo: Alameda, 2012.
- NASCIMENTO, Francisco de Assis de Sousa. Teatro dialógico: Benjamim Santos em incursão pela história e memória do teatro brasileiro. Niterói, 2009. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense.
- PATRIOTA, Rosângela. Vianinha: um dramaturgo no coração de seu tempo. São Paulo: Hucitec, 1999.

HISTÓRIA INDÍGENA

Estudo das populações indígenas no Brasil e das políticas indigenistas, bem como sobre as diferentes abordagens historiográficas relativas à representação dessas populações entre os séculos XVI e XXI e suas perspectivas teóricas e de ensino.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- ALMEIDA, Maria Regina Celestino. Os índios na história do Brasil. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.
- BANIWA, Gersem. O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. História das populações indígenas na escola: memórias e esquecimentos. In: PEREIRA, Amílcar Araujo; MONTEIRO, Ana Maria (Orgs.). Ensino de histórias afro-brasileiras e indígenas. Rio de Janeiro: Pallas, 2013. p. 101-132.
- BRIGHENTI, Clovis Antonio. Estrangeiros na própria terra: presença Guarani e Estados Nacionais. Chapeco: ARGOS: Ed. da UFSC, 2010.
- CUNHA, Manuela Carneiro da. História dos Índios no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras; Secretaria Municipal de Cultura; FAPESP, 1992.
- CUNHA, Manuela Carneiro da (org.) Legislação Indigenista no Século XIX. São Paulo: Edusp, 1992.
- FREIRE, Carlos Augusto da Rocha (org.). Memória do SPI: textos, imagens e documentos sobre o Serviço de Proteção aos Índios. Rio de Janeiro: Museu do Índio – FUNAI, 2011.
- FREIRE, Carlos Augusto da Rocha. O SPI na Amazônia: política indigenista e conflitos regionais (1910-1932). 2ª ed., Rio de Janeiro: Museu do Índio, 2009. (série publicação avulsa do Museu do Índio).
- MONTEIRO, John Manuel (org.). Guia de Fontes para a história indígena e do indigenismo em arquivos brasileiros: acervo das capitais. São Paulo: Ed. FAPESP, 1994.



NÖTZOLD, Ana Lúcia Vulfe; ROSA, Helena Alpini; BRINGMANN, Sandor Fernando. Etnohistória, história indígena e educação: contribuições ao debate. Porto Alegre: Pallotti, 2012.

RIBEIRO, Darcy. Os índios e a civilização: a integração das populações indígenas no Brasil moderno. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SILVA, Aracy Lopes; GRUPIONI, Luís Donisete Benzi (orgs). A temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus. Brasília: MEC/MARI/UNESCO, 1995.

HISTÓRIA ORAL

Estudo da teoria e da metodologia da história oral na produção do conhecimento histórico e nas interfaces interdisciplinares no campo das ciências humanas e sociais. Compreensão das dimensões conceituais da memória e da narrativa na produção e interpretação das fontes orais e oralidades. Estudo da história oral na historiográfica contemporânea e emprego na pesquisa, ensino e extensão.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSK, CARLA BASSANEZI (Org.). Fontes históricas. São Paulo: Contexto, 2006.

AMADO, Janaína. O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em História Oral. História, São Paulo, n. 14, p. 125-136, 1995

BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: Lembrança de velhos. São Paulo: SP. T.A. Editor, 1979.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História oral: velhas questões, novos desafios. In: VAINFAS, RONALDO; CARDOSO, CIRO F. (Org.). Novos domínios da História. Rio de Janeiro: Elsevier Brasil, 2012.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: Estudos históricos, Rio de Janeiro: FGV, nº 3, 1989.

PORTELLI, Alessandro. Forma e significado na história oral. A pesquisa como um experimento em igualdade. Projeto História, v. 14, p. 7–24, fev. 1997.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. Projeto História, v. 14, fev. 1997.

POZZI, Pablo. Esencia y práctica de la historia oral. Revista Tempo e Argumento, vol. 4, núm. 1, jan/jun, 2012.

RICOEUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA

Análise e contextualização da produção historiográfica no Brasil, sua institucionalização/disciplinarização nos séculos XIX e XX, com ênfase nas suas bases teóricas, metodológicas e conceituais, fomentando-se a discussão acerca de suas principais orientações, problema e encaminhamentos.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ALONSO, Ângela. Ideias em movimento: a geração de 1870 na crise do Brasil Império. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

ARAUJO, Ricardo Benzaquen. Ronda noturna: narrativa, crítica e verdade em Capistrano de Abreu. Estudos históricos, 1, 1988. (disponível em <http://www.cpdoc.fgv.br/comum/htm/>).

BOTELHO, André et al. (orgs). O moderno em questão: a década de 1950 no Brasil. Rio de Janeiro: Topbooks, 2008

BOTTMANN, Denise G. Padrões explicativos da historiografia brasileira. 2.ed.Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1999.

BURMESTER, A. M. O. A (des)construção do discurso histórico: a historiografia brasileira dos anos 70. 2.ed. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998.



DIHEL, Astor Antônio. A cultura historiográfica brasileira: do IHGB aos anos 1930. Passo Fundo: UPF, 1998.

DIHEL, Astor Antônio. A cultura historiográfica brasileira: da década de 1930 aos anos 1970. Passo Fundo: UPF, 1999.

FREITAS, Marcos C. (org.). Historiografia brasileira em perspectiva. São Paulo: Contexto, 1998.

GUIMARÃES, M.L.S. Nação e civilização nos trópicos: o IHGB e o projeto de uma história nacional. Estudos históricos, 1, 1988. (disponível em <http://www.cpdoc.fgv.br/comum/html/>)

JAPÃO, CHINA E ORIENTE MÉDIO: QUESTÕES CONTEMPORÂNEAS

O Conceito de Oriente e suas influências na produção teórica e cultural contemporânea. Aspectos da História da China e Japão no século XX e XXI. O Oriente Médio e a história do tempo presente. Cultura pop: China, Japão, Coreia e seu impacto na contemporaneidade.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

GOODY, Jack. O Roubo da História: como os europeus se apropriaram das idéias e invenções do Oriente. São Paulo: Contexto, 2008

HOBBSBAWM, Eric. A era dos extremos. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

ORTIZ, Renato. O próximo e o distante: Japão e modernidade mundo. São Paulo: Brasiliense, 2000

PEREIRA, Ronan Alves; SUZUKI, Tae (orgs.). O Japão no Caleidoscópio: Estudos da Sociedade e da História Japonesa. Campinas, SP: Pontes Editores, 2014.

SAHD, Fábio Bacila. Palestinos: as vítimas ulteriores do Holocausto. Revista Tempo, Espaço e Linguagem (TEL), v.2, nº 3, p.143-171, Set./ Dez. 2011.

SAID, Edward. A questão da Palestina. São Paulo: Editora Unesp, 2012.
_____. Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2007

SATO, Cristiana A. Japop – o poder da cultura pop japonesa. São Paulo: Livro Certo Editora, 2007.

SHU, Sheng. Uma História da China Popular do Século XX. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011

RAI, Milan. Iraque: plano de guerra, dez razões contra a guerra ao Iraque; com um capítulo de Noam Chomsky; Tradução Luiz Antônio Aguiar. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

PENSAMENTO SOCIAL BRASILEIRO E HISTORIOGRAFIA

Discussão analítica acerca da produção do Pensamento Social Brasileiro, voltando se à análise das principais obras e correntes interpretativas, bem como aos temas recorrentes: nação, identidade, raça e escravidão, centro e periferia, desenvolvimento / subdesenvolvimento / desenvolvimentismo e cultura brasileira. Discussão acerca das grandes interpretações do Brasil problematizando-se os contextos históricos nos quais foram produzidas e suas vinculações a estes mesmos contextos.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ALONSO, Ângela. Ideias em Movimento: A geração 1870 na crise do Brasil-Império. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

BOTELHO, André. Passado e futuro das interpretações do país. Tempo Social. São Paulo, v. 22, p. 47-66, 2010.

BOTELHO, André e SCHWARCZ, Lilia M. (orgs.). Um enigma chamado Brasil: 29 intérpretes e um país. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

BOTELHO, André e SCHWARCZ, Lilia M. (orgs.). Agenda brasileira: temas de uma sociedade em mudança. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

BRANDÃO, Gildo M. Linhagens do pensamento político brasileiro. São Paulo: Hucitec, 2007.

MICELI, Sérgio. (org.). O que ler na Ciência Social Brasileira (1970-2002). Vol. 4. São Paulo: Editora Sumaré; ANPOCS / Brasília: CAPES, 2002.



MORAES, Reginaldo (et alli). Inteligência Brasileira. São Paulo: Brasiliense, 1986.
MOTA, Lourenço Dantas (org.) Introdução ao Brasil: um banquete no trópico. 2 Vols. São Paulo: Editora Senac, 2004.
RICÚPERO, Bernardo. Sete lições sobre as interpretações do Brasil. São Paulo: Alameda, 2008.
SANTOS, Wanderley Guilherme dos. Paradigma e história: a ordem burguesa na imaginação social brasileira (1966). In Roteiro Bibliográfico do Pensamento Político-Social Brasileiro (1870-1965). Belo Horizonte; Rio de Janeiro: Editora UFMG; Casa de Oswaldo Cruz, 2002.

HISTÓRIA E HUMANIDADES

A Modernidade e as ciências humanas; epistemologias das Ciências Humanas; O lugar da Historiografia nas Ciências Humanas; Teorias Sociais; Perspectivas contemporâneas no estudo das Ciências Humanas.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BERTHELOT, Jean-Michel. Sociologia, história e epistemologia. Ijuí: Unijuí, 2005.
BURKE, Peter. Sociologia e história. Porto: Afrontamento, 1990.
BURKE, Peter. História e teoria social. São Paulo: Unesp, 2002.
DORTIER, Jean- François. Dicionário de ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
FOUCAULT, Michel. As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
GIDDENS, Anthony. A constituição da sociedade. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
LATOUR, Bruno. Cogitamus: seis cartas sobre as humanidades científicas. São Paulo: 34, 2016.
NORRIS, Christopher. Epistemologia: conceitos-chave em filosofia. Porto Alegre, Artmed, 2007.
ROWLAND, Robert. Antropologia, história e diferença: alguns aspectos. 3. ed. Porto: Afrontamento, 1997.
SANTOS, Boaventura de Sousa. Um discurso sobre as ciências. 12. ed. Porto: Afrontamento, 2001.
STENGERS, Isabelle. A invenção das ciências modernas. São Paulo: 34, 2002.

RECEPÇÕES DO MUNDO ANTIGO

Estudo histórico de diferentes olhares sobre a antiguidade. Aspectos de recepção e reinvenção do mundo antigo em suas distintas linguagens, formas e temporalidades.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BAKOS, Margaret Marchiori. Fatos e mitos do antigo Egito Antigo. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. 2004.
_____. Egiptomania– O Egito no Brasil. Paris Editorial: São Paulo,
CARDOSO, Ciro Flamarion. Sete Olhares Sobre a Antiguidade. Brasília: UNB, 1994.
FUNARI, Raquel dos Santos. Imagens do Egito Antigo. São Paulo: Annablume, 2007.
_____. Visões modernas do Egito Antigo: considerações a partir de uma pesquisa de campo. 2004.
GUARINELLO, Norberto Luiz. História antiga. São Paulo: Editora Contexto. 2013.
HARTOG, François. O Espelho de Heródoto: Ensaio sobre a Representação do outro. BH: UFMG.
JOLY, Martine. Introdução à Análise da Imagem. Campinas: Papyrus, 8a ed. 2005.

LEITURA E ESCRITA ACADÊMICA DA HISTÓRIA

Estudo da especificidade do texto acadêmico na área de história e das competências e habilidades apreendidas em sua leitura e escrita. Estudo de noções e ferramentas básicas de leitura e compreensão conceitual: resumo, fichamento e resenha. Estudo de noções e



ferramentas de criação e argumentação da escrita histórica e historiográfica para diferentes estilos, gêneros e públicos. Aspectos da elaboração e editoração de textos científicos: pessoalidade, formalidade, vocabulários, citação e referências bibliográficas. A utilização de ferramentas informacionais de referenciação e citação na escrita acadêmica de história.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BECKER, Howard. Truques da escrita: para começar e terminar teses, livros e artigos. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. Cortez, 1986.

GARCIA, O. M. Comunicação em Prosa Moderna: Aprenda a Escrever, Aprendendo a Pensar; Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

KLEIMAN, A. B. Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura. - 7ª edição – Campinas, SP: Pontes, 2000.

LEITE, Ligia Chiappini M. (coord.) Aprender e ensinar com textos. São Paulo: Cortez, 1997. v. 1-10.

LUCA, Tania Regina de. Práticas de pesquisa em história. São Paulo: Contexto, 2020.

MACHADO, A. R.I; LOUSADA, E. G; ABREU-TARDELLI, L. S. Planejar gêneros acadêmicos: escrita científica-texto acadêmico-diário de pesquisa-metodologia; São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

MEDEIROS, J. B. Redação Científica: A Prática de Fichamentos, Resumos, Resenhas; São Paulo.

PIETRI, E. Práticas de leitura e elementos para a atuação docente. 1. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

EMPREENDEDORISMO SOCIOCULTURAL

Estudo crítico de noções e usos de empreendedorismo mercadológicos exclusivos. Acompanhamento e sistematização de demandas sociais de atuação sociocultural pelo profissional da história. Inventário de possibilidades de criação, formulação de projetos e programas de empreendedorismo sociocultural histórico: histórias públicas, histórias locais e regionais, acervos e patrimônios culturais, ações educativas e culturais não formais, comunitárias e não governamentais. Estudo da legislação e regulamentação aplicada a editais de fomento da educação e da cultura. Elaboração e tramitação de projeto de empreendedorismo sociocultural.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ALVORD, S. H.; BROWN, L. D.; LETTS, C. W. Social entrepreneurship and societal transformation: an exploratory study. The Journal of Applied Behavioral Science, v. 40, n. 3, p. 260–282, 2004. doi: <https://doi.org/10.1177/0021886304266847>

» <https://doi.org/10.1177/0021886304266847>

APPLE, M. W.; BEANE, J. A. (Comp.). Escuelas democráticas Madrid: Morata, 1999.

AZEVEDO, A. J. S. Do processo de despolitização das experiências formativas no campo da educação não formal às formas de resistência dos educadores sociais. In: REUNIÃO NACIONAL DA ANPED, 36., 2013, Goiânia. Anais. Goiânia: ANPED, 2013. p. 121.

BITTENCOURT, I. M. et al. Empreendedorismo Social, seus pressupostos e sua aplicação no desenvolvimento de competências. Atas: Investigação Qualitativa nas Ciências Sociais, v. 3, 2015.

BRASIL. Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: <www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 23 jul. 2017. » www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm

CENTRO POPULAR DE CULTURA E DESENVOLVIMENTO (CPCD). É possível fazer educação de qualidade sem escolas. 2015. Disponível em: <http://www.cpcd.org.br/portfolio/e_possivel_fazer_educacao_de_qualidade_100_escola/#> Acesso em: 23 jul. 2017.

FREIRE, P. A educação na cidade 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.



MARX, K.; ENGELS, F. Manifesto Comunista. São Paulo: CHED, 1980.
NOSELLA, P.; AZEVEDO, M. L. N. A educação em Gramsci. Rev. Teoria e Prática da Educação, v.15, n.2, pp. 25–33, maio/ago. 2012.
OLIVEIRA, I. B. Boaventura & a Educação 2. ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

CONTEMPORANEIDADE, SOCIEDADE E HISTÓRIA

Problematização de temas e tópicos sociais atuais, debatidos e analisados a partir da ênfase em diferentes perspectivas históricas e sociológicas.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

AGAMBEN, G. Meios sem fim: notas sobre a política. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2017.
ALVES, Fábio L. et al (orgs). Ciências sociais e sociedade: políticas e práticas sociais na contemporaneidade. São Leopoldo, RS : Trajetos Editorial, 2017.
ARAÚJO, Bruno et al. (orgs). História e contemporaneidade: articulando espaços, construindo conhecimentos. Recife: ANPUH, PE, 2015.
<https://editora.ufpe.br/books/catalog/book/219>
CATELLS, M. A Sociedade em rede. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
_____. O fim do milênio. Lisboa : Calouste Gulbenkian, 2003.
HARTOG, F. Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
HUYSEN, Andreas. Políticas de memória no nosso tempo. Lisboa : Universidade Católica Editora, 2014. https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/30072/3/Politica_de_memoria.pdf
LATOURETTE, Bruno. Jamais fomos modernos : ensaio de antropologia simétrica. Rio de Janeiro : São Paulo : 34, 1997.
LAZZARATO, Maurizio. Sujeição e servidão no capitalismo contemporâneo. Cadernos de subjetividade, PuC-Sp, v. 12, 2010, p. 168-179.
<https://revistas.pucsp.br/index.php/cadernossubjetividade/article/view/38458/26117>
SANTOS, Boaventura de Sousa. Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade. 13. ed. São Paulo : Cortez, 2010.
SANTOS, Boaventura de Sousa. Um discurso sobre as ciências. 12. ed. Porto: Afrontamento, 2001.

EXTENSÃO I

Estudo teórico e prático de natureza extensionista aplicada à formação do profissional da história em ações, atividades e projetos de história local e história regional, com ênfase nas articulações entre o ensino e pesquisa em abordagens trans e multidisciplinares.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

DE PAULA, João Antônio. A extensão universitária: história, conceito e propostas. Interfaces-Revista de Extensão da UFMG, v. 1, n. 1, p. 5-23, 2013
FARIA, D. S. (Org.). Construção Conceitual da Extensão Universitária na América Latina. Brasília: UnB, 2001.
FREIRE, P. Educação como prática da liberdade 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.
FREIRE, P. Extensão ou comunicação? 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
MAUAD, Ana Maria; DE ALMEIDA, Juniele Rabêlo; SANTHIAGO, Ricardo (Ed.). História Pública no Brasil: sentidos e itinerários. Letra e Voz, 2016.
SANTOS, Boaventura de Sousa; ALMEIDA FILHO, Naomar de. A universidade no século XXI: para uma universidade nova. Almedina, 2008.

EXTENSÃO II

Estudo teórico e prático de natureza extensionista aplicada à formação do profissional da história em ações, atividades, projetos e programas vinculados ao patrimônio cultural e natural e ao incremento, preservação e salvaguarda de acervos documentais pessoais, familiares, comunitários, de museus, de arquivos, de centros de documentação e de centros



culturais, na articulação com o ensino e a pesquisa em diálogo com abordagens trans e multidisciplinares.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Centro Gráfico, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 19 jan. 2021.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Plano Nacional de Educação PNE 2014-2024: Linha de Base. Brasília, DF: Inep, 2015. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/documents/186968/485745/Plano+Nacional+de+Educa%C3%A7%C3%A3o+PNE+2014-2024++Linha+de+Base/c2dd0faa-7227-40ee-a520-12c6fc77700f?version=1.1>. Acesso em: 19 jan. 2021.

FORPROEX - Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras e SESu/MEC. Política nacional de extensão universitária. Forproex: Manaus, 2012. Disponível em: <https://proex.ufsc.br/files/2016/04/Pol%C3%ADtica-Nacional-de-Extens%C3%A3o-Universit%C3%A1ria-e-book.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2021.

GADOTTI, M. Extensão universitária: para quê. Instituto Paulo Freire. https://www.paulofreire.org/images/pdfs/Extens%C3%A3o_Universit%C3%A1ria_-_Moacir_Gadotti_fevereiro_2017.pdf. Acesso em: 11 jan. 2022.

NOGUEIRA, M. D. P. Políticas de extensão universitária brasileira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

EXTENSÃO III

Estudo teórico e prático de natureza extensionista aplicada à formação do profissional da história em ações, atividades, projetos e programas de referência, divulgação e educação com acervos históricos, culturais e naturais, na articulação com o ensino e a pesquisa em diálogo com abordagens trans e multidisciplinares.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BUFFA, E.; CANALES, P. R. Extensão: meio de comunicação entre universidade e comunidade. EccoS Revista Científica, São Paulo, v. 9, n.1, p. 157-169, jan./jun. 2007.

CARBONARI, M. E. E.; PEREIRA, A. C. A extensão universitária no Brasil, do assistencialismo à sustentabilidade. Revista de Educação, Itatiba, v. 10, n. 10, p. 23-28, 2007.

FREIRE, P. Extensão ou comunicação? 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992

GURGEL, R. M. Extensão Universitária: Comunicação ou domesticação? São Paulo: Cortez, 1986.

MELO NETO, J. F. Extensão universitária, autogestão e educação popular. João Pessoa: Ed. Universitária; UFPB, 2004. p. 210.

MENEZES NETO, P. E. Universidade: ação e reflexão. Fortaleza: Edições UFC; Imprensa Universitária, 1983. p. 233.

EXTENSÃO IV

Estudo teórico e prático de natureza extensionista aplicada à formação do profissional da história em ações, atividades, projetos e programas desenvolvidos pelos núcleos, linhas e grupos de pesquisa existentes no âmbito da graduação e pós-graduação em história, na articulação com o ensino e a pesquisa em diálogo com abordagens trans e multidisciplinares.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BOTOMÉ, Silvio Paulo. Pesquisa alienada e ensino alienante: o equívoco da extensão universitária. Petrópolis: Vozes, 1996.

CASTRO, Luciana Maria Cerqueira. A universidade, a extensão universitária e a produção de conhecimentos emancipadores. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 27., Caxambu, 2004. Anais.. Caxambu: ANPEd, 2004. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/27/inicio.htm>. Acesso em: 10 dez. 2004.



CERTEAU, M. de. A invenção do cotidiano: artes de fazer. Tradução de Ephaim Ferreira Alves. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

ESCOBAR, Arturo. Actores, redes e novos produtores de conhecimento: os movimentos sociais e a transição paradigmática nas ciências. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (Org.). Conhecimento prudente para uma vida decente São Paulo: Cortez, 2004. p. 639-666.

FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

8. FLUXOGRAMA

MODELO - ANEXO I

9. RECURSOS HUMANOS

9.1 Corpo Docente

SÉRIE	CURRÍCULO VIGENTE		NOVO CURRÍCULO	
	EFETIVOS	COLABORADORES	EFETIVOS	COLABORADORES
	20	12		

Não é possível definir quais são os professores efetivos e colaboradores por série/ano porque isso se altera de um ano para o outro. Especialmente porque, estamos com déficit de professores efetivos devido a aposentadorias e não substituição. Esperamos contar com mais professores efetivos para a implantação do novo currículo, ao menos as substituições das aposentadorias.

9.1.1 Classe

EFETIVOS	
CLASSE	NÚMERO DE PROFESSORES
Titular	x
Associado	11
Adjunto	7
Assistente	2
Auxiliar	x
TOTAL	20

9.1.2 Titulação

TITULAÇÃO	PROFESSORES EFETIVOS	PROFESSORES COLABORADORES
Graduado	x	x
Especialista	x	x



Mestre	1	2
Doutor	19	9
TOTAL	20	11

9.1.3 Regime de Trabalho

REGIME DE TRABALHO	NÚMERO DE PROFESSORES
Tempo Integral e Dedicção Exclusiva (TIDE)	20
Tempo Integral (40 horas)	x
Tempo Parcial (20 horas)	12*
TOTAL	32

A Prof.^a Dr.^a Lorena Zomer atualmente possui dois contratos de 20h. (efetivos + colaboradores)

10. RECURSOS MATERIAIS

10.1 Materiais e Equipamentos

É do entendimento desse colegiado que um levantamento de necessidades se dá a partir de um real conhecimento do perfil do aluno que vai entrar nesse novo currículo.

10.2 Laboratórios, Salas de Aula e Salas Especiais

É do entendimento desse colegiado que um levantamento de necessidades se dá a partir de um real conhecimento do perfil do aluno que vai entrar nesse novo currículo.

10.3 Biblioteca

Não se indica acréscimo imediato aos acervos.

11. ACESSIBILIDADE

Com exceção das rampas de acesso e banheiros, não temos equipamentos de acessibilidade, ou materiais de apoio de qualquer tipo.

12. OUTRAS INFORMAÇÕES

13. ANEXOS

Apresentar em anexo:

- Declaração de aceite dos Departamentos para cada disciplina da nova matriz curricular.

ANEXO II.

- Extrato de Ata de cada Departamento aprovando a oferta de disciplina(s).
- Tabela de equivalência de todas as disciplinas do currículo atual para o novo, com código e carga horária. No caso de cursos que são ofertados como Licenciatura e Bacharelado, ou Presencial e EaD, apresentar tabela de Equivalência entre eles. **ANEXO III**
- Extrato da Ata do Colegiado de Curso aprovando o novo Projeto.

Ponta Grossa, 31 de outubro de 2022

COORDENADOR(A) DO CURSO

